

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

NILZA GONZAGA ALVES

MINHA VIDA É UMA TELA ABERTA: DIÁRIOS DE JOVENS NO YOUTUBE

Niterói

2011

NILZA GONZAGA ALVES

**MINHA VIDA É UMA TELA ABERTA: DIÁRIOS DE JOVENS NO
YOUTUBE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Campo de Confluência: Diversidade, desigualdades sociais e educação.

Orientador: Prof^o Dr^o Paulo Cesar Rodrigues Carrano

**Niterói
2011**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

A474 Alves, Nilza Gonzaga.

Minha vida é uma tela aberta: diários de jovens no You Tube /
Nilza Gonzaga Alves. – 2011.

115 f.

Orientador: Paulo César Rodrigues Carrano.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Faculdade de Educação, 2011.

Bibliografia: f. 96-105.

1. You Tube (Site de relacionamentos). 2. Adolescente;
aspecto social. 3. Subjetividade. I. Carrano, Paulo César
Rodrigues. II. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de
Educação. III. Título

CDD 305.23



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

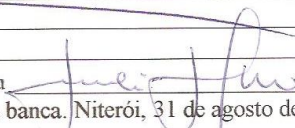
Programa de Pós-Graduação em Educação

Nº 920

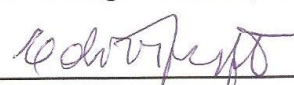
Ata da Defesa de Dissertação da
Mestranda **Nilza Gonzaga Alves**, na forma que
se segue:

Aos trinta e um dias do mês de agosto de dois mil e onze, às quatorze horas, na sala 207 - do bloco D da Faculdade de Educação do Campus do Gragoatá, instalou-se a banca examinadora da Dissertação de Mestrado em Educação de **Nilza Gonzaga Alves**, formada pelos seguintes professores doutores: **Paulo Cesar Rodrigues Carrano (UFF/Presidente)**, **Edith Ione dos Santos Frigotto (UFF)**, **Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald (UERJ)** e **João Batista de Abreu Junior (UFF)**. Abertos os trabalhos, o presidente da banca passou a palavra à mestranda para que expusesse oralmente o seu trabalho intitulado "**MINHA VIDA É UMA TELA ABERTA: ESTUDO DE CASO SOBRE DIÁRIOS DE JOVENS NO YOUTUBE**". Feita a exposição, o presidente da banca passou a palavra aos outros componentes para que arguissem a mestranda, para, a seguir, também comentar o trabalho e as observações feitas pelos professores que a antecederam. Feitos os comentários e arguições, a banca se reuniu e emitiu o seguinte parecer:

Aprova por unanimidade a dissertação pela qualidade do texto, a relevância do tema, a originalidade da abordagem teórico-metodológica do estudo e sua contribuição para o entendimento das subjetividades juvenis contemporâneas em sua interface com a internet. E sugere a publicação.

Nada mais havendo, foram encerrados os trabalhos e eu,  lavrei a ata que vai por mim assinada e pelos membros da banca, Niterói, 31 de agosto de 2011.


Paulo Cesar Rodrigues Carrano (UFF/Presidente)


Edith Ione dos Santos Frigotto (UFF)


Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald (UERJ)


João Batista de Abreu Junior (UFF)

MINHA VIDA É UMA TELA ABERTA: DIÁRIOS DE JOVENS NO YOUTUBE

NILZA GONZAGA ALVES

**Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade
de Educação da Universidade Federal Fluminense**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Cesar Rodrigues Carrano (Orientador)
Doutor em Educação - UFF

Profª. Dra. Edith Ione dos Santos Frigotto
Doutora em Educação - UFF

Prof. Dr. João Batista de Abreu
Doutor em Comunicação - UFF

Profª. Drª. Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald
Doutora em Educação - UERJ

Niterói, agosto de 2011

Para Aldemar Bandeira Neto
(para sempre)

...porque, se eu tivesse coragem de postar um desabafo no YouTube, eu confessaria que esta dissertação é só mais uma tentativa em dar sentido à vida, embora eu saiba que todos os sentidos da vida já não fazem mais sentido agora.

Agradecimentos

À minha mãe, Miguelina Graciete Alves, que tinha pouca intimidade com as letras e talvez por isso tanto orgulho por ter uma filha letrada. Em sua memória, todas essas 223.344 palavras e até os pingos nos *is*. Porque, como ela gostava de repetir, “para um bom entendedor, um pingo é letra”. Ela logo entenderia porque mereceu essa escrita.

Ao Prof. Armando Martins de Barros (*in memoriam*), que apostou no meu projeto e me iniciou nas tramas da pesquisa.

Ao meu orientador, professor Paulo Carrano, por todos os conceitos, teorias e autores que me apresentou; mas, principalmente, porque não só orientou. Cuidou.

Aos professores Edith Frigotto, João Baptista de Abreu e Maria Luiza Oswald, pela generosa atenção e disposição em dialogar com esse trabalho.

Aos companheiros do Mestrado, pela possibilidade de troca. Em especial ao Juliano, a Mariane e a Nádia, por estarem presentes nos momentos de inquietação.

Ao meu pai, Luiz Gonzaga Alves, com carinho, porque ainda segura minha mão quando preciso.

Aos meus irmãos, Adilson (*in memoriam*), Dedéu, Elzinha, Zezé, Edinha, Luizinho, Rosane, Etiene e Sheila, porque me fazem vivenciar a beleza das palavras irmão/irmã.

À “tchurma”, por estar presente em tantas páginas do meu diário.

Às amigas Denise, Rita e Rose, pelas confidências tantas, porque, muitas vezes, só as páginas do diário não comportavam as ensolaradas alegrias, derrapantes frustrações ou desbussolantes tristezas .

Em especial aos amigos Clezio, pelo help no inglês; Léa Cristina, pelas sugestões e leitura cuidadosa do texto, e Lucília, pelo ouvir atento em todo o período do curso.

A Alice e Luiza, por serem minhas.

RESUMO

ALVES, Nilza Gonzaga. **Minha vida é uma tela aberta**: diários de jovens no YouTube. Orientador: Paulo César Rodrigues Carrano. Niterói, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2011. Dissertação (Mestrado em Educação), 115 páginas. Campo de Confluência: Diversidade, Desigualdades Sociais e Educação.

A dissertação tem como problemática a busca da compreensão sobre as novas formas de escrita de si produzidas por jovens e que ganham visibilidade quando são compartilhadas pela internet. O campo de investigação é o YouTube, um dos sites de difusão e compartilhamento de vídeos online mais acessados da web. O que esses vídeos nos dizem sobre a elaboração das identidades juvenis hoje? Que tipo de exposição do *eu* está se dando em vídeos que se assemelham hoje aos diários íntimos tradicionais?

O estudo de caso empreendido descreve e analisa dois vídeos publicados por jovens no referido site. Adotou-se como pressuposto teórico a perspectiva sócio-histórica da teoria enunciativa de Mikhail Bakhtin (2006). Os conceitos de sujeito, dialogismo, polifonia e alteridade são centrais por permitirem estabelecer as relações entre as experiências subjetivas e os discursos midiáticos. Foram fundamentais para a análise os aportes de Nestor Canclini (2005), Erving Goffman (2009) e, Martín-Barbero (2009), e a revisão de literatura sobre práticas culturais de jovens (CARRANO, 2007; LANGE, 2007 e WELSH, 2009, entre outros).

O trabalho revelou que os vídeos confessionais postados no YouTube representam, para os jovens observados, meio de sociabilidade e expressão de si. Publicar um diário na internet significa também colocar-se como sujeito por meio da linguagem e enunciar-se como *eu*, conhecer a si mesmo e dar-se a ver pelo outro. Destaco assim um ponto fundamental das conclusões deste trabalho: a importância do papel do outro na atividade humana e na produção de subjetividades também no espaço público da internet.

Palavras-chave: youtube. juventude. subjetividade

ABSTRACT

ALVES, Nilza Gonzaga. **My life is an open screen: yong people diaries on YouTube.** Guide: Paulo César Rodrigues Carrano. Niterói, Rio de Janeiro. Fluminense feferal University, 2011. Dissertation (MA in Education). 115 pages. Field of Confluence: Diversity, Social Inequality, and Education.

This thesis aims to search for understanding new writing forms produced by young people that have visibility when they are shared over the internet. The research field is YouTube, one of the most accessible websites for online videos dissemination and sharing. What do these videos tell us about youth identities today? What is the kind of self-exposure taking place in videos that today are similar to traditional diaries?

The case study describes and analyzes two videos posted by young people in that site. The theoretical framework was the socio-historical perspective of enunciative theory by Mikhail Bakhtin (2006). The concepts of subject, dialogism, polyphony, and otherness are central because they allow us to establish relationship between subjective experiences and media discourse. Nestor Canclini (2005), Erving Goffman (2009), and Martín-Barbero (2009) contributions and literature review about young people cultural practices (CARRANO, 2007, LANGE, 2007, and WELSH, 2009, among others) were fundamental for analysis.

The study revealed that the confessional videos on YouTube account for the observed young people expression of sociability medium and about themselves. To publish a diary by Internet also means becoming a subject through language and stating himself as I, knowing himself, and showing himself to others. I highlight as a key point of this work conclusions the role importance of others for human activity and in subjectivities production also in the Internet public space.

Keywords: youTube. youth. subjectivity

SUMÁRIO

Introdução 1

Capítulo 1: YouTube e novas subjetividades: o que os olhos veem o coração sente?

- 1.1. YouTube 8
- 1.2. Procedimentos metodológicos 13
 - 1.2.1. Revisão da literatura 15
 - 1.2.2. Etapas 15
 - 1.2.3. Seleção de vídeos 16

Capítulo 2: Dos diários tradicionais aos diários *online*

- 2.1. Vou mostrando como sou 22
- 2.2. E vou sendo como posso 27
- 2.3. E passo aos olhos nus ou vestidos de lunetas 29

Capítulo 3: A geração digital, uma das juventudes na contemporaneidade

- 3.1. Passado, presente... 36
- 3.2. Banhados em bits 39
- 3.3. Nativos digitais, imigrantes digitais 43
- 3.4. Um novo espírito do tempo 45

Capítulo 4: Como alguns jovens usam o YouTube para falar de si e de seu tempo

- 4.1. Faz sentido? 50
- 4.2. Entre amigas 70

Considerações finais 89

Referências Bibliográficas 96

Vou mostrando como sou
e vou sendo como posso
jogando meu corpo no mundo
andando por todos os cantos
e pela lei natural dos encontros
eu deixo e recebo um tanto
e passo aos olhos nus
ou vestidos de lunetas
passado, presente
participo sendo o mistério do planeta

O tríplice mistério do stop
que passo por e sendo ele
no que fica em cada um
no que sigo o meu caminho
e no ar que fez que assistiu
abra um parêntese, não esqueça
que independente disso
eu não passo de um malandro,
de um moleque do Brasil
que peço e dou esmola
mas ando e penso sempre
com mais de um
por isso ninguém vê
minha sacola.

Mistério do Planeta

Moraes Moreira e Galvão

INTRODUÇÃO

O fio condutor desta pesquisa é o princípio de que os sujeitos e suas produções revelam um ser e estar no mundo. Entendemos que os vídeos divulgados na internet em sites como o YouTube (www.youtube.com), que se destacam por sua expressiva audiência, têm sido usados para contatos, trocas, comunicação e mostram uma transformação radical nos modos de interação entre indivíduos e grupos. Tais vídeos constituem um *corpus* privilegiado para analisar a maneira como as identidades juvenis, na contemporaneidade, são elaboradas também a partir do uso de tecnologias digitais e dos discursos que circulam em torno dessa prática.

Estas produções emergem em contextos diferentes dos tradicionais, seja pela utilização dos novos suportes e tecnologias de informação e comunicação, seja porque evidenciam, através delas, as novas práticas sócio-culturais de participação e cooperação. A principal característica dessa nova forma de produção é a superação do modelo transmissionista: emissor-meio-mensagem-receptor (MARTIN BARBERO, 2009), já que a partir daí o receptor torna-se produtor. A originalidade é a descentralização da emissão, dando oportunidade a várias vozes de participar desse processo, em que o modelo de “um para muitos” é substituído pelo de “muitos para muitos”.

Nesse contexto analisamos dois vídeos postados por jovens no YouTube, um dos sites de difusão e compartilhamento de vídeos *online* mais acessados da web. Podemos pensar na produção veiculada nesse site, cujo slogan é *broadcast yourself*, algo como “transmita-se” ou “transmita você mesmo”, como discursos culturais, enunciados que mostram formas de conceber sujeitos e subjetividades no mundo contemporâneo? O que essa produção nos ensina sobre a elaboração de identidades e culturas juvenis hoje?

Buscamos propor essa discussão tendo como pressuposto teórico a perspectiva sócio-histórica da teoria enunciativa de Mikhail Bakhtin (2006). Os conceitos de sujeito, dialogismo, polifonia e alteridade são centrais por permitirem estabelecer as relações entre as experiências subjetivas e os discursos midiáticos. As contribuições fundamentais de Nestor Canclini (2005), Erving Goffman (2009) e, Martín-Barbero (2009), e a revisão de literatura sobre práticas culturais de jovens (CARRANO, 2007; LANGE, 2007 e WELSH, 2009, entre outros) também me auxiliam nesse trabalho.

A internet é hoje considerada a grande vitrine do audiovisual e principal circuito alternativo para a comunicação entre a produção independente e o público, disponibilizando conteúdos que são amplamente divulgados e promovendo diálogo entre quem faz e quem vê, e que a qualquer momento pode também produzir. Diariamente três bilhões de produções audiovisuais são assistidas por internautas que estão em várias partes do

mundo, apenas pelo YouTube (http://www.youtube.com/t/press_statistics), considerado o maior aglutinador de mídia de massa da internet no início do século 21. Segundo o mesmo site, atualmente o YouTube tem, em média, 35 horas de vídeo postadas por seus usuários cadastrados a cada minuto, contabilizando também aproximadamente um bilhão de uploads¹ por dia. O mais popular dos sites de vídeos e filmes já provou ser um fenômeno que mudou para sempre a nossa relação com a propriedade intelectual, o entretenimento e o conteúdo audiovisual.

No contexto das novas tecnologias, portanto, especialmente no contexto do espaço criado a partir das redes de conexão entre computadores – o ciberespaço –, as identidades juvenis contemporâneas passam por reconfigurações quanto aos processos de sociabilidade, o que pode ser percebido pelo modo como esses atores sociais absorvem e negociam os significados criados, sobre a internet, no âmbito dos vários sistemas de representação que circulam na cultura moderna, criando, dessa forma, novas ritualizações.

Em “Alienígenas na sala de aula”, Green e Bigum (2008), chamam atenção para os limites de uma pesquisa dedicada a investigar as causas da repetência escolar entre jovens estudantes australianos. A crítica se baseia no fato de que o estudo limita-se ao espaço escolar, descartando outras experiências que contribuem para construção social e discursiva da juventude, como os meios de comunicação de massa, o rock e a cultura da droga, assim como várias outras formações. Por não considerarem essas forças e fatores, acabam por representar os jovens como verdadeiros alienígenas. Numa provocação, os autores sugerem que alienígenas, na verdade, são os educadores e os adultos que se mantêm cegos à interface dos jovens com as novas tecnologias do texto, da imagem e do som. E destacam a importância de estudos que privilegiem o papel que a cultura da mídia vem exercendo sobre o mundo vital dos jovens e a relação entre essa cultura e sua escolarização².

Para esses autores, uma “nova” identidade juvenil está emergindo e devemos pensá-la “a partir do nexo entre a cultura juvenil e o complexo global crescente da mídia”. O presente trabalho compartilha dessa discussão, ao problematizar um artefato cultural específico – os vídeos postados no YouTube – para discutir possíveis relações entre cultura da mídia, educação e juventude.

A pesquisa se justifica pelo fato de que novas mídias e as tecnologias digitais de informação e comunicação têm provocado impacto em praticamente todas as dimensões da

¹ Transferir um arquivo para um servidor na internet. Costuma-se dizer jogar na rede, colocar no ar ou subir um arquivo. O contrário de *download*.

² Em “Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola”, Sposito (2003) justifica todo um conjunto de investigações que elege como problemas aspectos indiretamente relacionados à escola. Ou seja, estudos sobre outras instâncias educativas, a vida extra-escolar dos alunos, o cotidiano familiar planos para o futuro ou estratégias de mobilidade social deveriam ser mais constantes.

vida cotidiana, especialmente na vida de muitos jovens, mas não de todos³, já que são muitas as juventudes (CARRANO, 2007).

González (2008) percebe com clareza esse impacto. Para o autor, os meios de comunicação têm hoje uma presença fundamental nas experiências culturais e sociais da juventude. Nos EUA, estima-se que um jovem entre 8-18 anos passe cerca de 7 horas por dia interagindo com os meios eletrônicos (televisão, vídeo, computadores e games). Na Europa, as pesquisas indicam que os jovens gastam por volta de 5 horas vendo televisão, ouvindo música, com games e usando o computador. Na América Latina, os números são parecidos. Constata-se a “centralidade da cultura visual”, a “emergência da cultura virtual”, “novos modos de alfabetização” e uma forte relação entre “música e identidades sociais” (CEPAL-OIJ, 2004).

Na internet, não há dúvida de que um dos usos mais difundidos tem sido o de depósito de fragmentos culturais de natureza audiovisual: *weblogs*, *flogs*, *videoblogs* e *podcasts*⁴ se multiplicam no espaço da rede em velocidade vertiginosa. A vida íntima, a(des)venturas de milhares de internautas são capturadas e apresentadas à curiosidade e crítica de um público também crescente⁵. O íntimo, o privado (ou sua encenação), converteu-se em objetos de curiosidade popular:

Na atual ‘sociedade do espetáculo’ se quisermos ‘ser alguém’, temos que exibir permanentemente aquilo que supostamente somos. Esses são os valores que têm se desenvolvido intensamente nos últimos tempos, uma época na qual, por diversos motivos, se enfraqueceram as nossas crenças em tudo aquilo que não se vê, em tudo aquilo que permanece oculto (SIBILIA, 2009, *online*).

Se é fato que a televisão foi capaz de engendrar uma nova “realidade televisiva”, hoje convertida em realidade cotidiana graças à sensação de intimidade e extensão do

³ Segundo os dados do IBGE, um terço dos jovens de 15 a 17 anos são internautas. Nesse grupo, quase 40% dos brasileiros já tiveram contato com a rede mundial dos computadores. Outros 60% ainda permanecem longe dos teclados. “Constatações dessa natureza levaram a formular o conceito de tecno-apartheid: cidades ou regiões muito ricas, com forte desenvolvimento tecnológico e financeiro, em meio ao oceano de uma população mundial cada vez mais pobre”. (SIBILIA, 2009)

⁴ **Weblog** é uma home page pessoal caracterizada por uma coleção de comentários com *links* para outras páginas da internet. Com o tempo, a palavra **weblog** foi abreviada para **blog**. Atualmente, as duas expressões - *weblog* e *blog* - são consideradas equivalentes. Quando predominam textos, o uso da palavra *blog* é mais comum; quando no caso das imagens fotográficas, ela é denominada *fotoblog* ou **flog**; para os arquivos de áudio, utiliza-se *audioblog* e quando predominam os arquivos de vídeos, temos os **videoblogs** ou **vlogs**. **Podcast** é um meio de distribuir arquivos digitais pela internet. Os arquivos ficam hospedados em um endereço na internet e, por *download*, chegam ao computador pessoal ou tocador.

⁵ No dia 24 de julho, durante todo o dia, foi sugerido pelo site: “Todos os dias, 6,7 bilhões de pessoas veem o mundo através de suas próprias lentes. Imagine se houvesse um modo de coletar todas esses pontos de vista, reuni-los e criar uma história coesa sobre um único dia na Terra. Você terá 24 horas para capturar um momento do seu mundo com uma câmera. Você pode filmar algo comum, como o pôr do sol, seu caminho até o trabalho, uma partida de futebol do bairro ou algo extraordinário, como os primeiros passos de um bebê, a reação de alguém à morte de um ente querido ou mesmo um casamento. No total, 80.000 vídeos foram enviados de 197 países, fazendo deste o maior filme criado por usuários do mundo. O filme foi lançado no Sundance Film Festival de 2011.

espaço doméstico que ela nos oferece (GUMBRECHT, apud SIBILIA, 2008), a internet está rapidamente se tornando um “segundo lar” para nossos *eus* midiáticos apresentados em *homepages* pessoais, diários *online* ou vídeos confessionais. Parte dessa “produção audiovisual” disponível na internet acaba por conquistar índices de audiência próximos (ou mesmo superiores) aos das mídias massivas. Com 5,5 milhões de visualizações de seu programa “Não faz sentido”, em um vídeo em que critica a saga “Crepúsculo”, Felipe Neto⁶, 22 anos, é um bom exemplo nacional dessa atual febre de superexposição.

Na cultura contemporânea, as práticas da superexposição constituem um fenômeno viral e estão presentes não só na internet. Em março de 2010, por exemplo, numa estratégia para o lançamento de seu livro, a escritora Paula Parisot, pupila de Rubem Fonseca, passou sete dias vivendo em um cenário montado em uma caixa de acrílico de três metros por quatro, dentro da Livraria da Vila, em São Paulo. Durante esse tempo, ela não falou com ninguém, mas viveu em seu próprio mundo, dançando, gritando e escrevendo. A *performance* rendeu foto na capa dos principais jornais do país e uma multidão de curiosos querendo ver a escritora que, por sua vez, só queria ser vista. E vender livros.

Vale lembrar também do *boom* de programas televisivos que ocorreu no fim dos anos 90, dedicados a espiar, através das lentes das câmeras, a intimidade de pessoas comuns colocadas para conviverem juntas em um mesmo ambiente. Um único vencedor é eleito pelo voto do público nesses *reality shows*. O “sobrevivente” recebe prêmio em dinheiro; além disso, a condição de “celebridade instantânea” costuma render contratos publicitários, capas de revistas, entrevistas em *talk shows*, ensaios fotográficos, gravação de discos, de acordo com o talento da estrela do momento. Atualmente, o *Big Brother*, o formato de maior sucesso desses programas, é produzido em 19 países. No Brasil, já passou da 11ª edição.

Na internet, o crescimento dos usuários nos *weblogs* confessionais, *photoblogs* e *blogs* pessoais e os sites de rede social, como Orkut e Facebook, reforçam esse fenômeno⁷. Agora, o que no passado era objeto da esfera privada é exposto ao olhar do público, é aberto ao olhar do outro. Neste novo contexto, os acontecimentos da vida ordinária do homem ordinário tornam-se moeda de troca. O estatuto desta visibilidade requisitada é de

⁶ Felipe Neto faz sucesso no YouTube com vídeos e teve mais de seis milhões de exibições em sua página, apenas nos três primeiros meses de exibição. Esse youTuber será objeto de análise no capítulo 4 desta pesquisa.

⁷ A questão da visibilidade serviu de inspiração à criação do Museu da Pessoa, uma organização não governamental fundada em 1991. Apesar de ter um espaço físico, suas principais atrações estão na internet. Seu site hospeda histórias de pessoas comuns, de vários lugares, contadas por elas mesmas. São textos, vídeos, áudios e fotografias. As pessoas podem colaborar enviando um relato pela Web. Endereço eletrônico: <http://www.museudapessoa.net/>

inserção e de reconhecimento do outro, de modo que ser fonte da atenção alheia figura quase que como um direito contemporâneo (BRUNO, 2004).

O YouTube, como outras redes sociais, gerou uma sociedade virtual que une pessoas de todos os perfis, mas que têm interesses comuns no convívio, na troca de ideias, no “estar-junto”, no expor coisas (sejam elas pessoais, ideológicas ou profissionais) que são recebidas e reconhecidas pelos outros. Nesses vídeos, contam histórias das quais são ao mesmo tempo roteiristas, diretores, atores e produtores⁸.

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. A vida privada, revelada pelas *webcams* e diários íntimos, é transformada em um espetáculo para olhos curiosos, e este espetáculo é a vida vivida na sua banalidade radical. A máxima é: ‘minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano’. (LEMOS, 2002: 50)

Sibilia (2008:245) mostra como esta nova subjetividade se dá no ato de se fazer visível e de expor a intimidade na busca da aprovação alheia. “No império das subjetividades alterdirigidas, tudo o que se é deve ser visto para poder realmente ser. Cada um é tudo aquilo que mostra de si, e tão somente isso”.

Para Sibilia (2009), essas redes, que nos solicitam com crescente importância,

nos ajudam, em primeiro lugar, a construir o próprio ‘eu’, ou seja, servem para que cada usuário se autoconstrua na visibilidade das telas. Além disso, são instrumentos úteis para que cada um possa se relacionar com os outros, usando os mesmos recursos audiovisuais e interativos. (SIBILIA, 2009, *online*).

A produção (e discussão) desses vídeos por jovens sinaliza para o que Guilherme Orozco (2001) e Jesús Martin-Barbero (2001) chamam de revolução do sensorium individual e coletivo, isto é, todo um conjunto de novas relações, percepções e usos que a sociedade contemporânea tem estabelecido como os meios. Canclini (2004) nos alerta que:

Ao perguntar o que significa, hoje, ser jovem, verificamos que a sociedade que responde ser o futuro incerto ou não saber como construí-lo está dizendo aos jovens não apenas que há pouco lugar para eles. Está respondendo a si mesma que tem pouca capacidade, por assim dizer, de rejuvenescer-se, de escutar os que poderiam mudá-la.” (CANCLINI,2004:210)

⁸ Arlindo Machado (2007) acredita que o produtor deveria ser chamado de interator, uma vez que conceitos como usuário, espectador e receptor não conseguem abranger a totalidade da relação participativa. O interator constrói seus próprios produtos midiáticos ao mesmo tempo em que essa construção é feita a partir de uma estrutura e de uma linguagem essencialmente midiáticas.

Se concordamos que as respostas que a sociedade vem dando aos jovens são pessimistas e obsoletas, podemos concordar também com a relevância de ouvir suas vozes em uma tentativa de rejuvenescimento, de deletar o que nos subtrai, de salvar o que nos adiciona, de provocar e experienciar novas reconfigurações. E copiar e colar o que diz Clanlini (2004), quando afirma que:

o conhecimento de seus [dos jovens] hábitos de consumo e apropriação das indústrias culturais, assim como das formas próprias de organização da cultura cotidiana, são alguns dos caminhos para passarmos das respostas que fracassaram às perguntas que renovam as ciências sociais e as políticas libertadoras (idem,2004:25).

A cultura da velocidade e das redes que ocorrem na internet desafia não somente organizações que precisaram adequar suas práticas ao novo cenário, mas também ressalta a urgência de perspectivas compreensivas e/ou (re)interpretativas de alguns conceitos abordados nos estudos acadêmicos. Podemos atentar para isso diante do desabafo de Orozco (2007):

Investi décadas de minha vida de pesquisador em comunicação a estudos de recepção da televisão, especialmente junto ao público infantil. O que noto, hoje, é que a linha de pesquisa da recepção dos meios de comunicação está sendo desafiada pela interatividade, que coloca outras telas para competir com a tela da televisão. Devo reconhecer, com humildade, que não sei como reacomodar estudos da recepção diante da interatividade promovida pela Internet, Ipod e celular. Este é um ótimo desafio para se entender o que se passa com os usuários destas tecnologias. (idem, 2007, *online*)

É esse desafio a que me propus aceitar.

Para isso, essa dissertação, que busca compreender a elaboração de subjetividades juvenis tendo como foco os vídeos confessionais postados no YouTube, está assim organizada: em “YouTube e novas subjetividades: o que os olhos veem o coração sente?”, capítulo inicial, estabeleço os aportes teóricos e metodológicos com as possíveis justificativas, marcadas principalmente pela singularidade do tema. Também apresento o site YouTube, cenário onde vai se desenvolver a pesquisa. A revisão da literatura também é aí explicitada.

No segundo capítulo, “Dos diários tradicionais aos diários online”, percorro as trilhas que levaram os diários tradicionais, atrelados à palavra íntimo, aos diários *online*, associados à palavra público. A partir dessa mudança de rumo, aborda-se também o fenômeno crescente da exposição de *si* no mundo contemporâneo.

No terceiro capítulo, discorro sobre juventudes e dou visibilidade à parte mais conectada dela, a chamada “geração digital”, que transita com intimidade pelo YouTube. Trato ainda da perspectiva que elege a tecnologia como motor principal das transformações

que estamos presenciando e sobre os efeitos dessas transformações na elaboração das subjetividades juvenis.

No quarto capítulo, analiso dois vídeos feitos por dois jovens, significativos do universo íntimo-confessional e do papel da visibilidade entrelaçada à construção da subjetividade. Dois blocos temáticos compõem esse capítulo. Nele, para efetuar a análise dos vídeos, dou voz aos autores que alicerçam a base teórica: Goffman (2009) e sua teoria da representação e Bakhtin (2006), que vai destacar o papel do olhar do outro na construção da subjetividade. Assim, importa, em termos de análise, o papel da linguagem (BAKHTIN, 2006) e a “máscara” com que esses “atores” se apresentam (GOFFMAN, 2009). É a partir daí, por meio de linguagem e encenação, que esses dois jovens se mostram a milhões de outros jovens que com eles interagem. São “atores”, independentemente de representarem, ou não, todo o tempo, algum tempo. É por meio da tela do YouTube que conhecem a si mesmos e se dão a conhecer. E é assim, a partir da representação que fazem de si que meu olhar de pesquisadora os vê. Ressalto que o estudo não pretende ser representativo e passível de ser imediatamente generalizado, mas sim possibilitar reconhecimento de alguns tipos de elementos recorrentes que nos falem do modo de constituição da subjetividade contemporânea.

As conclusões da pesquisa são apresentadas no último capítulo, que retoma o percurso proposto para tentar responder “o que esses vídeos nos ensinam sobre a elaboração de identidades e cultura juvenis hoje”. São considerações sobre o trabalho realizado, com a reflexão sobre o que é possível dizer por meio da prática da apresentação de si no YouTube.

CAPÍTULO 1

YOUTUBE E NOVAS SUBJETIVIDADES: O QUE OS OLHOS VEEM O CORAÇÃO SENTE?

1.1. YouTube

A criação dos sites de exibição de vídeos, onde o cidadão pode fazer a publicação gratuita, começou com o YouTube. Em 2005, três jovens programadores (Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim) se uniram para criar um programa para dividir vídeos com os amigos, pois via e-mail levava muito tempo. Sem querer, deram início a uma revolução silenciosa que ainda está em curso.

O YouTube é um site de difusão e compartilhamento de arquivos audiovisuais que se baseia, principalmente, na participação dos internautas como provedores de conteúdo. Inicialmente ele foi desenvolvido para ser um canal de veiculação de vídeos domésticos. Entretanto, a facilidade e o poder de interação proporcionados pelas suas ferramentas foram tão intensos que em pouco tempo os usuários começaram a postar vídeos de instituições como produtoras de filmes, gravadoras e redes de televisão, fazendo eclodir uma série de discussões sobre direitos autorais e *copyright* no ambiente virtual.

Inúmeras versões surgiram quando o YouTube nasceu (BURGESS e GREEN, 2009): seria outra moda passageira, criada pela publicidade? Uma invenção inteligente que, como de costume, enfrentaria resistência inicial? Ou uma nova plataforma de distribuição de mídia, como a televisão? Embora a atenção dos primeiros usuários e da imprensa de massa tenha contribuído para impulsionar o serviço, a escalada do YouTube ocorreu em meio a uma névoa de incerteza e contradição sobre para o que aquilo realmente servia. A missão aparente ou declarada do YouTube foi repetidamente transformada tanto pelas práticas corporativas como por sua utilização pela audiência. Poucos meses após o nascimento do serviço, o “Quem Somos” da página oferecia apenas tentativas e dicas vagas para explicar os possíveis usos:

Exiba seus vídeos favoritos para o mundo; Faça vídeos de seus cães, gatos e outros bichos; Publique em seu blog os vídeos que você fez com sua câmera digital ou celular; Exiba seus vídeos com segurança e privacidade aos seus amigos e familiares no mundo todo;... E muito, muito mais!

Nesses primeiros momentos o site trazia o slogan *Your Digital Video Repository* (“Seu Repositório de Vídeos Digitais”), uma declaração que, de alguma maneira, vai de encontro à proposta inicial, e já consagrada, *broadcast yourself* (algo como “transmitir-se”). Essa mudança de conceito do site – de um recurso de armazenagem pessoal de conteúdos

em vídeo para uma plataforma destinada à expressão pessoal – coloca o YouTube no contexto das noções de uma revolução liderada por usuários que caracteriza a retórica em torno da “web 2.0”⁹. Apesar da insistência de que o serviço se destinava ao compartilhamento de vídeos pessoais entre as redes sociais existentes (mesmo, como visto acima, referindo-se explicitamente ao paradigmático gênero dos vídeos amadores – a astúcia do gato, o aniversário do filho, o encontro dos amigos), o que agradou ao público foi a combinação da popularidade em grande escala de determinados vídeos criados por usuários e o emprego do YouTube como meio de distribuição do conteúdo das empresas de mídia.

O YouTube, desde sua criação, tem bastante impacto no mundo hipermediático; tanto que, em 2006, foi considerado a “Invenção do Ano” pela revista norte-americana “*Time*”. Verificando o sucesso da página, o Google tentou superar o fenômeno, e lançou, em janeiro de 2006, um serviço similar. Sem conseguir vencer o rival, comprou o YouTube em outubro do mesmo ano por US\$ 1,65 bilhão. A transação comercial demonstra não somente que foi um bom negócio para seus criadores, mas também dá a dimensão do impacto que a imagem causa na sociedade atual.

Segundo o site de ranqueamento de acessos ALEXA (2010), o YouTube é o terceiro site mais visitado do mundo. Dessa audiência 22,8% estão nos Estados Unidos, seguidos por 6,8% no Japão. O Brasil é o oitavo país onde se acessa o YouTube. Somos responsáveis por 3,6% dos acessos mundiais. O mesmo ALEXA (2010) registra que o YouTube é o quinto site mais acessado no Brasil, perdendo apenas para os endereços do Google (www.google.com.br), do Orkut (www.orkut.com.br), do Google internacional (www.google.com) e o do Live (www.live.com).

Postar um vídeo do YouTube é simples: o usuário precisa apenas fazer um cadastro gratuito. O site apresenta, porém, algumas restrições aos usuários: os vídeos enviados não podem ultrapassar quinze minutos, nem ferir qualquer direito autoral, de privacidade ou de publicidade de terceiros. O YouTube possui também um conjunto de diretrizes que regem a aceitação do conteúdo enviado pelos usuários. De maneira geral não são permitidos vídeos com cenas de sexo ou nudez, que incitem ódio contra alguém ou algum grupo, que contenham imagens chocantes ou repugnantes e que estimulem alguma prática ilegal ou perigosa. Essas regras e diretrizes estão na própria página do site, mas, por conta da grande quantidade de vídeos postada, é quase impossível para os administradores

⁹ Essa expressão, Web 2.0 visava batizar uma nova etapa de desenvolvimento da internet. A diferença fundamental era que enquanto o objetivo da primeira geração de empresas on-line era “vender coisas”, a Web 2.0 “confia nos usuários como co-desenvolvedores”. Agora, “ajudar as pessoas a criarem e compartilharem idéias e informação” é a meta principal. (Sibília, 2008).

controlarem todo o conteúdo. Por isso, o próprio usuário é a principal arma contra esse conteúdo ilegal, visto que lhe é dado o poder de denunciar qualquer conteúdo que considere inapropriado. As punições para a quebra de qualquer uma das diretrizes vão da exclusão do vídeo à exclusão do usuário.

Outra ferramenta que é grande responsável pela popularização do YouTube são as *tags* – palavras-chaves fornecidas pelo usuário no momento da postagem para facilitar a busca dos vídeos por temas. Além disso, o sistema automaticamente agrega os vídeos que são de áreas afins utilizando-se das *tags*. Por meio desses recursos, no momento em que um vídeo é assistido, é oferecida, ao lado, uma lista de outros vídeos relacionados, ou seja, que possuem *tags* em comum com o que está sendo visualizado.

No meu caso, por exemplo, por estar nos últimos meses efetuando buscas específicas, sempre que entro no site a página se abre com os vídeos recomendados para mim, tendo como base meu histórico de exibições e deixando claro um mecanismo de rastreamento da navegação dos usuários para coletar dados e traçar perfis. O YouTube é, sem dúvida, um fenômeno superlativo. Talvez por isso o alerta de Sibilia (2008:20), citando Deleuze: “talvez não compreendamos ainda exatamente a que somos levados a servir”.

Além da possibilidade de expor material, o YouTube desde o início fornece espaço para os usuários opinarem sobre os vídeos, adicioná-los como favorito, ranqueá-los e mesmo criarem seu próprio canal mesmo sem ter nenhum vídeo postado. Qualquer usuário que possua um cadastro no site pode adicionar comentários. Esses comentários ficam visíveis para qualquer pessoa que assista ao vídeo, efetuando cadastro ou não. E essa é apenas uma das possibilidades de inter-relacionamento possibilitadas pelo site. No momento em que se cadastra, o usuário cria um canal pessoal¹⁰, que pode ser customizado com diferentes imagens, cores e informações pessoais. Também aí ele pode disponibilizar todos os vídeos que tenha postado, relacionar seus favoritos e também adicionar outros usuários como amigos. O YouTube também dá ao usuário a possibilidade de adicionar marcações textuais, com links que direcionam para outro vídeo ou outro site, adicionando a experiência videográfica à hipermediática.

Para a maior parte dos usuários, o YouTube é um site que permite o acesso a uma gama nunca antes imaginada de material audiovisual, de forma rápida e gratuita. Em poucos minutos é possível assistir a comerciais antigos, cenas de seriados de televisão ou filmes

¹⁰ No site, o conceito de canal se confunde com o de perfil - sistema de identificação de usuários bastante comum em redes sociais. São espaços que reúnem os conteúdos audiovisuais produzidos por seus titulares junto a seus dados pessoais, como o nome, foto, contatos, idade e país de origem. Desse modo, todo usuário cadastrado no site possui seu próprio canal.

clássicos, momentos decisivos em competições esportivas, desenhos animados de diversas partes do mundo, reportagens televisivas, blogs, documentários de viagem, entrevistas com celebridades e, é claro, uma infinidade de material musical como videoclipes, shows gravados e trechos de DVDs. Mas vale destacar que esta função – veicular conteúdo institucional de gravadoras, redes de televisão etc. – não era a prioridade dos criadores do YouTube quando eles colocaram o site na grande rede em 2005. Mas hoje é essa possibilidade que garante em grande parte sua popularidade.

BREVE HISTÓRIA DE SUCESSO

Em cinco anos, o YouTube transformou-se em um dos maiores fenômenos da comunicação de todos os tempos



14 de fevereiro de 2005
Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim começam a trabalhar em um site para postagem de vídeos. Eles registram o domínio youtube.com no dia seguinte

23 de abril de 2005
"Me at the Zoo" ("Eu no Zoo", em português), de 19 segundos, é o primeiro vídeo a ser postado no YouTube, com Karim, um dos seus fundadores, em frente aos elefantes no zoológico de San Diego

21 de outubro de 2005
A Nike é a primeira grande companhia a abraçar o potencial promocional do YouTube. Um vídeo do craque Ronaldinho Gaúcho sambando entre firulas com a bola de futebol virou um hit

19 de setembro de 2006
A apresentadora Daniella Cicarelli processa o YouTube por exibir cenas quentes dela e do então namorado, Tato Malzoni, em uma praia na Espanha (à direita). O site chegou a ser bloqueado no Brasil, mas a Justiça voltou atrás nessa decisão. O vídeo, no entanto, foi retirado do ar

9 de outubro de 2006
O Google compra o YouTube por **US\$ 1,65 bilhão**

19 de junho de 2007
Lançamento da versão brasileira do YouTube

23 de julho de 2007
O site e o canal CNN exibem seu primeiro debate presidencial, com perguntas feitas pela população por meio de vídeos. Nas eleições americanas de 2008, sete dos 16 candidatos anunciaram suas campanhas via YouTube

11 de abril de 2009
Susan Boyle se torna uma celebridade depois de cantar no programa de calouros "Britain's Got Talent". O vídeo de sua performance foi postado no site e visto **80 milhões** de vezes. Em dezembro, seu primeiro disco se tornou o álbum de estreia mais vendido de uma cantora

12 de outubro de 2009
Alcançada a marca de **1 bilhão** de vídeos postados por dia. Analistas de mercado estimam o faturamento de 2009 em **US\$ 240 milhões**, mas a empresa gasta mais de **US\$ 700 milhões** em servidores para armazenar todo esse material

25 de março de 2010
A cantora Lady Gaga é a primeira artista a conseguir a marca de **1 bilhão** de visualizações de todos os seus vídeos no YouTube

11

¹¹ Fonte: Isto é independente. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/64158_COMO+O+YOUTUBE+TRANSFORMOU+SUA+VIDA+PARTE+1?path=&actualArea=internalPage. Capturado em 19/01/11

Para Serrano (2008), o sucesso do YouTube com relação aos outros sites de publicação de vídeos explica-se por dois aspectos:

1) **O pioneirismo no processo de digitalização dos conteúdos audiovisuais.** O YouTube foi o primeiro site a utilizar a compressão dos vídeos para o formato FLV (Flash Vídeo). Esse formato aumenta a compressão e reduz o tamanho do arquivo, potencializando a velocidade de transmissão de dados.

2) **A interatividade.** Além da simples recepção do vídeo, o site tem mecanismos de resposta que permitem comentários, inscrições, aviso de acréscimos de determinado usuário e de resposta aos vídeos já publicados. Essa comunicação entre os usuários do site incentiva troca de informações e estimula a alteridade com o objetivo de desenvolver o sentimento de comunidade. Enquanto o YouTube disponibiliza um “dilúvio de informações”¹², cria também um ambiente com forma idêntica a uma rede social. Em volta do conteúdo disponibilizado, indivíduos se reúnem não para simplesmente assistir a horas de televisão e vídeo, mas para ver e ser visto por outras pessoas, para fazer parte desse ambiente comunitário.

1.2. Procedimentos metodológicos:

Considerando o referencial teórico inicial proposto, optou-se pelo enfoque metodológico de cunho qualitativo (BOGDAN e BIKLEN, 1999). Segundo os autores, a expressão “investigação qualitativa” é um termo genérico que agrupa correntes de pensamentos diferentes e diversas estratégias de investigação.

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em sua pesquisa – entendida como processo – se opõem à premissa que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, recusando-se a “(...) legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais” (GOLDENBERG, 2001:17). Para estes, as ciências sociais têm a sua especificidade, negando o modelo

¹² No livro intitulado “Cibercultura”, Levy (1998) diz que, diante dos dilúvios de informações que nos assolam, podemos ser tentados a dizer: “Vamos tentar salvar o essencial”, como Noé, que colocou os animais, um exemplar de cada espécie, na arca. No fundo, na Arca de Noé, havia um resumo do conjunto de animais que ia desaparecer. O autor usa essa imagem para dizer que, hoje, é impossível fazer um resumo do todo, que se tornou uma coisa infinita. “Mesmo que em um momento pudéssemos cercá-lo, logo em seguida, seria diferente. Portanto, todo esse trabalho teria sido vão. Então, digo que cada um, cada indivíduo, cada grupo, deve, por conta própria, fazer necessariamente uma filtragem, uma organização, uma seleção, uma hierarquização”. (<http://doraexlibris.wordpress.com/2009/05/24/entrevista-com-pierre-levy-no-roda-viva/>) . Acesso em 8/9/10.

positivista e adotando uma metodologia própria.

Sigo então as trilhas sugeridas por Freitas (2003), que constrói uma ponte entre o pensamento de Bakhtin e as pesquisas nas ciências humanas, pensada como um encontro entre sujeitos e inaugurando aí um novo paradigma de pesquisa para essas ciências.

Embora este autor russo tenha escrito seus primeiros textos numa época em que as tecnologias comunicacionais apenas começavam a expandir seus tentáculos pela sociedade, seus conceitos podem ser adaptados para melhor compreendermos essa nova realidade. Bakhtin diz que é impossível pensar o homem fora das relações que o ligam ao outro, abrindo assim caminhos para reflexões sobre a efetivação dos discursos e a construção do sentido também no universo midiático. Segundo Machado (apud FREITAS, 2005) as dimensões do sistema teórico de Bakhtin parecem avançar cada vez mais para fora de seus limites, fornecendo instrumentos para se pensarem questões específicas da linguagem, do pensamento, dos sistemas de signos tal como são vivenciados hoje em nossa cultura.

É possível estender a teoria do dialogismo, entrelaçado pela perspectiva da alteridade, do reconhecimento do outro como um não diferente e essencial ao acabamento do eu – para a compreensão dos produtos escritos em outros espaços textuais? Como se comportam seus conceitos quando ambientados no conjunto da cultura em um tempo em que a televisão, a internet e os jogos eletrônicos constituem um espaço complementar à escola e à família na educação ?

Para Bakhtin, as ciências humanas têm como objeto o homem como ser social que fala e se expressa. Não sendo objeto sem voz, nem fenômeno natural, o homem está sempre se expressando. E não há como perceber sua singularidade senão através dos textos por ele criados ou por criar. E por tudo isso, ressalta Freitas (2003), o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois tem diante de si um ser que tem voz e precisa, portanto, falar com ele, estabelecer uma interlocução. Assim, pensar na pessoa investigada não como objeto, mas como sujeito, significa compreendê-la como mais um interlocutor na produção do conhecimento. Portanto, em uma pesquisa qualitativa os fenômenos são estudados em toda a sua complexidade e em seu contexto natural.

Em resumo, para atingir meus objetivos, discuto aqui elementos de uma proposta metodológica para investigação que tem como centro de atenção os vídeos veiculados no YouTube. Estabeleço uma aproximação teórica de áreas diferenciadas como comunicação social, estudos de juventude e teoria enunciativa da linguagem, articulação esta sempre norteadas pelas possibilidades de alcance e limite conceituais, cujos aproveitamentos impliquem a passagem de um campo disciplinar a outro. Confiro ainda uma dimensão

netnográfica¹³ ao estudo de campo.

Desta forma afirmo que pretendi nesse trabalho compreender o YouTube como espaço de elaboração de subjetividade e verificar que tipo de subjetividade e exposição do *eu* está se processando em vídeos postados que funcionam como diários virtuais íntimos.

1.2.1. A revisão da literatura está organizada a partir de três eixos principais:

- **YouTube:** Meu objetivo é acompanhar como o YouTube tornou-se um dos maiores exemplos das ferramentas inseridas no contexto da web 2.0, que estimulam a cultura participativa, que por sua vez vem modificando sobremaneira a forma de as pessoas – e especialmente os jovens – se relacionarem com a internet, com a propriedade intelectual, com o entretenimento, com o conteúdo audiovisual e, principalmente, com o próprio *eu* e com os outros na rede (LANGE, 2007; JENKINS, 2008; BURGUESS E GREEN, 2009, WESH, 2009).
- **Dos diários tradicionais aos virtuais:** Do diário íntimo ao diário público opera-se uma passagem, da linearidade à espacialidade, do privado ao público. Vamos acompanhar a discussão recorrente sobre a aproximação (ou não) do diário tradicional ao *online* e de que forma a escrita de si está ligada à questão da subjetividade. (LEJEUNE, 1996, 2006; OLIVEIRA, 2002; SCHITTINE, 2004; SIBILIA, 2009).
- **Um olhar sobre a juventude em um mundo midiaticizado:** Os modos de vida dos jovens estão cada dia mais influenciados pelos meios de comunicação veiculados pela internet. Busco estudos sobre efeitos, desafios e perspectivas especialmente relacionados à formação de sentidos e identidade (MELUCCI, 2004; LECCARDI, 2005; CARRANO, 2007; GOFFMAN, 2009). Início a revisão partindo dos autores que trabalham com a temática da juventude e especialmente procuro entender a “nova” identidade juvenil atravessada pela mídia (CANCLINI, 2005; OROZCO GOMES, 2007; MARTIN-BARBERO, 2009). Apresento pesquisas que têm como principal tema a relação do jovem com as novas tecnologias.

1.2.2. O trabalho foi dividido em cinco etapas:

- **Etapas 1:** A primeira etapa da pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico interdisciplinar. Durante esse processo identificamos os autores capazes de auxiliar

¹³ Etnografia virtual ou netnografia é uma adaptação do tradicional método antropológico para sua aplicação ao campo da comunicação. Para saber mais, consultar Hine (2000); Kozinets (2002); Montardo e Passerino, 2006.

teoricamente a seleção, análise e crítica dos conteúdos selecionados.

- Etapa 2: Durante o levantamento bibliográfico a leitura das obras foi acompanhada pelo fichamento de citações e de ideias relevantes à pesquisa. O embasamento teórico aprofundado facilitou a compreensão dos conceitos norteadores e da metodologia aplicada para o estudo desses conceitos.
- Etapa 3: Essa etapa buscou mapear as produções audiovisuais publicadas no site.
- Etapa 4: Selecionamos o material mais adequado à pesquisa, elaborando fichas-descrição, procurando respostas para as seguintes perguntas: O que esse jovem fala de si? De que maneiras? Como se dá a ver pelo outro?
- Etapa 5: Análise do material e escrita final da dissertação.

1.2.3. Seleção de vídeos

Nessa proposta, o espaço de investigação eleito foi o próprio site YouTube. Para analisar a mensagem imagética e discursiva dos vídeos selecionados, incluí também os comentários como parte integrante do *corpus* analítico, já que trabalhei com a hipótese de uma construção subjetiva a partir do olhar do *outro*.

A escolha dos vídeos passou por duas etapas de seleção ao longo da pesquisa: a primeira, de forma exploratória e espontânea, foi guiada em busca de uma variedade de imagens que carregassem algum tipo de marca confessional. Já na segunda, selecionamos os vídeos que seriam de fato usados em uma análise mais detida.

O aspecto principal que guiou nossa escolha foi a busca de vídeos nacionais enquadrados na categoria *mais vistos*¹⁴. Dentro dessa categoria, partimos para *pessoas e blogs* e, a seguir, selecionamos alguns novos narradores interativos, jovens comuns falando de si, já que as muitas práticas comunicacionais introduzidas pelas novas tecnologias nos últimos anos parecem ter encontrado nos jovens seu público preferencial. É importante frisar que nosso interesse foi centrado nas produções feitas diretamente para o YouTube, que, diferentemente dos adaptados, tem por finalidade a difusão no próprio ciberespaço, atendendo à proposta essencial do site: *"Broadcast yourself"*. São vídeos geralmente produzidos de forma independente, por pessoas comuns, videomakers ou videobloggers,

¹⁴ As categorias existentes no site são: esportes; filmes e desenhos; humor; instruções e estilo; música; notícias e política; pessoas e blogs; veículos; viagens e eventos. No dia 5/10/10, dentro da categoria pessoas e blogs, um dos vídeos mais vistos era do vlogueiro PC Siqueira, *maspoxavida*, postado em 3/10/10, com 129.896 exibições. Tags do vídeo: Eleições 2010, Tiririca e Chiclete de menta. <http://www.youtube.com/watch?v=1w9FzJ1EsD0>.

conhecidos muitas vezes como a “geração digital”, “geração @”, “cyberkids”, “net generation”, “geração Y” “nativos digitais” e até mesmo (já) por geração “youTube”.

A tarefa de seleção dos vídeos foi bastante árdua. Eu já tinha em mente o que queria: jovens em narrativas autorreferentes. Tentei primeiro pelo caminho mais óbvio: palavras-chave. Um poço sem fundo. A primeira tentativa foi feita digitando a palavra *diários*, usando o buscador do próprio YouTube.



Vejamos os resultados: o buscador nos indicou 5.100 vídeos. O primeiro da lista – e que se repete diversas vezes – é “Diários de Motocicleta”, o filme. Descarto, mas não sem antes refletir sobre ele e atentar o quanto pode nos dizer sobre juventudes.

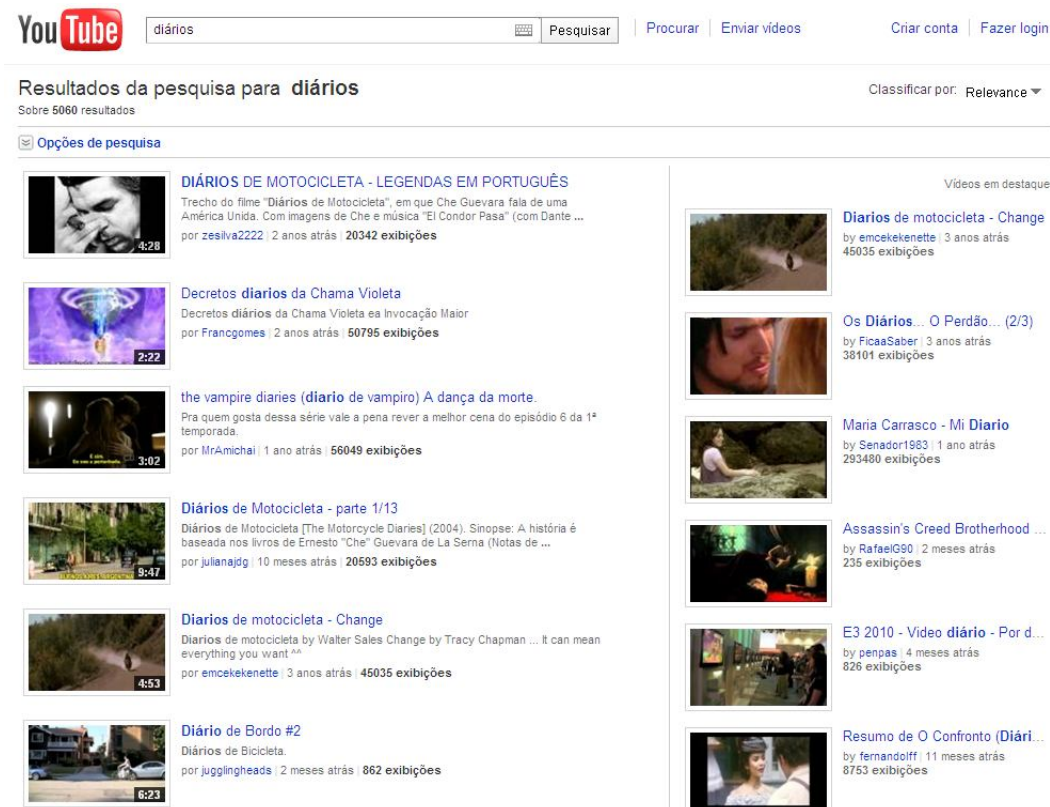


Fig.2

Baseado nos diários que o “futuro Che” escrevera durante sua primeira viagem pela América Latina, com pouco mais de vinte anos de idade, o filme é um misto de (mais) ficção e (menos) realidade. Nas telas, dois jovens estudantes argentinos, o bioquímico Alberto Granado e o médico recém-formado Ernesto Guevara, decidem fazer uma viagem de oito mil quilômetros, de Buenos Aires até Caracas, montados em uma motocicleta modelo 1939, carinhosamente apelidada de "La Poderosa". Os amigos partem pelo continente que não conhecem nem mesmo em livros, já que em sua juventude foram apresentados na escola às culturas europeias, mas nunca aos vizinhos sul-americanos.

A aventura começa com ares de *road movie*. Mas, aos poucos, vai mudando de forma. As certezas se despedaçam. A moto também. Cresce a compreensão da dupla sobre a extensão da injustiça social e miséria da América Latina. Tomam contato com a literatura de esquerda e com o povo. A viagem se transforma em um “rito de passagem” para a vida adulta de Guevara. Uma fala do seu diário: “Ao sairmos da mina, sentimos que a realidade começava a mudar... Ou éramos nós?”

Em uma cena do filme, na noite em que comemora seus 24 anos, ele faz um discurso sobre a união da América Latina. Depois, resolve atravessar a nado o rio que separa os leprosos dos sãos, porque quer comemorar a data com aqueles que descobre excluídos. Guevara é asmático; os amigos, temerosos, pedem para que ele desista da empreitada. Mas ele se lança: quer chegar ao outro lado. O rio é como uma ponte que leva o futuro Che à alteridade, ao outro. Ele segue. E chega. Metáfora para a transição à vida adulta?

Retomo a procura de palavras e expressões centradas no *eu*. Resolvo fazer nova tentativa. Penso novamente no que leva alguém a escrever um diário: desabafar. O dicionário Aurélio (1988, p.3200) mostra quatro significados para a palavra:

1. Desagasalhar. 2. Expressar (o que sente ou pensa); desafogar, descarregar. 3. Desabafar (2): magoado. 4. Expressar o que sente ou pensa; desafogar-(se), desembuchar, desentranhar-se

Pensando em alguém que deseja expressar o que sente ou pensa, digito *desabafo*.

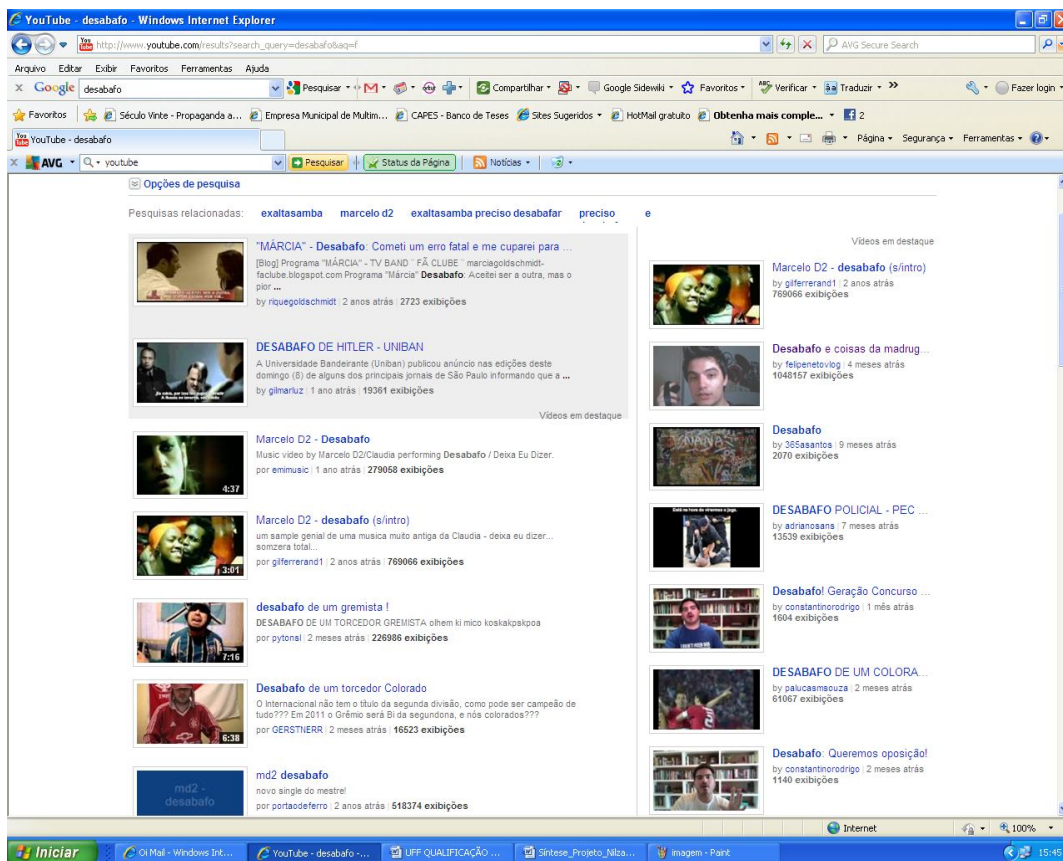


Fig.3

Como resultados para *desabafo*, além do destaque para um programa de TV¹⁵, o resultado mais recorrente é a música com o mesmo título, primeiro single oficial do álbum *A Arte do Barulho*, do rapper Marcelo D2, lançado em 2008 na televisão como videoclipe e mais tarde nas rádios. A canção alcançou um considerável sucesso, atingindo o top 10 do Hot 100 alcançando a 6ª posição. A música contém trechos da canção "Deixa eu Dizer" (1973), letra de Ronaldo Monteiro e Ivan Lins e interpretada pela cantora Cláudia no período da ditadura militar. Esse *desabafo* não se encaixa em minha pesquisa, mas a letra ("Deixa, deixa, deixa, dizer o que penso dessa vida, preciso demais desabafar") poderia certamente ser usada como uma perfeita trilha sonora desses novos tempos do diário público.

A nova tentativa, a partir da palavra *eu*, revela-se abrangente demais. Clipes de músicas (a maior parte evangélicas), filmes com a palavra *eu* (por exemplo, "Eu, a patroa e as crianças") e um vídeo que me parece interessante. "Pai, eu tô grávida"¹⁶. Visualizo. Antes de mim, 2.095.147 pessoas já o fizeram. O vídeo começa com uma ligação telefônica, uma

¹⁵ O primeiro resultado da lista aponta para um programa televisivo apresentado por Márcia Goldschmidt e transmitido pela Rede Bandeirantes (RJ). O programa tem como objetivo mostrar histórias de vida e dramas de pessoas que estão em busca de solução para seus problemas.

¹⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=GH4NixkBR6E>. Visualizado em 16/11/10.

jovem comunicando ao pai que está grávida. Depois de 7min 10s, descubro que é um trote. Passo para outro.

Agora, pesquiso “*eu no YouTube*”. De novo, só músicas e filmes. Tento *juventude*. Músicas e filmes, e aí um outro vídeo me chama atenção, por já ter tido contato com esse canal em um momento de garimpagem livre no site. Visualizo. A dupla de youtubers, os Vagazoides, fala sobre temas atuais. Nesse vídeo, seguindo a “escola” de Felipe Neto, criticam a mídia por alimentar a formação de uma adolescência precoce. Descarto. Procuo “um ser que tem voz” (FREITAS, 2003:7) e, dada a variedade de formatos e conteúdos que podem ser publicados nos *vlogs*, meu objeto limita-se àqueles produzidos por apenas um usuário e destinados a expressar conteúdos referentes ao cotidiano de seus autores, como uma prática autobiográfica. Essa escolha justifica a denominação diários virtuais íntimos ao tipo de *vlog* estudado. Diante dessa delimitação, redefino parâmetros conceituais de apoio. O primeiro deles diz respeito ao sujeito jovem e à subjetividade. Tanto as visões conceituais, que permeiam o objeto como problema teórico, quanto as implicações como fenômeno na contemporaneidade constituem para mim abordagens primordiais.

Retomei então ao caminho proposto no início da pesquisa: mais visualizados e partindo daí para pessoas e blogs. Desta forma fui direcionada ao canal de Felipe Neto.

The image shows a screenshot of a YouTube homepage. On the left, there are several video recommendations categorized by topic: 'Mais populares', 'Entretenimento', 'Notícias e política', 'Esportes', 'Ciência e tecnologia', and 'Mais vistos'. Each recommendation includes a video thumbnail, a title, and the number of views. In the center, there are more recommendations for 'Música', 'Filmes e desenhos', 'Guias e Estilo', and 'Educação'. On the right, there is a video player showing a video titled 'O Boticário - Look Lady Gaga por Sadi Consati'. Below the player, there is a section for 'Vídeos do momento' and 'Automóveis', each with a list of recommended videos and their view counts.

Fig.4

Um ditado popular diz “o que os olhos não veem o coração não sente”. Talvez por isso índios temessem tanto os espelhos. Imaginavam que a imagem refletida era a própria alma e que a perderiam se direcionassem o olhar para ela (CHAUÍ, 1998). Em uma sociedade em que somos moldados pela visibilidade, olhar através do espelho (no caso, o YouTube) está longe de significar o risco de perda da alma. Parece mais uma tentativa de mantê-la online. Isso porque a exposição de si em diários publicados na internet evidencia mudanças claras nas noções de intimidade e privacidade que, na modernidade, estavam bem distintas nas esferas pública e privada. O fenômeno da disputa por visibilidade e pelo consumo da privacidade alheia mostra transformações subjetivas que deixam indefinidas as fronteiras entre vida íntima e espaço público. Agora, nesses novos tempos, a escrita de si é pública. Então, “se os olhos veem”, resta saber se “o coração sente” de forma mais/menos intensa, de forma mais clara, de forma a alterar/realçar/ moldar a subjetividade. Resta saber também como essa explosão de visibilidade interfere na elaboração da subjetividade contemporânea.

No capítulo dois, acompanhamos o surgimento dos diários tradicionais e a emergência dos diários *online*. O objetivo é compreender as “vozes” que falam nesses diários, perceber em que direção “ a palavra se dirige”(BAKHTIN, 2006) e entender as razões que fazem com que esse tipo de “escrita” resista ao tempo.

CAPÍTULO 2

DOS DIÁRIOS TRADICIONAIS AOS DIÁRIOS PÚBLICOS

2.1. Vou mostrando como sou

“Começando um diário, já concordava com a idéia de que a vida seria mais suportável se eu a olhasse como uma aventura e um conto. Eu me contaria a história de uma vida, e isso transmuta em uma aventura os percalços que nos sacodem!”

Anaïs Nin (1903-1977)

Transformar o *eu* em *outro*. Não seria essa a ideia central nos diários íntimos confessionais? Confessar ao *eu/outro* os segredos mais íntimos, os desejos mais secretos, os objetivos mais inacessíveis, os pensamentos mais obscuros. Olhar para a própria vida com afastamento, como se vivida por um *outro* não a tornaria mais suportável? Editar a própria vida não seria uma forma de transformá-la em uma aventura?

A hipótese de transformar a vida em aventura pode ser um caminho para explicar como e por que os diários íntimos resistem ao tempo. A explosão dos diários confessionais na atualidade serve para confirmá-la. Reais ou virtuais. Na literatura, nas telas de cinema, nas redes sociais da internet.

O estudioso francês Philippe Lejeune (1996) se dedica há mais de trinta anos à pesquisa de variadas expressões escritas do *eu*. Ao escolher a autobiografia como ponto de partida e principal objeto de seu estudo, transita entre a tradição das confissões, a epistolografia e o diário. O próprio autor justifica o interesse pelo objeto admitindo que manteve um diário nos seus anos de juventude por falta de alguém com quem pudesse dialogar: “Em minha adolescência escrevia um diário porque não tinha ninguém com quem conversar. O milagre foi que tudo mudou. Meu interesse por diários se converteu em fator de socialização”¹⁷(1996:74). Por isso, acredita que:

[...] seja o diário a própria inscrição da memória, ou o registro dos constantes conflitos daquele que escreve, sua leitura pode provocar tanto o conhecimento do outro quanto a descoberta de um modo de olhar para si (LEJEUNE, 1996:78).

¹⁷ Lejeune (1996) analisou a fundo 114 diários: 58 diários impressos no século XIX; 17 diários impressos no século XX; nove diários manuscritos preservados em arquivos públicos e 30 diários de particulares.

Supondo a priori que “todo diário é interessante”, ele relata algumas de suas descobertas:

Encontrei poucos diários de rapazes. É fácil provar que essa discrepância entre os gêneros é principalmente cultural. As garotas são ensinadas a manter um diário, os garotos não. É parte do sistema disciplinar para torná-las boas esposas, boas cristãs e boas mães. O diário é uma das técnicas usadas para fazê-las colaborar com sua própria disciplina. Garotos não necessitam tornar-se tão bons cristãos ou tão bons pais. A educação secundária tinha a intenção de prepará-los para sua posição profissional na sociedade. Eles estudavam Latim, Retórica, Direito, Ciências, Administração. As mulheres eram responsáveis pela esfera privada, e mantinham um diário para se prepararem para ela. (LEJEUNE. 1996:106)

Os diários íntimos e autobiografias, segundo Calligaris, (1998:43) são escritos por motivos variados: respondem a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Assim como as cartas, memórias e álbuns, revelam uma prática que se aproxima ao gênero da autobiografia, mas que parece conter vários gêneros dentro de si. Quem escreve um diário íntimo se sente a salvo do caos interno e do externo. Escrevemos, como afirma Maurice Blanchot:

para salvar “la escritura, para rescatar su vida mediante la escritura, para rescatar su pequeño yo para salvar su gran yo dándole aire, y entonces se escribe para no perderse en la pobreza de los días”¹⁸
(BLANCHOT,1996:51 apud MACIEL,2002)

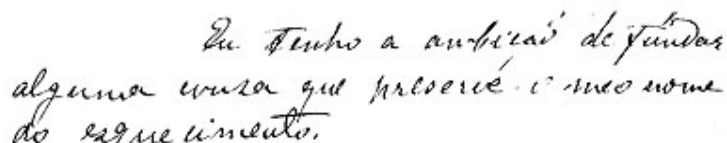
Mas em que um diário íntimo se aproxima e se distancia de uma autobiografia? Dois aspectos fundamentais caracterizam um diário como tal: a questão temporal e o pacto de sinceridade estabelecido pelo diarista.

A relação do diário com o tempo é singular. O compromisso é com o presente. Nesse espaço não se cultiva a narrativa sob retrospectiva, como ocorre nos casos da memória e da autobiografia. As formas de registro são particulares. Os diários são território da livre expressão do *eu*. Sonhos, diálogos, poesias, letras de músicas, acontecimentos marcantes, banais, lembranças do passado – tudo tem seu lugar. Mas sempre ligados à temporalidade da escrita, sempre ligados ao calendário. Segundo Lejeune (2008), a marca do diário é a escrita cotidiana, cujo registro ou entrada é a data. A regularidade transforma os escritos em sequências, que dão efeito de continuidade. Outros dois aspectos singularizam um diário: a fragmentação e a repetição. O que se lê como resultado é a própria construção da memória: “escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma ‘identidade narrativa’ que tornará minha vida memorável”. Michele

¹⁸ “para salvar a escritura, para resgatar sua vida mediante a escritura, para resgatar seu pequeno eu ou para salvar seu grande eu dando-lhe vida, e escreve-se, também, para não se perder na pobreza dos dias.”

Senay (1997, apud LEMOS, 2002) concorda: “um diário se escreve com o passar do tempo; é muito diferente de todas as autobiografias, memórias e outros parentes próximos do gênero”.

Também a paixão dos autores de diários, paixão por si mesmo, beira o caos da memória, pois é recorrente entre eles a convicção de singularidade, bem como verdadeiro temor de ser esquecido, de não ficar para a posteridade. É o que se percebe no seguinte trecho do diário íntimo de Couto de Magalhães (1837-1898):



*Eu tenho a ambição de fundar
alguma coisa que preserve o meu nome
do esquecimento.*

“... [e]u tenho a ambição de fundar alguma coisa que preserve o meu nome do esquecimento...”
(1880, apud Henrique, 2008:20).

De acordo com Senay (1997), nas razões para se escrever um diário – lembrar-se, compreender-se, construir-se, narrar-se, descobrir-se –, fica evidente que se narra “o que não se pode confidenciar. Narra-se aquilo que é real demais para não arruinar as condições da realidade comedida que é a nossa”. Viria daí um primeiro interesse do leitor em ler o diário íntimo publicado, para ter acesso à verdadeira identidade e aos pensamentos de alguém.

Em tese, não era proibido ler os diários íntimos deixados em casa, mas violar esta intimidade era algo moralmente condenável. “Na intimidade individual certos espaços devem, particularmente, permanecer na sombra; o diário íntimo é um deles, faz parte desses círculos interditados” (SCHITTINE, 2004:99). Por isso, tantos livros e filmes se valiam dos diários tornados públicos para fazer a “verdade” vir à tona.

Inúmeros exemplos vêm das telas do cinema em que a verdade é revelada a partir de um diário. Em “*As pontes de Madison*”¹⁹, é exatamente isso que acontece. É a partir da leitura do diário de Francesca, após sua morte, que os filhos descobrem um segredo guardado a sete chaves. Numa determinada ocasião, em 1965, o marido e os dois filhos adolescentes passam quatro dias fora, em uma feira estadual. Exatamente nesse período a pacata dona de casa conhece um fotógrafo e vive quatro dias de intensa paixão. Ele trabalha para a revista National Geographic e está em Iowa pra fotografar pontes cobertas,

¹⁹ The Bridges of Madison County (br: As Pontes de Madison / pt: As Pontes de Madison County) é um filme estadunidense de 1995, dirigido por Clint Eastwood, com roteiro adaptado por Richard LaGravenese do livro homônimo de Robert James Waller. Fonte: Wikipedia, acesso em 12/03/11.

típicas daquele lugar perdido no centro dos Estados Unidos. É nas páginas de um diário que ela registra a paixão e o conflito vivido: decidir se abandona tudo ou se fica onde sempre esteve, levando uma vida tacanha e rotineira.

Em nenhum momento os filhos duvidam do que leem. “Vivemos em uma cultura onde a marca da subjetividade de quem fala ou escreve constitui um argumento e uma autoridade tão fortes quanto, se não mais fortes que, o apelo à tradição, ou a prova dos “fatos”. (CALLIGARIS, 1998:44). Como duvidar das palavras escritas na solidão do quarto, em segredo, protegidas por cadeados e guardadas longe dos olhares curiosos?

É possível definir a escrita dos diários íntimos como uma coleção de fragmentos de si mesmo, os fragmentos que o autor julga dignos de conservação para a posteridade. A heroína de “*As pontes de Madison*” não teve coragem de transformar a vida em uma aventura. Mas deixou registrado que a vida, por um breve intervalo, havia adquirido ares de romance: sugere-se aí então que “quem escreve um diário tem sempre a expectativa de que um dia alguém o leia”. (ROUSSET, 1983:436-437).

O historiador norte-americano Peter Gay (1999) é autor de um estudo fundamental, “*A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud*”, onde analisa o comportamento burguês no século XX. Na obra “*Coração desvelado*”, ele procura compreender o porquê da imensa produção de memórias, autobiografias, autorretratos e correspondências íntimas ao longo do período em que pesquisa. No caso dos diários, boa parte da explicação se concentra num “fenômeno cultural moderno: a privacidade”, diz ele. Embora criado antes do século XX, foi neste período que a produção dos registros se intensificou, passando a atender a vários propósitos: recomendação médica, registro de eventos correntes, medo de esquecer o passado ou afastar a solidão. E ainda que muitas vezes o homem não seja capaz de confessar seus desejos mais íntimos, o autor do diário não consegue escapar de sua história. Segundo ele, assim como as autobiografias, que têm maior coerência, os diários são sempre verdadeiros – tanto os evasivos e mentirosos como os demais. Direta ou indiretamente, todos testemunham os desejos e as ansiedades, os prazeres e os traumas, a discórdia interior descoberta ao escrever, provocando às vezes uma luta íntima (GAY, 1999).

Entende-se, aliás, que nesse quadro a sinceridade se separa, até conceitualmente, da verdade e se torna um valor diferente e hierarquicamente superior. Não sei exatamente desde quando é possível no Ocidente ser sincero, embora factualmente mentindo. Mas é certo que hoje sabemos apreciar a intenção sincera de quem fala e escreve, sua autenticidade, mesmo sabendo, por outro lado, que factualmente o que ele/ela diz ou escreve é falso. Ser sincero, autêntico, é um valor em si, em nada subordinado à verdade factual” (ROSSET, apud OLIVEIRA,2002)

Em geral o pesquisador pensa o diário como um documento como os outros, passível, portanto, de uma “crítica interna”, na qual é de muita valia o auxílio da psicanálise. O psicólogo Contardo Calligaris (1998) pergunta por que achamos que o que vem num diário é “a verdade factual”? O diário é uma voz falando de si, que contém e lança uma imagem; o primeiro destinatário é sempre o próprio autor. Foi para falar de si para si que Anne Frank transformou em diário o caderno com capa de tecido xadrez-alaranjado que ganhou do pai em 1942.

"Há alguns dias não escrevo porque, antes de mais nada, quis pensar neste diário. Ideia esquisita, a de uma pessoa como eu arranjar um diário; não só pela falta de hábito, é porque me parece que ninguém – nem eu mesma – se interessaria pelos desabafos de uma garota de 13 anos. Apesar disso, que importa? Quero escrever; e, mais que isso, trazer à tona uma porção de coisas de todo jeito que estão enterradas no fundo do meu coração". (FRANK, A, 1942-1989)²⁰

Ao escrever um diário, o indivíduo desenvolve uma imagem de sua vida interior: do ponto de vista psicanalítico, o indivíduo quer se interpretar, confessar, justificar, pensar mais claro quando se vê em uma encruzilhada. O processo de escrita é, obviamente, sempre seletivo e ordenado.

Vem de Rousseau essa noção da verdade como sinceridade. Em suas “*Confissões*”, ele buscava a verdade interior, que passava longe daquilo que chamamos hoje de realidade factual. Ele defendia que estava sendo verdadeiro todas as vezes que falava de forma sincera, quando dizia ser verdadeiro aquilo que acreditava sê-lo. Essa ideia de que a verdade de um sujeito está em seu coração, em seu interior, ganhou destaque à época do Romantismo, período que valorizava a explicitação do sentimento e o entendimento dos indivíduos a partir de suas sensações. Daí, muitos hoje pensarem que o diário corresponde à verdade do autor, pois se entende que o diário funda-se no princípio de o sujeito escrever apenas para si e não teria razões para enganar a si próprio. Como se o diário íntimo encerrasse a essência do indivíduo, como se mostrasse aquilo que o sujeito realmente é. Outros pensam o diário como uma máscara, que esconde outras máscaras. Para os pesquisadores que trabalham com esse tipo de fonte, o diário íntimo mostra muito mais o que o sujeito pensa que é ou o que ele gostaria de ser. Por isso, entende-se o autor de um diário como o editor de sua própria vida. É o que pensava Susan Sontag:

²⁰ Anne Frank: o outro lado do diário. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 204. Anne Frank viveu entre seus 13 e 15 anos (6 de julho de 1942 a 4 de agosto de 1944) escondida nos fundos de um prédio em Amsterdã, na Holanda, fugindo da perseguição nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. Por todo esse período, o diário, que ela recebeu de presente de aniversário, foi seu companheiro inseparável. Anne morreu em fevereiro ou março de 1945, no campo de prisioneiros de Bergen-Belsen, na Alemanha.

“É superficial entender o diário apenas como um receptáculo dos pensamentos privados, secretos, de alguém – como um confidente que é surdo, mudo e analfabeto. No diário eu não apenas exprimo a mim mesma de modo mais aberto do que poderia fazer com qualquer pessoa; eu me recrio.” (SONTAG, 1947:63) ²¹

2.2. E vou sendo como posso

A prática de escrever diários é bastante antiga e se tornou mais frequente a partir de 1800. Segundo Alain Girard, foi então que o diário se tornou um novo gênero de escrita:

seu nascimento é o resultado de um encontro entre duas correntes dominantes que impregnam o pensamento e a sensibilidade da época: de um lado a exaltação do sentimento, e, na esteira de Rousseau, a moda, a onda das confissões; de outro, a ambição dos ideólogos ou homens alimentados pelo pensamento ideológico (como Benjamin Constant, Stendhal, Maine de Biran, Joubert...) de fundar uma “ciência do homem” baseada na observação, colocando na origem do entendimento a sensação (na linha de Locke, Helvetius e Condillac).(GIRARD, Alain. *Le journal intime*. Paris, PUF, 1a ed. 1963, 2a ed. 1986, pp.IXX.)

Em sua dissertação de mestrado “Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade”, Oliveira (2002) enfocou o desenvolvimento desse gênero até que chegassem ao formato *online*, ou seja, quais foram os caminhos percorridos pelo diário, desde seus primórdios, quando eram escritos em papel, até sua publicização e popularização na internet. Seguiremos então seus passos para acompanhar essas transformações.

Embora o diário, na contemporaneidade, esteja muito associado ao furor da escrita de si, de modo privado, cultivada principalmente a partir do século XIX, sua história é mais antiga. Portanto, não pode ser resumida ao “livro do eu”, que ganha espaço a partir da segunda metade do século XIX. É surpreendente o fato de o diário nascer vinculado a uma natureza pública e comunitária. O caráter privado do diarismo, embora tenha prevalecido nos últimos 100 anos, aparece pela primeira vez no século X, no Japão [...]. O diário oferece, ainda, uma natureza semipública, quando, no século XVII, na Inglaterra, proliferam os diários espirituais, uma categoria de pré-diários que mais tarde vai contribuir para o aparecimento do diário íntimo como “o livro do eu”. (OLIVEIRA, 2002:19)

²¹ Reticente mas convencido de que eles acabariam públicos, David Rieff, jornalista e filho de Sontag, resolveu, após a morte da mãe, publicar os cem cadernos-diários em três volumes.

Seguindo a classificação do pesquisador inglês Robert A. Fothergill, Oliveira (2002) distingue a evolução do modelo de diário íntimo a partir de quatro formas: “diários públicos, diários de viagem, diários de registro pessoal – análogos aos livros comunitários (*commonplace books*) – e diários de consciência ou espirituais”

Os diários de consciência ou espirituais tornaram-se muito populares no século XVII, alimentando a prática do diarismo nos séculos XVIII e XIX. Focando sobre a realidade interior em detrimento de aspectos exteriores da vida do diarista, esses diários são responsáveis por pavimentar o caminho para o surgimento do diário como o “livro do eu”, no século XIX.

Foram os diários espirituais os principais responsáveis por eliminar o caráter público que o gênero mantinha até então, passando agora a dar ênfase à vida privada do diarista. “Com a Reforma e o Renascimento, os diários tornaram-se o lugar em que a singularidade e a autorreflexão eram com frequência exercidas, de forma pessoal e privada”. (OLIVEIRA, 2002:47)

Mas o diário como o “livro do eu” somente surge, de fato, no fim do século XIX, motivado por mudanças científicas e culturais que favoreceram o hábito de maior investigação e reflexão sobre si. Um dos fatores determinantes seriam as pesquisas de Freud sobre o consciente e a natureza do inconsciente, associada ao desenvolvimento do Romantismo, como elemento cultural. “A partir desse momento, diários tornaram-se o local onde o hábito de inquirir e refletir sobre si mesmo terminava se realizando” (OLIVEIRA, 2002:48).

Depois do “livro do eu”, o diário íntimo evolui ainda para o “Novo Diário”, forma na qual vai exercer, durante o século XX, a função de catarse com fins terapêuticos e também ser utilizado como instrumento de ensino-aprendizagem para melhorar a expressão verbal do aluno e o seu desenvolvimento em sala de aula.

Em sua maioria, diários escritos por homens normalmente os retratavam como exploradores e aventureiros, enquanto as mulheres escreviam sobre a sua intimidade, o amor romântico, a família e a comunidade em que viviam, relatando experiências da vida cotidiana. A partir do século XIX, os diários foram se tornando quase que exclusivamente “coisas de mulheres”.

Frequentemente os diários de mulheres entre os séculos XVII e XIX significaram a expressão de suas vidas, refletindo o tipo de papéis que elas ocupavam no meio social: donas de casa, esposas e mães e, em muitos casos, viúvas. Embora desempenhassem

bem esse papel de historiadores familiares e comunitários, muitos diários de mulheres se mostravam tímidos em relação a aspectos como corpo, mente e sentimentos.

Da mesma forma que os objetos do cotidiano, alvo da paixão de colecionadores, os diários íntimos possuem função reguladora e têm importância vital no equilíbrio do indivíduo. Como se depreende da leitura do diário de Bronislaw Malinowski (1884-1942)²², escrito numa “cadernetinha preta e grossa”:

“nesta manhã (6.1.18) ocorreu-me que o objetivo de manter um diário e tentar controlar minha vida e pensamentos a cada momento deve ser consolidar a vida, integrar o pensamento, evitar fragmentar os temas ... pensei no diário e na integração da vida durante todo o dia ...” (1997, p. 203-203).

2.3. E passo aos olhos nus ou vestidos de lunetas

Na etapa seguinte, do “Novo Diário”, no século XX, esta forma de escrita passa a estar associada com a exploração da criatividade, do crescimento pessoal, da reparação ou da terapia, como explica Oliveira (2002). Sibilía (2003) lembra que os relatos autobiográficos, especialmente as diversas formas do diário íntimo, tiveram a sua morte anunciada e confirmada nas últimas décadas do século XX. O surgimento dos meios de comunicação de massa baseado em tecnologias eletrônicas vai provocar um repentino ressurgimento desses nos ambientes virtuais – com os v/blogs confessionais.

A “primeira onda da web escriturável” acontece na primeira fase de acesso dos diaristas *online* à rede, em meados da década de 1990, quando a linguagem de feitura de páginas era o html, que exige conhecimentos mais específicos para criação e postagem de páginas pessoais. A “segunda onda da web escriturável” ocorre quando surgem ferramentas como o blog, interface que facilita o processo de feitura e postagem dos ciberdiários. (OLIVEIRA, 2002: 21)

Se no início da década de 90 era possível identificar e contar o número de diários pessoais publicados na internet, em poucos anos isso se tornou impossível. Como afirma

²² MALINOWSKI, Um diário no sentido estrito do termo. Rio de Janeiro: Record, 1997: 12. O diário de Bronislaw Malinowski (1884-1942) causou muita polêmica quando de sua publicação, em 1967, por revelar facetas inusitadas do antropólogo. Abrange apenas um período muito breve de sua vida, do início de setembro de 1914 ao início de agosto de 1915, e do fim de outubro de 1917 a meados de julho de 1918, cerca de 19 meses ao todo. Segundo Raymond Firth, em sua primeira introdução ao diário, “foi escrito em polonês, como um documento privado, e nunca se pretendeu que fosse publicado” (p. 15). Não trata do trabalho de campo do autor, mas de sua vida pessoal, emocional e intelectual. É um exemplo do que nos fala Bourdieu (1996) sobre a relação entre a produção – a obra – de Malinowski e a criação em si, a sua identificação como sujeito – a criação de si.

Oliveira (2002), desde o pioneirismo de Justin Hall e Carolyn Burke²³, mais e mais pessoas foram se juntando a eles, sob as mais diferenciadas justificativas para manter a narrativa das próprias vidas *online*.

Já foi dito aqui que a exposição de si não é privilégio da internet. A revolução tecnológica tem proporcionado mudanças nas configurações sociais e nos modos de o indivíduo ser e estar no mundo. Mas é inegável que, com o nascimento da internet, essas práticas foram levadas a limites antes impensáveis. O recurso do texto escrito aliou-se às modernas tecnologias de transmissão de imagem em tempo real e as narrativas ganharam contornos audiovisuais. O YouTube foi um catalisador dessa tendência ao combinar esses dois fatores para fazer nascer milhares de pequenas autobiografias. Como afirma Moraes, “a facilidade de publicar está na raiz de um fenômeno comunicacional já mencionado: as difusões pela Internet escavam brechas nos controles da grande mídia” (MORAES 2001:100). A exibição da intimidade na internet se transforma em um fenômeno.

A emergência dessas páginas pessoais está associada a novas possibilidades que as tecnologias do ciberespaço trazem de liberação do polo da emissão, diferentemente dos *mass media* que sempre controlaram as diversas modalidades comunicativas. Esta liberação do emissor também possibilita expressões livres, múltiplas. O excesso, paradoxalmente, permite a pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social (LEMONS 2002). A internet serve, assim, como uma forma de escoamento de discursos pessoais que foram há muito tempo inibidos pelos mass media. A reedição de práticas como os antigos diários pessoais trata-se, portanto, de mais uma forma de apropriação social da web.

Narrar a própria vida, sejam as reflexões ou ações cotidianas, não é um hábito novo que surgiu com os v/blogs de cunho pessoal, onde o autor publica *posts* em que expõe em minúcias sua vida íntima. Essa prática é a essência da escrita de diários, aqueles de papel e que costumavam ser guardados a sete chaves. Pela semelhança temática, v/blogs confessionais e diários costumam ser comparados. Chega-se até a pensar se seriam uma continuidade do diarismo em outro suporte – no lugar do papel, a tela do computador.

Os v/blogs confessionais contribuíram para o renascimento e o fortalecimento da escrita de si, muito marcada pela profusão de diários intimistas no século XIX. Mas é preciso avaliar se o balanço das semelhanças e das diferenças entre os v/blogs confessionais e os

²³ Hall, por exemplo, estreou como escritor de diários íntimos na rede em janeiro de 1994, aos 21 anos. Quando era estudante da Faculdade de Swarthmore, na Pensilvânia, produziu o diário Justin's Links from Underground. Nele publicava sua vida em detalhes, contando sobre bebedeiras, doenças contraídas, viagens, amizades, aulas, namoros, etc. A americana Carolyn Burke postou no site Carolyn Diary (www.carolyn.org), já em 1995, fatos cotidianos.

diários íntimos faz com que os primeiros sejam uma forma reeditada da velha prática diarista, adaptada ao novo cenário contemporâneo, ou uma prática completamente nova, uma modalidade original de escrita de si.

Sibilia (2008) acredita na continuidade de uma prática, ou seja, a do diário íntimo, mas com o possível surgimento de novos sentidos. Primo (2008), vai além em sua análise:

“Apesar de sabermos que novos meios ‘remediam’ meios anteriores (Bolter, apud PRIMO 2008), diários pessoais e v/blogs apresentam características muito distintas que prejudicam sua equiparação” (PRIMO, 2008:122).

Segundo o autor, a comparação com os diários ganhou consenso com rapidez porque, com a explosão dos blogs, logo se buscou um meio ou gênero anterior que desse pistas para que a nova modalidade fosse compreendida.

Precipitada ou não, a comparação existe e pode ser vista como decorrente de evidências concretas: diários íntimos e v/blogs confessionais são constituídos de textos com conteúdo semelhante, que relatam reflexões íntimas e ações da vida cotidiana do autor. Mas também concretas são as diferenças entre as duas práticas.

Sibilia ((2008), sobre essas diferenças, apresenta dois cenários que se delineiam. Um deles refere-se à tese da continuidade, que busca demonstrar que as novas modalidades “nada mais são” do que simples adaptações das velhas práticas. O outro, a tese da descontinuidade, procura desvelar a especificidade das novas formas, de modo a captar tudo o que elas trazem de novo e a perceber as implicações de sua introdução na presente formação histórica. Sua aposta segue nessa segunda estratégia investigativa, destacando também a relevância dos estudos comparativos, já que esses “proporcionam um pano de fundo contra o qual é mais fácil enxergar as inovações”. Para a autora, “convém ao pesquisador se manter alerta e desconfiar dessas permanências, pois muitas vezes as práticas persistem, mas seus sentidos mudam”.

Embora alguns hábitos pareçam sobreviver ao longo de períodos históricos diversos, ganhando certo ar de eternidade, convém desconfiar dessas permanências: muitas vezes as práticas culturais persistem, mas seus sentidos mudam. Do contrário, corre-se o risco de naturalizar algo que é uma mera invenção, perdendo a ocasião de compreender toda a riqueza de sua especificidade histórica e seu sentido peculiar na sociedade que a acolhe. (SIBILIA, 2008:75)

Com os v/blogs, o diário encontrou um novo modo de publicar-se: de íntimo e pessoal – em papel e mantido longe do olhar do outro – à publicização na internet. Este é um dos aspectos a destacar nesta inovação: os v/blogs são considerados diários modernos, – embora não só isso. Aí cabem fatos da vida pessoal, comentários sobre notícias interessantes e links para elas, relatos de situações vividas, como em v/blogs sobre a guerra, intercâmbios ou dietas, por exemplo.

A presença constante do outro, explícita ou não, nos diários virtuais íntimos, é uma das marcas mais características desse gênero. Falar para alguém sem rosto, falar para todo mundo, falar para ninguém evidencia, para o psicanalista Jorge Forbes (2001), que a busca da identidade está centrada não na comunicação com o outro, mas na interação com a própria língua.

“A passagem da industrialização para a globalização destruiu os ideais comuns, e o mundo ficou ‘desbussolado’. Na euforia depressiva, as pessoas sentem necessidade de escrever – ou seja, firmar um novo contrato com a própria língua, o mais forte instrumento de identificação do ser humano como humano. E quando o ser humano se reinventa isso, como toda invenção, só faz sentido, só existe, se é conhecido pelo outro, independente de quem seja esse outro” (FORBES, 2001, apud LEMOS, 2002)

Como nos diários tradicionais, a possibilidade de desabafar, pensar e escrever, mas, principalmente, a capacidade de autoconhecimento por meio da escrita permanece nos diários confessionais virtuais. Bakhtin (2004), em termos da constituição do *eu*, coloca a identidade como construída pela linguagem e através dela. Também para Turkle (1997:22): “Nos meus mundos mediados pelo computador, o *eu* é múltiplo, fluido e constituído em interação com uma rede de máquinas; é formado e transformado pela linguagem”. Esses diários na internet significam o colocar-se como sujeito por meio da linguagem e enunciar-se como *eu*. Permitem ao indivíduo inserir-se na sociedade em que vive. No entanto, o conhecer a si mesmo é acompanhado por um dar-se a ver pelo *outro*.

Em relação ao *outro*, vale lembrar da artista plástica mexicana Frida Kahlo, que criou um duplo imaginário de si mesma, uma menina alegre com quem adorava dançar, como um meio de lidar com os intensos sentimentos de vazio e solidão. Recorria, dessa forma, à imagem de um corpo intacto que a tranquilizava quanto ao medo de não voltar a andar ou ainda quanto ao medo de morrer. Em seu diário, Frida descreve essa experiência:

Eu devia ter seis anos quando vivi intensamente a amizade imaginária com uma menina mais ou menos da mesma idade. Na janela daquele que era então meu quarto, e que dava para a rua Allende, sobre um dos primeiros vidros da janela. E com um dedo eu desenhei uma “porta” (...) Por essa “porta” eu saía na minha imaginação com uma grande alegria e urgência. Atravessava todo o campo que se via até chegar a uma leiteria que se chamava PINZÓN (...). Pelo “O” em PINZÓN eu entrava e descia intpestivamente ao interior da terra, onde minha amiga imaginária “me esperava sempre”. Não me lembro de sua imagem e nem de sua cor. Mas sei que era alegre. Ela ria muito. Sem sons. Era ágil e dançava como se não tivesse peso algum. Eu a seguia em todos os seus movimentos e enquanto ela dançava eu lhe contava meus problemas secretos. Quais? Não me lembro. Mas ela sabia pela minha voz todas as minhas coisas (...). Quando eu voltava para a janela entrava pela mesma porta desenhada no vidro. Quando? Por quanto tempo ficava com ela? Não sei. Podia ter sido um segundo ou milhares de anos (...). Eu era feliz. Apagava a “porta” com a

mão e “desaparecia”. Corria com meu “segredo” e minha alegria até o último canto do pátio de minha casa, e sempre no mesmo lugar, debaixo de um cedro, gritava e ria assombrada de estar só com minha grande felicidade e a lembrança tão viva da menina. Passaram-se 34 anos desde que vivi essa amizade mágica e cada vez que a recordo ela se aviva e cresce mais e mais dentro de meu mundo. PINZÓN 1950. (KAHLO, 2005: 82)

Problemas secretos? Resolvidos ou esquecidos. O que ficou na memória foi a presença do *outro*. Para Calligaris, hoje, principalmente nos centros urbanos, nossa identidade social depende do olhar dos outros, da forma como eles nos percebem e nos reconhecem. Então, precisamos atrair a atenção do outro para garantir a nossa identidade. “Por isso vamos ao cabeleireiro, fazemos tatuagens, usamos roupas bonitas e contamos nossas vidas em blogs”. (CALLIGARIS, apud VERSIGNASSI, 2001).

Para Bakhtin (2006:33), é a palavra que atua como uma espécie de ponte entre um sujeito e os outros, constituindo o produto da interação do falante e do ouvinte, um território comum entre ele e os outros, e é por meio dela que esse sujeito se define em relação ao outro, em relação à coletividade, fazendo da palavra, quer escrita, quer visual, um mecanismo de autoconhecimento. Nos diários virtuais íntimos, essa confiança dá lugar a uma expressão baseada não no contrato fiduciário tradicional particular do gênero autobiográfico entre as duas instâncias da enunciação, mas em um outro tipo de contrato, fundamentado na exposição de si.

[...] eu tento falar de tudo, mas como blog é de fato algo pessoal, eu falo bastante de mim. Às vezes com ironia, mentindo para fazer uma piada, e às vezes fazendo piadas com coisas que acontecem de verdade. Às vezes só contando alguma história que aconteceu comigo, mas de forma interessante, para que a pessoa aprecie a leitura. Independente de me conhecer ou não (sic). (Apud SILVA, 2006:54)

[...] pra mim é importante porque...é como se fosse alguém me ouvindo como se fosse alguém me entendendo e consolando e não me julgando como as vezes acontece quando a gente conversa com algumas pessoas acaba sendo um lugar pra enxugar minhas lágrimas ou pra rir das coisas boas sem me importar com opiniões não naquela hora... (sic). (Apud SILVA, 2006:63)

[...] depois de ter mais de 10 mil visitas por dia [no blog] é que eu acabei entendendo por que tanta gente quer ser celebridade. Não é para ser famosa, é para ser amada. (Bruna Surfistinha, 2011, *online*)

Em um jogo de palavras onde tenta dar conta dos paradoxos dessa novidade – uma intimidade que se faz pública, um dar-se a ver pelo outro –, Sibília (2008:12) chega a usar a expressão diário “éximo” para se referir aos diários confessionais. O que era escrito para

ser mantido em segredo, nos diários, ganha visibilidade na internet. O tempo do “tenho medo da autobiografia em público”, de Virginia Woolf, é definitivamente passado.

O detalhe do diário ditado já inaugura um novo modo de tratar a intimidade. Bastante conhecido é o do artista Andy Warhol. Em 1976, Warhol começou a ditar um diário detalhado para Pat Hackett, que é a base de “*The Andy Warhol Diaries*”, publicados postumamente. A idéia de confissões para si começa a mudar. Também nesse caso o ritmo, a velocidade e a linguagem desse diário se assemelham muito com os *weblogs*. Em 16 de janeiro de 1977, no Kuwait, Warhol escreveu:

"Fui à galeria de Nadja. Bebi outra vez aquele estranho café doce que eles te oferecem todo tempo, é de enlouquecer. Não sabíamos que se a gente não sacode a xícara eles continuam servindo. Comprei mais cinco cópias do Times (\$1) do Kuwait. A caligrafia é linda, nada de Pop. Fui a várias farmácias procurando A-200. Para o hotel. Pedi jantar antes do jantar (gorjeta \$2). As pessoas que nos convidaram para jantar andaram numa limusine Cadillac prateada. Chegamos à casa de Qrtayba al Ghanin, um tipo parecido com um Peter Brant rico. A casa fica no golfo, um pouco afastada da cidade. Os terrenos lá são muito caros. Ele transformou-os em coisa chique ao mudar para lá. Os Kuwaitis não servem álcool. Li Nick Carter. Muito bom – sexo e mulheres).(on-line, http://www.gostodeler.com.br/materia/1879/a_tradicao_dos_diarios_pessoais.html).

Schittine (2004:77) admite que, nos *blogs/vlogs* confessionais, a qualificação “íntimo” não se aplica mais em seu sentido original. Para ela, continuam a ser descritos como íntimos porque o caráter do que permanece é o da revelação da intimidade. Só que agora pública. Segundo ela, a própria inserção social do texto muda. Se, antes, os diários íntimos eram vistos como indevassáveis e havia “uma espécie de acordo moral e ético” entre as pessoas que viviam no mesmo espaço de que um escrito íntimo era por natureza destinado a ter um caráter secreto e que, por isso, deveria ser respeitado pelos outros (SCHITTINE, 2004:98), com os *v/blogs* confessionais tal acordo tácito perde o sentido e deixa de existir. Alguém que publica em seu canal está convidando o outro para compartilhar suas intimidades.

Certamente, há características que identificam a escrita do clássico diário confessional com a publicação dos *b/vlogs*. Mas fica clara a opção dos diaristas *online* por novos formatos e novas estruturas narrativas, menos comprometidas com as práticas já cristalizadas. A centralidade no reconhecimento e, conseqüentemente, a cada vez maior dependência dele (OROZCO GOMES, 2006) figura agora, junto ao rebaixamento dos muros da privacidade, entre as alterações de comportamento mais significativas presentes nos diários confessionais publicados no YouTube. Visibilidade é a expressão-chave no contexto desses novos diários que parte da geração digital exhibe na internet.

No próximo capítulo, analisamos o rótulo usado frequentemente para definir essa parte da juventude conectada, cada vez mais exposta a uma rede de informação digital que guarda seus dados e segredos, e que utiliza o vídeo como quer. Inclusive para “negociar” o próprio *eu*. Quem é a geração digital?

CAPÍTULO 3

A GERAÇÃO DIGITAL, UMA DAS JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE

3.1. Passado, presente...

Nada mais significativo nos tempos atuais do que o criador do Facebook ter sido escolhido, aos 26 anos, a personalidade de 2010 pela revista “*Time*”. Mark Zuckerberg, atual presidente-executivo do site, foi eleito “por conectar mais de meio bilhão de pessoas e mapear as relações entre elas; por criar um novo sistema de trocar informações; e por alterar a forma com que vivemos nossas vidas. A “*Time*” define a personalidade do ano como aquela que exerce maior influência, para o bem ou para o mal, sobre os acontecimentos.

A “*Time*” considera Zuckerberg, nascido em 1984, no mesmo ano do lançamento do Macintosh²⁴, não apenas um produto de sua geração, mas também um arquiteto dela. O Facebook, definitivamente, pode ser descrito com vários superlativos. Em um único dia, cerca de um bilhão de mensagens são postadas na rede, conectando um décimo do planeta. Se fosse um país, a rede social seria o terceiro maior do mundo. E, diga-se de passagem, com mais informações sobre seus ‘cidadãos’ do que qualquer outro governo.

Ao anunciar o vencedor no programa *Today*, da NBC Television, o editor da “*Time*”, Richard Stengel, disse:

Este ano o Facebook passou de 500 milhões de usuários. A escala da maior rede social da internet é algo que está transformando nossas vidas. Uma em cada dez pessoas no planeta está no Facebook, e isso considerando que o site é proibido na China, onde vive uma em cada cinco pessoas do planeta. (UOL Notícias. Acesso em 20/12/10)

Antes de ser apontado como personalidade do ano, Zuckerberg já havia sido eleito, em outubro, “a pessoa mais influente da Era da Informação” pela revista “*Vanity Fair*”. O sucesso do Facebook, criado em 2004, tem-se refletido no crescimento de sua fortuna

²⁴ **Macintosh**, ou **Mac**, é o nome dos computadores pessoais fabricados e comercializados pela Apple Inc. desde janeiro de 1984. O nome deriva de McIntosh, um tipo de maçã apreciado por Jef Raskin, o idealizador do projeto. O Apple Macintosh foi o primeiro computador pessoal a popularizar a interface gráfica (GUI), na época um desenvolvimento revolucionário. (Wikipédia, acesso em 27/01/11)

pessoal. O norte-americano ocupa, atualmente, o 212º lugar na lista de bilionários da revista “*Forbes*”, com patrimônio estimado em US\$ 6,9 bilhões.

Desde 1927, a homenagem da “*Time*” virou uma referência cultural nos Estados Unidos. O título já foi dado a personalidades como Gandhi, Rainha Elizabeth e Barack Obama. Além de ser o jovem mais rico do mundo antes dos 30 anos, o fundador do Facebook já é tema de filme²⁵. Zuckerberg é também apenas um ano mais velho do que a personalidade mais nova eleita pela “*Time*”: Charles Lindbergh, que, em 1927, fez o primeiro voo transatlântico de avião sem escalas. Zuckerberg tem exatamente a mesma idade da Rainha Elizabeth quando ela foi eleita em 1952. Segundo a revista, no entanto, ao contrário da rainha, o norte-americano não herdou um império. Criou um.

Criar impérios. Voar alto. É o que se cobra e se espera da juventude contemporânea. E a chegada dessa geração às páginas da “*Time*”, assumindo o lugar de personalidade do ano, confirma o verso de Bob Dylan que diz “algo está acontecendo aqui, mas você não sabe o que é”. Tapscott (2010:20) arrisca um prognóstico: a “geração internet” amadureceu.

Sua chegada está causando um salto geracional. Eles estão superando os pais na corrida pela informação. Pela primeira vez, os jovens, e não seus pais são as autoridades numa inovação central da sociedade. Essa geração está tomando os locais de trabalho, o mercado e cada nicho da sociedade, no mundo todo. Está trazendo sua força demográfica, seus conhecimentos de mídia, seu poder de compra, seus novos modelos de colaboração e de paternidade, empreendedorismo e poder político. (TAPSCOTT, 1998:18)

Para muitos desatentos, porém, o amadurecimento dessa geração surpreende. Para eles, ainda hoje, a juventude não passa de uma etapa transitória, onde “prevalece uma perspectiva de ‘vir a ser’” (DAYRELL, 2005). A negação do tempo presente anula assim o papel do jovem, excluindo qualquer significado relevante. O autor aponta ainda para outros “olhares” do senso comum, a partir dos quais a juventude é tida como um tempo de “liberdade e prazer” e de “comportamentos exóticos”, servindo como um período de “experimentações”. Desse modo a juventude é reconhecida como uma etapa da vida que seria marcada pela irresponsabilidade e o desajustamento social. Quando não, acaba sendo entendida como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e a personalidade.

²⁵ O filme “A rede social”, de David Fincher, foi o grande vencedor do 68º Globo de Ouro, considerado o principal termômetro para o Oscar. A Associação de Imprensa Estrangeira em Hollywood premiou o longa que conta a história da criação do site Facebook nas categorias melhor filme de drama, melhor diretor, melhor roteiro e melhor trilha sonora. Na cerimônia do Oscar 2011, no entanto, o filme ganhou apenas três estatuetas: montagem, trilha sonora e roteiro adaptado, este último por ser baseado na obra de Ben Mezrich, “Bilionários por Acaso”.

Tentando se aproximar de um perfil mais real da juventude, vários autores (LECCARDI, 1989; PAIS, 1993, 1997, 2001, 2003; KEHL, 2004; SPÓSITO, 2005; CAMARANO, 2006; PERALVA, 2007; CARRANO, 2007) têm se dedicado a pensar essa etapa. Segundo eles, o conceito de juventude não pode ser encerrado em esquemas modulares tendentes à homogeneização.

“A pluralidade e circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos incorporem o sentido da diversidade e das múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem. Essa diversidade presente no cotidiano nem sempre encontra correspondência nas representações existentes na sociedade sobre a juventude; é comum que essas sejam ancoradas em modelizações sobre o que seria o jovem típico e ideal. Quase sempre os modelos se espelham em jovens de classe média e alta – as propagandas comerciais não se cansam de recorrer a esse padrão sedutor para o consumo –, reforçando estereótipos nas relações entre as classes sociais”. (DAYRELL E CARRANO, 2003, *online*).

Para deixar claro os modelos de representações mais recorrentes do que se compreende hoje por jovem, recorro a Pais (1990), que destaca duas vertentes. A primeira compreende a juventude como um grupo social hegemônico, cuja característica principal é estar vivenciando certa fase da vida (grupo etário): nessa linha, se prioriza a análise dos aspectos mais uniformes e constantes nessa etapa de vida. A segunda reconhece a existência de múltiplas culturas juvenis e acredita que a juventude é mais que uma faixa etária. Emprega por isso o termo *juventudes* para apontar a enorme pluralidade do sentido de ser jovem.

Reforçando a fala de Pais, Carrano (2007) frisa que é impossível falar em “sociologia da juventude” sem buscar compreender o social que constitui e é constituído pelas diferentes juventudes. Assim, para além do mercado, que marca essa etapa principalmente pela identidade visual, se reconhecem esses muitos e diversos grupos, embora globalizados com características particulares e específicas. Segundo os autores, não há uma cultura juvenil unitária, uma forma. O que emerge são várias delas, com pontos convergentes e divergentes, já que são vivenciadas de diferentes maneiras. Isso, em função das diferenças sociais, de gênero, faixa etária, raça/cor, educação e trabalho. Juventudes sim, para contemplar a diversidade presente nesse viver esta fase, que se amplia a cada dia.

No centro das transformações engendradas na virada do século, as novas tecnologias são apontadas como um dos principais fatores dessa ampliação do viver as juventudes. Os computadores pessoais (cujos primeiros modelos foram lançados sequencialmente a partir de fins da década de 1970), a internet e, mais recentemente, os dispositivos móveis de comunicação, irrompem neste contexto, inaugurando novas sociabilidades e subjetividades, produzindo uma insólita identidade juvenil. Elas são

inspiradas no grau bastante significativo com que uma parcela desta juventude vem adotando as mídias digitais em seu cotidiano. O sociólogo catalão Manuel Castells, em seu livro “*Comunicación móvil y sociedad. Una perspectiva global*”, (2007), utiliza a noção de “tecnossociabilidade” para pensar as tecnologias de comunicação, não como ferramentas, mas como contextos, condições ambientais que tornam possível novas maneiras de ser, novas correntes de valores e novas sensibilidades sobre o tempo, o espaço e os acontecimentos culturais.

Uma ampla gama de classificações é utilizada para identificar o perfil que define esse grupo etário que nasceu a partir da década de 1980, já imerso em bits. “Geração digital” (nomeada, alternativamente, como “geração Y”, “geração online”, “geração internet”, “geração milênio”, “geração *zapping*”, “geração @”, “geração YouTube”) é a expressão mais frequentemente utilizada. O perfil destes jovens chama atenção pela relação íntima para tudo o que é digital, como internet, videogames e telefones celulares. A “geração internet” possuiria traços bastante distintos em relação às gerações anteriores, em especial uma grande habilidade em usar e abusar dessas tecnologias. Trata-se de uma expertise atribuída ao fato de que seus integrantes nasceram num ambiente digital, com uma “mão na mamadeira e a outra no mouse” (TAPSCOTT, 2010). Esta geração teria vivenciado uma “alfabetização tecnológica” da qual seus pais e avós, por exemplo, não teriam participado. Para eles, os avanços tecnológicos são realidade, não conquista.

3.2. Banhados em bits

Os termos *juventude* e *geração* aparecem constantemente em um duo e incorporam um sentido de potência e capacidade de transformação. Conforme reconhece Velho (1986), uma experiência de geração estabelece e reflete as transformações de costumes, valores, crenças e ideologias vinculadas à história de um determinado tempo, que vem a ser compartilhado em uma rede de relações de uma determinada sociedade. Ou seja: uma experiência de geração vem a ser uma experiência social vivida em um mesmo momento histórico, cujas marcas afetam as percepções de mundo e de sociedade desses indivíduos. A noção de geração deve também incluir outras categorias sociais como classe, gênero e etnia, e outras mais, para que se possa examiná-la em toda a sua abrangência. Carrano (2007) também adverte sobre a necessidade de se evitar as simplificações sociológicas e históricas sobre a complexidade do tema juventude. Embora reconheça que essas “juventude-tipo” tenham realmente existido no presente ou no passado, lembra que:

Assim como não há uma única possibilidade de compreensão do que venha a ser a juventude, uma vez que a mesma é uma variável sociológica das mutações sociais no tempo-espaço, também não há linearidade histórica naquilo que as sociedades esperam de suas novas gerações. Quando admitimos que não há hoje uma única juventude, também precisamos reconhecer o equívoco de se considerar que tenha existido uma única forma social juvenil em cada época histórica, tais como: a “juventude dos anos 30” (nacionalista e fascista), “a juventude dos anos 50” (rebelde sem causa), a “juventude dos anos 60” (revolucionária e contracultural), “a juventude dos anos 90” (hedonista e globalizada). (CARRANO, 2007, *online*).

Feixa (2003), em uma tentativa de traçar uma análise sobre as diferenças geracionais na atualidade e sobre o lugar dos jovens na sociedade contemporânea, lança mão da metáfora da evolução histórica do relógio – relógio de areia, relógio analógico e relógio digital. De início, o autor propõe que pensemos no relógio de areia (ampulheta) e sua estreita relação com as sociedades primitivas e tribais da era pré-industrial. Baseada na concepção natural ou cíclica do tempo presta-se a demarcar muito bem os ritos de passagem (da juventude para a idade adulta) apoiando-se nos ciclos da natureza. A imprecisão na marcação do tempo contrasta com a delimitação da marcação das fases: o funil estreito que separa a areia que marca a passagem do tempo marca também as etapas da vida. A transição é bem demarcada e visível, através de rituais de passagem. O jovem já sabe o que o espera enquanto adulto: repetir o comportamento da geração anterior e reproduzir os conteúdos culturais.

O relógio mecânico ou analógico, que marca a era industrial, elaborado com complexas engrenagens, aponta para uma concepção progressiva e linear do tempo. Nessa fase, se passa a estabelecer uma relação mais complexa entre as gerações, rompendo assim a tradição cultural representada pelo relógio de areia. Assim, pode-se falar em uma transição cultural, que significa estabelecer diferentes nomenclaturas para as gerações, tal como infância, adolescência e fase adulta. A marcação do tempo ganha mais precisão. Agora, o período de transição já contém certa dose de diferenciação, abrindo espaço para novas expectativas e conflitos de geração. Os jovens, diferentemente da geração anterior, já farejam o novo.

O relógio digital marca a era pós-industrial. Essa época está relacionada a uma concepção plural do tempo, um tempo virtual que comporta um movimento constante e intercambiável entre os papéis geracionais: filhos ensinam aos pais, irmãos a irmãos, netos a avós. Isso porque os jovens, mais que os outros nessa “sociedade de informação”, têm a sua disposição os meios de comunicação e novas tecnologias de informação. As diferenciações geracionais são múltiplas e complexas. Definem-se as categorias de pré-adolescente, adolescente, jovem e jovem adulto. A contagem do tempo agora adquire uma

precisão de milésimos, confirmando enunciado de Carrano (2010), de que, principalmente nas sociedades urbanas, as fronteiras encontram-se cada vez mais borradas e as passagens de épocas geracionais não possuem marcadores precisos.

Para Schwertner (2010), o que essa metáfora dos três relógios nos diz é que:

“parece que, quanto mais se modifica a contagem do tempo, quanto mais precisa ela fica, quanto mais milimetricamente conseguimos controlar e contar o tempo, mais frouxas e menos precisas se tornam a transmissão geracional e a demarcação de lugares entre jovens e adultos. Parece que quanto mais *seguramos* o tempo, mais repleta de nuances e complexidades se torna a relação intergeracional, mais complexos são igualmente os conteúdos culturais, mais nebulosa é a experiência e compreensão do tempo, seja para as crianças, para os jovens, para os adultos”. (SCHWERTNER, 2010:113)

E, em meio a tantas nuances e complexidades, qual o lugar dessa geração na sociedade contemporânea?

Em 1993, quando Don Tapscott – psicólogo e pesquisador canadense, professor da universidade de Toronto e hoje consultor estrategista nas áreas de mídia, tecnologia e negócios – começou a estudar o impacto da internet no comportamento dos jovens, a rede ainda era um lugar de “geeks, radicais e visionários”. Mas já naquela época, seu filho Alex, então com sete anos, mostrava um conhecimento invejável do meio digital e já havia deixado as cartas de lado: mandara um e-mail para o Papai Noel.

Um prodígio, achou o pai – até descobrir que, na sua escola, Alex era a regra e não a exceção. Foi aí que viu que um fenômeno diferente estava acontecendo com aquelas crianças. A curiosidade o fez explorar o tema em “*Geração digital*” (1998), uma das primeiras obras sobre como a internet estava alterando a maneira de pensar daqueles que cresciam junto com ela.

E a curiosidade não parou por aí, porque com a web 2.0, o salto foi ainda maior. Em “*A hora da geração digital*” (2010), Tapscott argumenta que, agora adultos, eles levarão a lógica colaborativa da *web* a uma nova etapa. No livro, o autor, além de radiografar as características dessa geração em todo seu ineditismo, prevê as transformações sociais que ocorrerão a partir de então. Para descobrir mais sobre o nativo digital, o autor realizou uma pesquisa de US\$ 4 milhões com a nGenera (sua empresa de identificação de tendências), entrevistando mais de 10 mil jovens em 12 países. Para Dan Tapscott, a participação dos jovens na constituição da cultura do século XXI por meio das tecnologias digitais corresponde a uma verdadeira revolução, cujos antecedentes só podem ser comparados ao impacto da televisão na vida da chamada geração *baby boom* (pós 1950).

Tal como a televisão, as mídias digitais e a internet seriam responsáveis por uma expressiva reconfiguração da sociedade.

Tapscott parte de uma escala de gerações começando na Segunda Guerra Mundial. Há diversos critérios de classificação para a faixa etária e para a denominação das gerações dos *baby boomers*, dos *baby busters* e dos *echo boomers*. De acordo com Tapscott (1998, p. 20), boom (explosão) é o período em que houve acentuado aumento da natalidade nos Estados Unidos. *Bust* (declínio) é o período em que houve uma queda na natalidade. Echo é o período de eco do *baby boom*.

Assim, os *baby boomers* são os nascidos entre 1946 e 1964, que experimentaram uma certa retomada econômica, sobretudo nos Estados Unidos. Os *baby busters* (ou “geração X²⁶”) são aqueles nascidos no período de 1965 a 1976 e que chegaram à idade adulta em meio a década de 1970, com turbulentas crises sociais e desemprego e os *echo boomers*, os nascidos entre 1977 e 1997, portanto com idade inferior a 34 anos em 2011.

Após a década de 1960, os movimentos sociais de reivindicações de direitos civis (feminismo, movimento negro, estudantil) tornaram-se emblemáticos de uma cultura juvenil, responsável por garantir uma espécie de visibilidade social aos jovens. A juventude tornou-se uma espécie de motor das transformações sociais, atraindo desde então uma preocupação crescente dos outros grupos geracionais. E, pela primeira vez na história, afirma Tapscott (1998), os jovens dominam, mais do que os adultos, uma tecnologia tão central para o desenvolvimento da sociedade. É como se estivessem exercendo um lugar de liderança. “A hierarquia do conhecimento foi virada de cabeça para baixo”. Pais e professores não possuem a mesma expertise que os jovens, e não estão preparados para conduzir estes indivíduos em suas interações nos ambientes digitais. Estes jovens ocupariam um papel decisivo²⁷, já que o futuro da sociedade estaria definitivamente no avanço tecnológico, e, mais do que qualquer outra, a “geração net” foi alfabetizada no universo digital (TAPSCOTT, 1998).

Citando uma expressão do teórico em computação Alan Kay, que afirma que “a tecnologia só é tecnologia para aqueles que nasceram antes de que ela fosse inventada” o autor argumenta que os “Ngeners” não possuem a mesma percepção sobre as novas tecnologias digitais que seus antecessores. Para eles, a “tecnologia é como o ar”, um fato

²⁶ Tapscott esclarece que, na verdade, o termo baby busters nunca “pegou”. Em seu lugar, ficou a Geração X, numa referência ao título do romance de Douglas Coupland. O X diz respeito a um grupo que se sentia excluído da sociedade e que, ao entrar no mercado de trabalho, descobriu que seus irmãos mais velhos haviam preenchido todas as vagas. (TAPSCOTT, 2010).

²⁷ Barack Obama, nascido em 1961 e eleito presidente em 2008, é considerado por Tapscott o primeiro presidente digital.

da vida, assim como para os *boomers* a televisão está completamente incorporada ao seu cotidiano. Isto constituiria uma condição de “transparência”, devida à naturalização das relações entre as crianças e as mídias digitais. Eles não veem a tecnologia em si, mas as pessoas, informações, aplicações, serviços, amigos. “Não veem uma tela de computador, mas as mensagens dos amigos, seus zines, fan clubs, chats...” (Id. ibd. p. 39). E o jornalista Marcelo Tas faz coro a esses autores:

“Eles já nasceram assim, eles não possuem nenhum interesse em discutir isso. Quer dizer, eles talvez já estejam automaticamente dentro dessa conversa, mas para eles não faz muito sentido ficar debatendo, sei lá, o controle remoto ou até o computador. Tem uma maneira muito fácil de você identificar a idade de uma pessoa é quantas vezes ela fala a palavra computador. A molecada não fala computador porque computador, para elas, é igual à eletricidade, é igual à escova de dente, à caneta Bic. Não é algo que chame atenção dela, porque faz parte do cotidiano.”(TAS, Marcelo, *Fonte – Cultura.br .Acesso em 2/02/11*)

3.3. Nativos digitais, imigrantes digitais

Tapscott (1998) afirma que, para os “nativos digitais”, que passam por um processo de assimilação direta, a tecnologia digital não é mais intimidadora do que uma torradeira. Para os “imigrantes digitais”, no entanto, aprender algo completamente novo é muito mais complexo. Precisam flexibilizar seus já enraizados conceitos para abrigar uma nova tecnologia. É por esta razão que estes jovens ocupariam uma posição de liderança no fluxo de transformações no mundo tecnológico e midiático. O perfil da geração net retratada na pesquisa de Tapscott evidencia uma admirável precocidade. Ensinam aos pais como instalar softwares e executar funções eletrônicas, constroem sites em casa, *hobbys* com potencial para se tornarem pequenas empresas. Estes jovens também começam a identificar os modelos mais tradicionais de ensino como tediosos, uma vez que estariam “plugados” em um outro ritmo de decodificação de informações.

“Este é um modelo polifônico, de vozes que precisam se juntar. Os professores ainda estão num estilo criado no século XIX, o de prisão e igreja, no qual o professor é um pregador e a interatividade é mínima. Mas a era polifônica obriga que o ambiente seja interativo”(TAPSCOTT,2009,*online*). Na opinião do jornalista, escritor e docente na Escola de Comunicação da UFRJ, Muniz Sodré (2009), “é errado pensar que a interatividade e o ‘digitalismo’ são propriedades da máquina. Eles [os professores] precisam se abrir para as novas tecnologias e as novas formas de pluralidade”. (SODRÉ, O Globo, 18.05.2009, *online*)

A pesquisadora Rosane Abreu (2006), em seu livro "Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação" traz uma visão de como são e o que pensam as novas gerações. Ao falar sobre seu livro, a autora comenta que

'Cabeças digitais' refere-se à geração que nasceu e/ou cresceu nesse mundo repleto de tecnologias da informação e comunicação. Apesar de nós adultos estarmos vivendo também nesse mundo, essas tecnologias não fizeram parte de nossa infância e juventude, o que nos fez construir uma forma de pensar, sentir e agir diferente da deles, ou seja, uma forma construída com as tecnologias existentes na época. (ABREU, 2006. Acesso em 22/12/10).

No fim de 2010, uma empresa de pesquisa especializada em tendências de comportamento e consumo, a BOX1824, jogou na rede um vídeo que logo se tornou viral. Intitulado "*We all want to be young*", era resultado de cinco anos de pesquisas sobre as gerações W, X e Y. No começo, a seguinte afirmativa: "Todos queremos ser jovens. É atraente. É uma explosão de hormônios. É sexy. É saudável. Jovens representam novas linguagens e comportamentos".

Após caracterizar as gerações anteriores, o vídeo-relato afirma que a geração atual seria a primeira "juventude global". "Suas identidades teriam sido forjadas na internet, independentemente do local onde vivem. Seus conteúdos pessoais ganhariam dimensões estratosféricas, onde tudo pode ser remixado", afirma um locutor. E há o alerta sobre as consequências de tudo isso: "o excesso de informação e possibilidades está gerando uma ansiedade crônica; está se tornando mais necessário que eles escolham os filtros certos para organizar suas experiências tanto com conteúdo e pessoas em suas vidas". O vídeo também destaca que esses jovens "desenvolveram um modo não linear de pensar, que reflete exatamente a linguagem da internet, onde uma infinidade de assuntos pode ser acompanhada ao mesmo tempo". Por isso, "seria legal saber e ser várias coisas ao mesmo tempo, diferentemente da geração anterior, onde os jovens tinham uma opinião formada sobre o poder dos grupos. É possível ser surfista, DJ, roqueiro, *nerd*, cinéfilo e *designer* ao mesmo tempo". Essa geração seria, portanto, a mais plural da história, uma pluralidade que garantiria a possibilidade de simultaneamente reconhecer-se mesmo com suas diferenças pessoais. No fim, o vídeo oferece [ao sujeito adulto] duas opções: a primeira, entender e tomar parte dessa geração; e a segunda, sentar confortavelmente e se acomodar. Isso, porque, diz o vídeo, ser jovem não é apenas sexy e divertido, é questionar e ter ambições.

"Se você acha que já sabe bastante e está em paz com seu espaço no mundo, então parabéns. Você está oficialmente morto. Mais do que nunca, para entender esse mundo é preciso entender esses jovens que são os catalisadores das grandes mudanças. E há um bônus extra: entender a evolução do mundo é uma busca que pode nos manter jovens para sempre" (<http://box1824.com.br>. Acesso em jan/11)

Voltada então para “entender esses jovens”, Santaella (2007) aponta para o que, nos espaços plurais da *web*, parece ser um consenso nos estudos que ligam juventude e cibercultura: a elaboração múltipla de *eus* e identidades. Destaca, no entanto, que a multiplicidade identitária sempre existiu, sendo a sua existência na internet apenas uma nova forma de explicitá-la. As identidades múltiplas são uma característica do sujeito pós-moderno, oposto ao sujeito racional e objetivo do iluminismo. E para essa autora há manifestações visíveis da fragmentação nas formas de representação da *web*.

3.4. Um novo espírito do tempo

Parece agora claro que a maneira pela qual os jovens constroem sua experiência é mais e mais fragmentada, já que integram uma pluralidade de redes e de grupos. Entrar e sair dessas diferentes formas de participação é mais rápido e mais frequente do que antes e a quantidade de tempo que investem em cada uma delas é reduzida. Da mesma forma, a quantidade de informações que enviam e recebem cresce em um ritmo sem precedentes. Os meios de comunicação, o ambiente educacional ou de trabalho, lazer e tempo de consumo geram mensagens para os indivíduos, que são chamados a recebê-las e a respondê-las imediatamente. O passo da mudança, a pluralidade das participações, a abundância de possibilidades e mensagens oferecidas aos jovens contribuem para debilitar os pontos de referência sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída. A possibilidade de construir uma biografia contínua torna-se cada vez mais incerta (MELUCCI, 1997:10). De acordo com Carrano (2007), nos diferentes âmbitos de nossa vida cotidiana experimentamos uma multiplicidade de papéis sociais. Por isso, cada vez mais se torna difícil responder à pergunta: *quem sou eu?*

Em relação à juventude, parte da mídia seria taxativa na resposta: narcisista e superficial. Também para muitos pesquisadores, esse “novo senso de direção” (TAPSCOTT, 2010:285) ou o modelo de “geração mais aberta, mais democrática, mais criativa e mais inovadora” (BUCKINGHAM, 2008:130) é em parte “fabricado” para encobrir altas doses de superficialidade, de narcisismo, de individualismo e de descompromisso. E nem sempre leva a caminhos promissores.

Para Freire Filho e Lemos (2008), as representações da “geração digital” construídas principalmente pela mídia, podem ser compreendidas como formas de regulação que

exercem um controle das populações jovens por meio de discursos e imagens que condicionam e modelam subjetividades. Segundo os autores, os novos hábitos de consumo e as novas práticas de sociabilidade e comunicação da juventude são descritos, frequentemente, como modelos ideais de conduta, por indicarem uma flexibilização que garante a efetividade dos novos processos de capilarização da ordem econômica mundial.

[...] a imprensa tende a celebrar a aptidão extraordinária dos “cyberkids” perante as máquinas e a festejar as mudanças desencadeadas nos processos cognitivos, sem questionar a favor de quem serão utilizados tais saberes e expertises – excetuando-se, é claro, a inserção na disputa pelo competitivo e instigante mercado de trabalho. (Freire Filho e Lemos 2008:24)

Christoph Türcke, filósofo alemão professor da Universidade de Leipzig, autor de “Sociedade excitada – a filosofia da sensação” (2010), acredita que as novas tecnologias são frutos da sociedade capitalista e, por isso, disseminadoras da sua ambiguidade. Têm assim pontos prós e contras.

Por um lado são grandes conquistas, canais prometedores de um conjunto humano abrangente; por outro, são meios violentos de distração que restringem a atenção ao instante, ao consumo material e mental daquilo que está aqui e agora. Nesse sentido, essas tecnologias reforçam o desrespeito, a despreocupação e a irresponsabilidade”. (TÜRCKE, 2010, Nós da comunicação, *online*).

Segundo o estudo “*The impact of social media on children, adolescents and families*”, publicado no portal da American Academy of Pediatrics (2010), a falsa realidade exposta na internet, onde frequentemente os usuários publicam apenas o melhor de si mesmos, muitas vezes acarreta baixa autoestima por parte dos jovens. Graças a esse cenário, muitos adolescentes se sentem ainda mais deslocados, situação que foi ironizada no episódio “You have zero friends” do seriado animado South Park, em que um dos personagens sente a angústia de não ter amigos no Facebook. “Esses jovens optam por fugir da realidade”, alerta Nunes. “Em vez de resolver suas questões sociais, muitos resolvem se proteger no mundo virtual”²⁸.

A pesquisa de Schwertner (2010), “Laços de Amizade”, confirmou, após 12 encontros com 122 estudantes da 7ª e 8ª série de uma escola pública de Porto Alegre, o

²⁸ Uma pesquisa realizada pela Associação Internet da Juventude Chinesa detectou que sofrem de dependência virtual dez milhões dos 195 milhões de jovens com menos de 25 anos de idade. A China é hoje o maior consumidor mundial de novas tecnologias.

De acordo com o jornal “China Daily”, já existem na China cerca de 400 centros de reabilitação onde o vício em internet é tratado com ajuda de métodos brutais como punições corporais e eletrochoques. Isto porque a chamada “dependência digital” transformou-se num dos principais problemas de saúde pública do país. No Brasil, a referência para os dependentes digitais é o Hospital das Clínicas, em SP. (O Globo, 13/12/10).

quanto o computador ocupa uma posição de destaque no cotidiano dos jovens. Quase 70% dos alunos pesquisados afirmaram que “acessar o computador” era uma das tarefas realizadas no dia a dia. Nos fins de semana, diziam “eu mexo no computador o dia inteiro” e “passo o dia inteiro na internet”. Uma jovem estudante, ao detalhar suas atividades rotineiras, relatou que a primeira atividade ao acordar pela manhã é ligar o computador e acessar seu e-mail e sua página no Orkut. Outra menina, quando solicitada a escrever quais as atividades preferidas nas horas de lazer, declarou: “Só uma: computador: eu amo!” (sic).

Ao observar a profunda transformação das maneiras de sentir, perceber o olhar provocada pelo advento da reprodução mecânica da obra de arte nas sociedades de massa, Walter Benjamin ressaltou, em 1935, o caráter histórico dessas sensibilidades. Tais mudanças, afirmou, surgiram das relações com a nova realidade técnica, indicando que, “durante longos períodos da história de seu modo de existência, as comunidades humanas viram sua maneira de perceber se transformar. “[...] A maneira pela qual a percepção opera – o meio pela qual ela se realiza – depende não apenas da natureza humana, como também da história” (BENJAMIN, 1935:74. Apud HAROCHE, 2008).

A história, assim como a natureza humana, continua em movimento. E, sendo a contemporaneidade a condição de possibilidade dessa análise, evidencia-se a presença ostensiva do significante *fluidez* (BAUMAN, 2000), como marca da subjetividade.

É inegável que os meios de comunicação e a internet, através das redes sociais, proporcionam novas formas de contato e promovem um remix nos modos de relacionamento. A internet funciona como um ponto de encontro, um ponto de pertencimento, um ponto onde os sujeitos veem e são vistos. Não podemos, portanto, ignorar a forma como as culturas juvenis têm utilizado a visualidade como território privilegiado de diálogo, arena criativa, campo de combate ideológico e simbólico, de afirmação identitária, de jogo e de prazer – usos que, tantas vezes, são desconhecidos ou desprezados pelo universo adulto.

Sob o impacto da cibercultura, as sociedades contemporâneas tendem a se tornar sociedades que se transformam de maneira contínua, “sociedades fluidas, líquidas” (BAUMAN, 2000), “sociedades flexíveis, sem fronteiras e sem limites” (HAROCHE, 2008). Em “*A condição sensível*” (2008), Claudine Haroche nos provoca afirmando que, embora vivamos esse momento *líquido*, o que importa é a emergência, no indivíduo, de “maneiras inéditas de sentir”. Para ela, interessa discutir se a fluidez destituída intrinsecamente de limites acarreta modificações nas estruturas e pode por em questão a possibilidade de estruturação e mesmo de existência do *eu*. E pergunta: é possível pensar imerso na fluidez,

sob pressão permanente e interrupta do fluxo? Privado do tempo, da duração exigida pelos sentimentos, o indivíduo hipermoderno pode experimentar algo diferente de sensações?

Descompromisso, desengajamento e frieza são palavras exaustivamente citadas como marcas dessa geração e usadas para definir o (atual) *espírito do tempo* (POUTAIN e ROBISN, apud BAUMAN, 2001). A *palavra cool*, usada frequentemente, remete a capacidade de fugir, de escapar dos sentimentos, de viver num mundo de recusas a vínculos possessivos. As relações duradouras, que constroem laços e em que a individualidade é valorizada pela exigência, foram substituídas por encontros breves, banais e intercambiáveis, nos quais as começam tão rápido quanto terminam. Os vínculos hoje (Poutain e Robisn, apud Bauman, 2001) são mais frágeis e efêmeros. O estar junto tende a ser breve, de curta duração e desprovido de projetos.

Gauchet (apud HAROUCHE, 2010) vê nessas mudanças o traço e o efeito de uma nova relação individual com o tempo. Para ele, os indivíduos não se inscrevem mais no tempo ou o fazem de forma radicalmente diferente daquela que faziam. São testemunhos disso, diz, as maneiras como vivem, fazem planos, avaliam, decidem, julgam e interagem uns com os outros. Percebem, reagem e se conduzem num registro imediato, instantâneo, sem que cheguem a exprimir espontaneidade. Prudentes, mais descompromissados do que calculistas. A inconsistência do seu *eu* se faz acompanhar da falta de continuidade e estreitamento, e mesmo para uma inaptidão para os vínculos, laços e sentimentos.

Mais uma vez friso que essas mudanças não se processam somente no ciberespaço. Mas é aí que ganham potência. Na internet, tudo acontece em um clique. Deste modo, contra uma perspectiva que salientava os traços de rigidez, autenticidade e homogeneidade dos grupos juvenis na modernidade, as perspectivas ciberculturais inauguram um caráter fluido, líquido, mutante. Um novo *espírito do tempo*.

A respeito desse tempo de *grandes novidades*, Dussel (2010) alude às tecnologias midiáticas e lembra a frase de Alain Bergala, reconhecido crítico do cinema francês, “mesmo o filme mais novo e mais livre é um elo [...] de uma corrente mais extensa de obras”, para reforçar que, mesmo em oposição radical, as formas culturais se constroem em interação, nem sempre harmoniosa e consistente com as existentes. Para Tas (2009), vive-se hoje em um tempo em que todos os tempos convivem. Isso porque o “atual” é composto por matrizes variadas, entre tradição e inovação, passado e presente que circulam na vida de diferentes segmentos juvenis. Sem levar em conta a polifonia que cada indivíduo carrega, corre-se o risco de tomar essa juventude como homogênea.

As pesquisas têm demonstrado que as pluralidades de experiências dos grupos jovens, mesmo que no mesmo espaço físico, apontam diferenças marcantes. “Somente somos iguais no plano teórico e abstrato; no plano empírico, cada um de nós ocupa um lugar singular e único”, lembra Bakhtin (apud AMORIM, 2003) que, embora não tenha vivido a plenitude do mundo da tecnossociabilidade analisado por Castell, prezava o lugar singular de cada assinatura. É certo que também a geração digital compreende a existência de diferentes espaços de possibilidades. São também juventudes. Digitais. E usam o YouTube para falar de si, de seus projetos, de ações e de experimentações.

No capítulo quatro vamos analisar como dois jovens dessa geração customizam sua identidade e elaboram o “como sou” também pelo YouTube. Na cultura em que vivemos, a cibercultura, aquilo que não é capaz de chamar a atenção quase não é percebido. *Esse est percipi* — Ser é ser percebido, reitera Christoph Türcke. Por isso é que nos lembra Castilho (2011) que estamos ingressando numa era onde a ideia das paredes de vidro deixou de ser uma mera imagem literária. Faz sentido?

CAPÍTULO 4

COMO ALGUNS JOVENS USAM O YOUTUBE PARA FALAR DE SI E DE SEU TEMPO

4.1. Faz sentido?

No contexto das novas tecnologias, especialmente no espaço criado a partir das redes de conexão entre computadores – o ciberespaço –, as identidades juvenis passam por reconfigurações quanto aos processos de socialização. Como crê Martín-Barbero (2006:54), "a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas".

Estes novos fenômenos revelam mais um traço no processo de reconfiguração que atravessam as subjetividades contemporâneas. As modernas tecnologias de comunicação redefiniram nossa experiência de espaço e tempo criando novas subjetividades que se organizam na quase ausência de trocas corporais diretas (Carrano, 2007). A centralidade da cultura visual, a emergência da cultura virtual, tal como a violência, o desemprego e um adiamento na entrada da vida adulta constituiriam marcas da experiência geracional comum da juventude brasileira neste início de século (Ibase, 2006).

O fascínio da imagem se potencializa quando nós somos a própria mensagem. Francis (apud MACHADO, 1988) Bourdieu (1997) e Sarlo (2000) também consideram que a imagem tem força probatória e evocativa da "verdade". Os sujeitos contemporâneos vivem a vida como em um videoclipe, sempre "de olho na câmera", em um responder constante ao "sorria, você está sendo filmado" presente em quase todos os espaços. Talvez por isso o YouTube seja um irresistível local dessa enorme ágora virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano. Um canal sob medida ao processo de individuação do *eu* que se vive na contemporaneidade (MELUCCI, 2004).

A partir da etnografia virtual ou observação *netnográfica* preliminar do site e do perfil pessoal de Felipe Neto no YouTube, constatou-se que ele, em apenas quatro meses, tornou-se um sucesso entre o público jovem, devido ao volume de comentários no canal e à sua participação postando fotos e comentários tanto no *vlog*, quanto em outros ambientes interativos do site.

O vídeo objeto de análise foi intitulado "*Desabafo e coisas da madrugada*" por seu autor – Felipe Neto²⁹. Seu espaço nesta pesquisa se explica por ser considerado exemplar

²⁹ **Título:** Desabafo e Coisas da madrugada. Postado por: Felipe Neto. Data: 07/07/2010. Categoria: pessoas e blogs. **Palavras-chave:** felipeneto ;felipe neto ;felipe neto ;desabafo ;madrugada . Duração: 8min34s.

em um aspecto: a questão da produção de subjetividade jovem entrelaçada à questão da visibilidade, da exposição do *eu*. Ele foi produzido por uma câmera móvel. O cenário do desabafo é o quarto (“o lugar onde eu fico, corrige”) do autor, que aparenta estar à vontade com a câmera. Afinal, já é uma celebridade no YouTube, com as 5,5 milhões de visualizações no seu canal “Não faz sentido”, só no vídeo em que critica a saga *Crepúsculo*³⁰. O sucesso fez com que fossem abertas para ele as portas na MTV, no Multishow, na Globo e na Record. Desde maio deste ano apresenta um quadro de humor dentro do “Esporte Espetacular”³¹. Mas o fenômeno do YouTube continua “estudando propostas”. E conquistando cada vez mais espaço.

Aos 22 anos, o carioca Felipe Neto é um fenômeno da internet, desses que ao surgir, se encaixam num perfil de celebridade instantânea. Mas não foi isso. Seu canal, com dezenas de vídeos, registra mais de 23 milhões de acessos. No twitter, tem 1.209.068 seguidores. A fórmula é aparentemente simples: ele faz comentários variados diante de uma câmera, sempre com foco no público juvenil.

Em sua coluna semanal no jornal carioca O Globo, o escritor, letrista e ensaísta Francisco Bosco (2011), falando sobre o modismo por polêmicas, diz estar convencido que estamos diante de uma estratégia de marketing. “Fazem sucesso em blogs e em cadernos culturais aqueles que acham que polêmica vende jornal ou atrai visitantes”, diz ele.

Viana (2011), comentando esse artigo, retoma a expressão “*síndrome Paulo Francis*”³², cunhada para se referir à herança que muitos brasileiros carregam na ânsia de falar mal de tudo e de todos. Para Viana, tudo isso começou com Paulo Francis, embora ele também fosse uma consequência, não a “causa” – mesmo com efeitos duradouros. “Somos sim”, diz Viana, “a geração formada, direta ou indiretamente, por Paulo Francis – ou pior, pela caricatura de si mesmo que Francis inventou em seus últimos anos de colunista”. Para Viana, era previsível e até divertido: esperar seu próximo texto para descobrir quem seria o espinhafrado da vez. Até que aquilo ficou muito óbvio, e talvez por isso mesmo virou padrão, produção em série de jornalistas e blogueiros que acham charmoso não gostar de nada que acontece no Brasil, que ganham fama e tites através da busca desesperada por polêmicas.

Visualizações: **1.029.736**.Comentários: 11.764 gostaram;540 não gostaram. Assunto: Jovem às cinco da manhã, sem nada para fazer, liga sua câmera e começa um desabafo.

Endereço eletrônico do filme: <http://www.youtube.com/watch?v=kpiVldk2jkk>, Capturado em 02.10.2010.

³⁰ *Crepúsculo*, da escritora Stephenie Meyer, conta a história de uma garota que se apaixona por um vampiro. O segundo livro tem o nome de “*Lua Nova*”. Os outros que completam a saga são “*Eclipse*” e “*Amanhecer*”. Todos serviram de inspiração para filmes.

³¹ *Esporte Espetacular* é o nome de uma *revista eletrônica* semanal de esportes, exibida pela Rede Globo desde 1973, sendo um dos mais antigos programas ainda em exibição da televisão brasileira: atualmente, o programa é apresentado nas manhãs de domingo,(fonte Wikipédia. Acesso em 29/05/11)

³² Paulo Francis, pseudônimo de Franz Paul Trannin da Matta Heilborn (1930 - 1997) foi um jornalista, crítico de teatro e escritor brasileiro.

Assim, seguindo a lógica *franciana*, Felipe Neto, nos 14 vídeos postados, além da crítica à saga Crepúsculo, já ironizou o linguajar dos jovens, as bandas “coloridas”, carnaval e micaretas, dublagens, o ídolo *teen* Justin Bieber e, mais recentemente, resolveu investir em um assunto mais sério. Postou no YouTube o vídeo “#PrecoJusto”, de oito minutos, no qual faz uma crítica severa às altas taxas tributárias de impostos, principalmente os de importação. “Criei um personagem inspirado em mim mesmo. Minhas opiniões estão todas ali” (Revista MEGAZINE, 2010).

Botafoguense, Felipe – em entrevistas em jornais, revistas e TV – revela ser de origem humilde: “cresci sempre com as contas apertadas e a grana curta”, diz, mesmo tendo pai terapeuta e mãe pedagoga. Começou a trabalhar aos 14 anos, vendendo metais para camelôs fabricarem chaveiros e outros produtos. Morava sozinho, mas voltou à casa da família no subúrbio carioca do Méier – onde moram mãe, avó e irmão – depois de não conseguir mais pagar as contas do apartamento que alugara na Tijuca. Sem pagar aluguel, consegue poupar e fazer planos para o futuro: planeja comprar um iMac e um apartamento no Flamengo, Zona Sul do Rio (Revista Galileu.2011).

Estudou no Metropolitano, um colégio tradicional da classe média carioca, localizado no Méier, na Zona Norte do Rio. Fez um ano de desenho industrial, abandonou e depois cursou seis meses de direito, para poder, segundo ele, aprofundar os conteúdos sobre as coisas que escrevia. Se declara apaixonado por escrever e se reconhece um leitor voraz. Também fez um ano de CAL (Casa das Artes de Laranjeiras), mas, mais uma vez, não concluiu. “Não dou certo com padrões, com escola, faculdade, patrão”, diz. Por conta disso partiu para as artes. Porque os horários são mais flexíveis: “não consigo acordar cedo, odeio as manhãs e sou viciado nas madrugadas”. Também não se via sendo empregado de alguém, dependendo de salário para pagar as contas. Assim, decidiu tentar algo paralelo para ganhar dinheiro com um negócio próprio. Sobre a profissão, Felipe se diz designer gráfico. E confessa: “Sentia medo de me expor na internet. O público da *web* é muito cruel e está preparado para te agredir. É a primeira reação”, desabafa.

O processo de visibilidade, ou, em outras palavras, o processo de elaboração de si para se apresentar ao outro de Felipe Neto, que é autor, ator e produtor – prática comum nesses vlogs – começou no réveillon de 2010. Ele conta (Revista MEGAZINE, 2010) que passou a virada sentado em uma cadeira, olhando para a parede. Pensando em como nada estava dando certo e como estava insatisfeito com o rumo da vida.

Lejeune (2008, Apud LEMOS 2002), em pesquisa recente sobre o fenômeno dos blogs, afirma que a maioria dos “blogueiros” franceses fizeram suas páginas ao vivenciarem um momento de forte depressão, para “botar o lixo para fora”. E, ao perceberem que casos

semelhantes ocorriam com os outros, viram seus problemas desestigmatizados. Falar de si dessa maneira significa tirar um peso dos ombros, tornar a vida mais leve. Libertar-se. Dividir. Socializar. Contar. Recontar. Encontrar. Encontrar-se.

Assim, insatisfeito, Felipe Neto ligou a câmera ainda “sem ter nenhum assunto em mente”. Não imaginava que quase seis milhões de jovens queriam ouvir. Não imaginava que iria se transformar em um sujeito-audiência.

Sujeito-audiência. É assim que Orozco-Gomes (2006) batiza o sujeito reestruturado nascido a partir da transformação efetuada pela internet. A erosão das identidades tradicionais seria consequência do jogo de mediações, principalmente a midiática e a tecnológica. As identidades hoje se caracterizam por serem menos essencialistas e mais amalgamadoras, pois se constroem sobre as hibridizações. Essas novas possibilidades virtuais tornaram-se estratégias de visibilidade imprescindíveis à atuação dos “sujeitos-audiência” e, cada vez mais, fazem parte desses movimentos.

Perfil

Exibições do canal: 1.844.592
Total de exibições do material enviado: 7.205.584
Idade: 22
Participante desde: 21 de maio de 2010
Data da última visita: 11 horas atrás
Inscritos: 142.714
País: Brasil

Sobre mim:

"Tchau preguiça. Tchau sujeira. Adeus cheirinho de suooooor".
Não leve nada totalmente a sério, mas tampouco leve só na brincadeira.

Cidade natal:Rio de Janeiro

País:Brasil

Profissão: Ator

Interesses:Café / Futebol / Rabiscar papel

Música:With or Without You / Chop Suey

Livros:Richard Dawkins

Em vídeos anteriores, Felipe Neto se apresentava normalmente usando um óculos escuros, roupa escura e cabelos penteados para cima.



Fig.5

Nesse vídeo, porém, onde diz que mostra o verdadeiro *eu*, aparece sem os óculos e meio descabelado.



Fig.6

A câmera na mão, em constante movimento, sugere impaciência. Assumindo um ar didático, ele tenta explicar à sua audiência o porquê de seus vídeos e quem é o verdadeiro Felipe Neto.

O cenário se repete: no próprio quarto, na frente de uma parede cheia de pôsteres, adesivos e jogos americanos colados. Em um deles está escrito “Cuidado: homem na cozinha”.

Ele explica que, nos outros vídeos, criou um personagem e, como não tinha ideia da repercussão que seu “programa” causaria, não se preocupou em atribuir um apelido ao personagem. O seu alter-ego, que aparece de óculos escuros na tela – tem coragem de usar palavrões para sair criticando a tudo e a todos – atende pelo mesmo nome da pessoa por trás do roteiro: Felipe Neto.

A sensação provocada nos espectadores é a de que o vlogueiro “põe a cara para bater” na internet. Suas expressões caricatas e seu humor, considerado negro por alguns,

contribuem para que seus vídeos ganhem credibilidade. Suas intervenções têm provocado controvérsias tanto quanto estimulam reflexões.

Olá, são 5:03 da manhã de uma terça-feira, e eu estou absolutamente sem nada pra fazer, e aí eu decidi ligar minha câmera porque eu gosto de falar com vocês, mesmo que isso signifique falar com a minha câmera (o que é muito esquizofrênico!), e eu decidi gravar sem ter nenhum assunto em mente, sem ter nada programado pra dizer. Eu decidi falar da minha vida.

Felipe se observa, se interrompe e se critica: “Tô meio sério”. E experimenta novas entonações e expressões, em uma tentativa de refinar a apresentação de si através da encenação. Mas retoma o ar sério e diz que nesse vídeo é: “eu sendo eu, e não o engraçadinho querendo agradar”.

O papel do “engraçadinho querendo agradar” agradou de verdade. *Mas em uma terça-feira, às cinco da manhã, sem nada para fazer*, ele resolve tirar a máscara, resolve ser ele mesmo. Esse “tirar a máscara” pode significar não apenas uma explosão confessionalista de banalidades subjetivas, mas um cuidado em fingir-se de si, para colocar em cena ele ou um outro. Para Goffman (2009), esta teatralidade pode internalizar-se de tal forma, que o ator pode se confundir com o personagem e esse ator/personagem acabe se tornando aquilo que era apenas máscara. E pode a máscara, ainda, representar o que estes almejam ser:

em certo sentido, e na medida em que esta máscara representa a concepção que formamos de nós mesmos – o papel que nos esforçamos por chegar a viver –, esta máscara é o nosso mais verdadeiro eu, aquilo que gostaríamos de ser. Ao fim a concepção que temos de nosso papel torna-se uma segunda natureza e parte integral de nossa personalidade. Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas. (GOFFMAN, 2009: 27)

O modo como cada sujeito se equilibra entre essas duas dimensões que lhe são constitutivas define a sua vida. O conto “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis pode ajudar a melhor compreendermos essas noções.

A narrativa gira em torno de um diálogo entre amigos que estão reunidos para discutirem “assuntos de alta transcendência”, no qual um deles, Jacobina, formula uma teoria de duplicação da alma. Afirma que não há uma só alma, mas duas almas nos homens: a exterior e a interior. A alma exterior poderia ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto...

“Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...”.

Na narrativa o personagem conta que, aos 25 anos, sendo de família pobre, foi nomeado alferes da guarda nacional. O título encheu de orgulho familiares e amigos: sua mãe só lhe chamava “o meu alferes”; um cunhado, “o senhor alferes”; “e sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora”.

Uma tia, na ânsia de partilhar da glória, pede que “o alferes” vá visitá-la num “sítio distante e isolado”, onde mora, para abraçá-lo à vontade, e diz que só o soltará depois de um mês.

Após um período, coberto de mimos e deferências, ele fica sozinho no sítio, porque a tia se vê obrigada a ajudar uma pessoa enferma. Nos primeiros dias, ele se sente tranquilo, pois tem escravos que o servem, mas um dia, todos fogem do sítio e o alferes fica totalmente só. Dia após dia, sua solidão vai tomando “proporções enormes”. Até que, buscando ao menos a companhia de sua imagem, resolve olhar-se num espelho. Então, o assombro: “*Olhei e recuei*” (...) “*O vidro (...) não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, difusa, sombra de sombra*”. Conclusão do narrador: “O alferes eliminou o homem. Tanto foi o homem tratado por alferes” que sua “alma exterior” apoderou-se da “alma interior”.

Assim, a alegoria machadiana ajuda-nos a compreender o que é o eu: nada mais do que um conjunto de identificações. O *eu* é formado pelos outros, com cujas imagens ele se identificou. Não há nada antes dessas identificações, nenhuma essência do *eu*. A “alma exterior”, de que fala Machado, são os outros por meio dos quais o *eu* se forma e se reconhece. No caso do conto, o *eu* se identifica plenamente com a imagem social do “alferes”. Quando se vê sozinho, privado da sociedade que sustenta esse reconhecimento, o *eu* se dissolve. O *outro*, portanto, é parte constitutiva do *eu*.

Pode-se aproximar tal conto à visão pela qual Rousseau tinha do homem em sociedade:

"O homem da sociedade está todo inteiro na sua máscara. Não estando quase nunca em si mesmo, quando está se acha estranho e mal à vontade. O que é, não é nada, o que parece, é tudo para ele" (ROUSSEAU,1992:258)

Tempos e contextos diferentes, Pais (2007) acredita que a afirmação do *eu* não significa apenas um conhecimento de si próprio, mas um reconhecimento de si por parte dos outros.

São os outros que falam de mim sem que eu o saiba, que me objectivam encerrando-me numa imagem que é mais real do que a realidade de quem sou. Arbitrariedade insólita esta, a de ver-me despojado de mim mesmo por efeito da imagem que os outros fazem de mim. E porque não apenas sou o que penso de mim mas a imagem que os outros de mim constroem, acabo

por me disseminar na representação dos outros, na qual me olho ao espelho para me reaprender. Essa aprendizagem de mim mesmo, quando me olho na imagem espelhada das representações dos demais, permite recuperar essa coisa estranha que sou para mim mesmo só pelo simples facto de o ser para os demais. (PAIS, 2007:30. Acesso em 12/08/10)

Estaria então em curso nas sociedades contemporâneas um processo de negação das dimensões não visíveis do sujeito, para privilegiar unicamente as dimensões visíveis e, inclusive, incentivar a multiplicidade dessas dimensões?

O caso da garota “Lonelygirl15”³³ é exemplar para a compreensão desta possibilidade de articulação de múltiplas identidades. Jessica Rose fazia-se passar por Bree, uma adolescente que teria sido trancada em seu quarto pelos seus pais super-religiosos. A garota, de 16 anos, narrava acontecimentos, desde o primeiro momento de postagem de um vídeo sobre si mesma até o desenrolar de suas aventuras amorosas e existenciais de adolescente. Seus vídeos confessionais mobilizaram toda a comunidade, gerando grande discussão no site e fora dele. Depois de alguns meses, descobriu-se que, na verdade, era uma ficção. A menina somente interpretava uma história em um projeto com roteiro e direção de um grupo. Essa descoberta foi parar na mídia impressa. Muitos vídeos-respostas foram postados exigindo que houvesse verdade nos vídeos confessionais no YouTube, ao invés do *fake* (falso). Mas, por outro lado, os produtores de Lonelygirl15 disseram o seguinte: “Ela não é mais real ou ficcional do que as partes de nossas personalidades que escolhemos mostrar (ou esconder) quando interagimos com pessoas ao nosso redor”.

Essa história mostra como a midiaticização da sociedade faz os limites entre ficção e realidade se confundirem. O real ganha um tratamento midiático a fim de se revestir de características ficcionais, e as ficções muitas vezes se travestem de real.

Uma coisa está clara. Ator ou personagem, Felipe Neto dispara o falador, sem saber o que dizer, talvez por já incorporar no cotidiano a fala de Bakhtin, na defesa que o pensamento se articula na linguagem. Trazendo para o nosso tempo, mesmo nas novíssimas linguagens audiovisuais.

Felipe Neto, na virada do ano, ainda vestia as roupas do sujeito ordinário de Certeau (1994), e nada tinha para falar. Agora, mesmo após seu estrondoso sucesso no YouTube, às cinco da manhã de uma terça-feira, ele liga a câmera para dizer que não tem qualquer assunto em mente. “Gosto de falar”, desabafa.

Os dois anos de estudo etnográfico de Patricia Lange (2007) junto à comunidade do YouTube resultaram numa série de constatações importantes sobre o funcionamento do site como rede social para alguns participantes, bem como sobre a “rica simplicidade” das

³³ Ver <http://www.youtube.com/watch?v=-goXKtd6cPo>

práticas comunicativas que acontecem por lá. Seu trabalho nos fala sobre a necessidade de considerar de maneira completa a experiência vivenciada. E sobre a materialidade da prática cultural cotidiana de uso do YouTube como parte do cotidiano das pessoas reais. Também como parte dos variados meios de comunicação que todos experimentamos em nossas vidas, e não como sendo um depósito de conteúdo intocável.

Tentando então abrir esse depósito e examinar seu conteúdo, vemos que é também por meio da exposição nas telas do YouTube que Felipe Neto começa a delinear seu itinerário de trabalho para a inserção produtiva na vida adulta. As chances reais nas TVs comerciais, os ganhos com merchandising e principalmente as visualizações do canal “**Não faz sentido**” levam Felipe a uma momentânea tranquilidade financeira³⁴. Mas ele diz que não quer ser exemplo de nada. Acha que “ninguém tem que ficar mudando de opinião porque o que o Felipe falou tem sentido”. E enfatiza que não é o dono da verdade. É só um jovem comum, que acha fútil, mas gosta de Gossip Girl³⁵, de café e de comer biscoito e requeijão. É só um jovem no meio do caminho entre a juventude e a idade adulta. E com espinhas no rosto.

A espinha que Felipe escancara sem pudor em zoom no vídeo o incomoda. “É um absurdo um jovem de 22 anos ter espinhas. Os dezoito anos deveriam marcar o fim delas”, diz. A maioria (legal) não combina com as marcas da adolescência³⁶. A trajetória de Felipe para a vida adulta ainda está em transição. E isso se vê no rosto.

A pesquisadora italiana Carmen Leccardi (2005) admite que, há alguns decênios atrás, o “tornar-se adulto” (para sujeitos do sexo masculino, acentua) substanciava-se em etapas biográficas lineares e bem reconhecíveis. Hoje, essa biografia linear é exceção à regra. Antes, tornava-se adulto, no sentido pleno, quem tivesse percorrido, em uma sucessão prevista, etapas como a conclusão dos estudos, a inserção no mundo do trabalho, a saída da casa dos pais, a construção de uma nova família e o nascimento dos filhos. Hoje,

³⁴ O site “partilha” suas receitas com os autores dos vídeos exibidos no site. Felipe Neto já possui mais de 200 mil subscritores no seu canal do YouTube, e recebe atualmente cerca de **\$ 4.000 por mês (cerca de R\$ 7.000 em receitas de AdSense)** através do Programa Parceiro do YouTube.

³⁵ A série, sobre jovens estudantes das escolas de elite (Constance Billard - para moças, e St. Jude's, para rapazes), no Upper East Side de Manhattan em Nova York, segue Serena van der Woodsen a partir do seu retorno à cidade após fugir e ter se mantido fora do alcance de amigos e conhecidos. Os acontecimentos e histórias de cada personagem são narrados por uma anônima, que, atendendo pelo pseudônimo “Gossip Girl” (A Garota do Blog), é autora do blog homônimo.

³⁶ Uma das tendências dentro dos debates sobre juventude é definir adolescência e juventude como dois momentos do período amplamente denominado juventude – a adolescência corresponderia, no caso, à primeira fase (que vai dos 12 aos 18 anos incompletos, segundo a faixa etária estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente); a juventude (também qualificada de juventude propriamente dita ou pós-adolescência) remeteria a uma etapa posterior, de construção de trajetórias de entrada na vida social que se estenderia até os 29 anos de idade, consoante o critério firmado pelas Nações Unidas e pelo IBGE (Abramo, 1997, 2005, 2006; Sposito, 2003; Camarano, 2008)

frisa Leccardi, “embora esses acontecimentos ainda devam, em algum momento, verificarse, desapareceram tanto sua ordem e irreversibilidade como a moldura social que lhes garantia seu sentido global”.

em uma época na qual o futuro a médio e longo prazos não pode ser discutido sem suscitar preocupações e, com frequência, um sentimento de verdadeiro temor, um método de ação baseado no “avaliar a cada vez”, no “quando as portas se abrem para mim, devo procurar não fechá-las”, no “aproveitar as oportunidades no momento em que aparecem”, pode representar uma estratégia racional para transformar a imprevisibilidade em uma chance de vida, para transformar a opacidade do futuro em uma oportunidade para o presente, para dispor-se positivamente diante do futuro. (LECCARDI, 2005:53)

É o exemplo típico do copo meio cheio, meio vazio. Vazio porque a construção de identidades enfrenta, pois, uma descontinuidade entre a insegurança crescente no mercado de trabalho e muitos dos valores dominantes, principalmente o de segurança e estabilidade. Cheio porque os jovens agora precisam reinventar maneiras e sentidos de inserção produtiva. Postando vídeos no YouTube, inclusive.

Dayrell (2005) chama atenção para o fato de que é necessário considerar a noção de juventude não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta. Para o autor, a juventude deve ser entendida como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesmo.

Esse momento determinado funcionaria mais como um exercício de autoconhecimento. Só que, agora, junto a uma audiência. Em seus vídeos, nesse exercício de construção de subjetividade visível, os youTubers contam histórias das quais são ao mesmo tempo roteiristas, diretores, atores e produtores. É um espaço aberto às “especificidades que marcam a vida de cada um”. É um espaço para falar de si mesmo, da rotina, dos sonhos, das paixões e ódios. Mas esperando ser visto/ouvido pelo outro³⁷. Ao

³⁷ Sobre a questão de visibilidade, o próprio site estimula, ao estender o limite de 10 para 15 minutos:

“Encorajamos você a aproveitar ao máximo o novo limite, então faça um vídeo para os seus “quinze”. Imagine que este vídeo é tudo que o mundo saberá sobre você: O que você quer dizer? Qual o impacto que deixará em

contrário do que muitos esperavam a internet não trouxe verdadeira democratização comunitária, antes uma democracia individualista. Cada um define o seu percurso na rede, recolhendo informação, saltando de meta ligação em meta ligação. (LOPES, 2010). O importante é ser “citado”, “favoritado”, “compartilhado”, “pontuado”, “comentado”. A visibilidade é a moeda principal da economia virtual. É nesse jogo de interação com o outro, que tenta atrair a partir da revelação de sua intimidade (real ou imaginada) e da interação com a própria produção criativa, que o youTuber vai constituindo sua identidade. As identidades são também uma questão de linguagem (PAIS, 2006). A maneira pela qual se afirma se diferencia ou se assemelha a outros. Ao se articular, através de sua produção (textual ou visual) revela o que percebe/entende de si mesmo e como percebe/lê o mundo. A exposição pública através das *webcams* serve como o que Goffman (2009) chamou de “apresentação do eu na vida quotidiana”.

Hoje, a crescente exposição da vida íntima e privada nos diversos meios de comunicação e a forte presença da imagem na relação que os indivíduos estabelecem com o mundo, com o outro e consigo apontam para uma subjetividade radicalmente próxima do olhar do outro e inserida num regime de visibilidade onde as tecnologias de informação e de comunicação têm um papel fundamental. É sempre possível reconhecer aí o ápice de uma cultura regida pelo narcisismo e pelo espetáculo (BUCCI e KEHL, 2004). É sempre possível reconhecer aí também que a publicização de si é uma forma de construção identitária.

A análise do desabafo de Felipe Neto é fundada em diversas razões. Pensar as produções do YouTube sob o prisma da construção das identidades culturais possibilita-nos discutir as representações do ser jovem contemporâneo e os novos modos de ser que surgem com as novas práticas de expressão e comunicação via internet, a fim de compreender esse fenômeno de exibição da intimidade que tanto nos intriga.

Falar um pouquinho da minha vida, falar como estão as coisas no momento... Tá tudo muito bonito, tá tudo muito legal... talvez eu queira falar de algumas coisas que me incomodam, por exemplo, algumas pessoas que não entendem os vídeos que eu faço.

Os fenômenos das *webcams* e dos diários pessoais podem ser considerados como

todos nós? Coloque a tag '*yt15minutes*' no seu vídeo e envie-o até a quarta-feira, dia 4 de agosto. Nós selecionaremos alguns vídeos, os quais ficarão em destaque na página inicial do You Tube, para que seus criadores realmente tenham seus 15 minutos de fama"; Penso se não estamos aqui confirmando o pensamento de Andy Warhol, no final dos anos 60, que prenunciava que "no futuro todos terão 15 minutos de fama".

formas de escrita de si, já que tanto na construção da imagem através de câmeras pessoais, como nos fenômenos de publicização de diários íntimos, o que está em jogo são formas de apresentação do *eu* no ciberespaço. Se para Goffman (2008), o indivíduo se apresenta a partir do exercício de papéis em várias situações do dia a dia, podemos dizer que, com as *webcams* e os ciberdiários, estamos construindo uma imagem nesta nova dimensão da vida cotidiana que é o ciberespaço. Os *vlogs* são também formas de construção de uma imagem identitária, mesmo que esta seja sempre fragmentada e plural. Não é à toa que os diversos *websites* estão, de forma sintomática, permanentemente em construção (*under construction*).

Martín-Barbero (2001) comenta que a hegemonia audiovisual alimenta uma contradição cultural: enquanto a revolução tecnológica se desenvolve numa expansão e diversificação sem limites dos formatos, nos meios se vive esse profundo desgaste dos gêneros e uma crescente debilidade do relato. Walter Benjamin já em 1935 falava sobre o fim próximo da narração, sobre o desaparecimento de “uma faculdade que nos pareceria ser inalienável, a faculdade de estabelecer a troca de experiências” (BENJAMIN, 1994:197-198).

Benjamin lembra que uma das características dos narradores tradicionais é o senso prático: o fato narrado é útil ao ouvinte, e essa utilidade pode se revelar em um ensinamento moral, numa sugestão prática, num provérbio ou mesmo numa norma de vida. Enfim, o narrador é aquele que, ao contar suas histórias, sabe também dar conselhos e assim transmite sua experiência. A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias reais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIN, 1994:198).

Não estariam os diários íntimos publicados no YouTube recuperando o narrador que Benjamin temia ferido de morte? Felipe Neto narra não a experiência, tão valorizada por Benjamin. Talvez o que esses “cronistas compulsivos de si mesmos”, na sugestiva expressão de Nussbaum (2004) anunciem seja não a morte do narrador, mas sim o fim do compromisso em narrar o ensinamento moral, a sugestão prática, o provérbio ou a norma de vida. Quem sabe o narrador que agoniza seja o *narrador* benjaminiano, construído na base das palavras e da experiência. O novo narrador é feito ainda de palavras. Mas muito de imagens. E coloca em destaque a narrativa autorreferente. Entre palavras e imagens, Felipe Neto continua se expondo. Desabafando:

Eu faço vídeo por um motivo muito simples: falar o que penso. Eu criei uma espécie de personagem para falar o que eu penso de forma meio explosiva, mas nunca pensando que iria fazer tanto sucesso, e agora eu carrego a responsabilidade desse sucesso. (...) Então é o seguinte: eu fiz um vídeo sobre Crepúsculo, tá um sucesso absurdo, em menos de dois dias superou um milhão de visualizações. Eu não quero que você deixe de gostar de Crepúsculo. A minha intenção não é essa. E sim colocar um pouquinho de lenha na fogueira em assuntos que eu considero que estejam supervalorizados...

Dois aspectos podem ser ressaltados nessa fala. Primeiro, a criação de um personagem. Segundo, o desabafo de Felipe dirigido a uma audiência que, agora, depois de alguns vídeos postados, ele tem certeza da existência e da grandeza. A participação do outro é fundamental na prática dos vlogs não somente porque nos remete ao princípio dialógico da linguagem (BAKHTIN, 2006), mas também porque o outro funciona no ambiente virtual como índice da visibilidade do sujeito.

"Sou secreta por natureza", dizia Clarice Lispector em sua escrita introspectiva, reforçando a marca de os diários íntimos serem, em sua maioria, escritos apenas para si e mantidos guardados em segredo. A lógica estrutural do vlog confessional, ao contrário, é a de ser feito para ser visto. Transmita-se! Os vídeos do YouTube surgem supondo a exibição na rede e a existência de um público. Mais ainda: desejam esse olhar alheio e são direcionados a ele.

Sibilia (2008) explica que os antigos diários também eram dirigidos a um leitor ideal, mas "na maior parte dos casos se tratava de uma entidade meramente imaginária ou implícita [...]. O mais provável é que esse misterioso alguém fosse apenas alguma obscura faceta do misterioso eu de cada autor-narrador-personagem" (SIBILIA, 2008:59). Segundo a pesquisadora, "o autor escrevia para si próprio, ele era o seu interlocutor" (SIBILIA, 2008: 31).

Oliveira (2002) diz que a audiência nem sempre é expressamente pretendida pelos autores de diários, mas cita Thomas Mallon (1995) para lembrar a opinião de mais um autor que acredita que, se alguém escreve – mesmo um diário –, é sempre com a pretensão de ser lido. Ainda assim, a questão é polêmica:

Nem todos os diaristas assumiam a preocupação de escrever para um outro. Ao contrário, boa parte escrevia "para os próprios olhos", tendo o próprio diário funcionado como uma audiência implícita, num processo de objetivação do eu. Nesse sentido, ele funcionaria como um alterego, uma espécie de "duplo", no qual o escritor diria a si mesmo verdades inconfessáveis (OLIVEIRA, 2002:73).

Sendo assim, a maior diferença dos vlogs confessionais em relação aos diários íntimos talvez não esteja somente na existência de um público e, sim, na possibilidade que esse público passa a ter de interferir na escrita do texto íntimo. Nos blogs confessionais, em geral, existe a ferramenta de comentários, que permite a comunicação com o autor. Embora o YouTube tenha sido criado para compartilhamento de conteúdo, o site oferece recursos que priorizam a relação entre os diversos usuários: “apesar da sua retórica comunitária, a arquitetura e o design do YouTube convidam mais à participação individual do que à atividade coletiva” (BURGUESS e GREEN, 2009: 93). Essa característica não impediu, contudo, que os próprios usuários criassem maneiras de manter uma relação intensa no interior da plataforma. Uma dessas maneiras são os vlogs que, como ocorre com os blogs, se constroem com base na relação entre o autor e sua audiência. Os youTubers incentivam os comentários, o compartilhamento de informações e a troca de conteúdos que não raro ocorre em tempo real, o que transforma o YouTube em uma grande rede social.

Cristovão Tezza destaca esse elemento chave da teoria da linguagem de Bakhtin – a palavra do outro. O autor esclarece que todo discurso não é uma obra fechada e acabada de apenas um indivíduo, mas é um processo heterogêneo, conjunção de discursos entre o *eu* e o *outro*. “Nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam” (TEZZA, 1988: 55). A possibilidade de acabamento do *eu* no *outro* se processa na permissão de emissão de mensagens para o autor do vídeo. Um mecanismo valorizado no site, já que coloca em evidência a passagem do *outro* pelo *eu*, com a exposição de uma imagem do autor com seu público.

Primo (2008) acrescenta que a diferença entre as práticas de diários íntimos e v/blogs está no alvo de cada uma delas: os primeiros voltados para o intrapessoal e, os segundos, para o interpessoal, o que pode ser comprovado pela presença de saudações, conselhos e convites nas páginas virtuais, ações sociais impensáveis nos antigos diários. No caso específico de Felipe Neto, a grande maioria dos 7412 comentários é positiva e contribuem, com certeza, para elevar o ego desse youTuber:

- [fernandolsn](#) 5 dias atrás: Eu tambem gosto de falar com voce amigo!³⁸
- [Lelestrws](#) 5 dias atrás :Aaaaah você é tão inteligente, amo seus vídeos
- [anaomsantos](#) 1 semana atrás: Crepusculo passou de 6 milhoes hehe

³⁸ Todas as citações de textos de blogs, de fotoblogs, de *home pages* pessoais seguem rigorosamente a formulação ortográfica original.

- [giovanameroz](#) 3 meses atrás : Felipe Neto.... vc não é normal... mas isso é bom... normal é chato!você me lembra eu... quando converso sosinha e conto as coisas que aconteçam comigo pra mim mesma! um abraço pra você
- [dudu500g](#) 9 meses atrás: Chamaram o cara de carente, mendigo de atenção...Porra, eu achei que um momento de reflexão no meio da madrugada era algo normal... ou eu sou o único diferente aqui?

Nesta perspectiva, pensar o lugar desse profissional público enquanto forma de expressão de uma “ação *entre*” nos abre a possibilidade de enxergar tal atividade também como forma de constituição subjetiva, ou seja, como linguagem. E linguagem, não só instrumento de pensamento ou instrumento de comunicação, mas como prática social, com função decisiva na constituição da identidade e da sociedade. Bakhtin (2004) explica esta dialética constituição entre linguagem, sujeito e sociedade, conceituando “a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (BAKHTIN, 2004:17).

A publicação dos “youTubers” e sua busca por um público passa a ser influenciada pelos comentários postados. Muitas vezes, servem inclusive de tema para um novo *post* ou faz o autor refletir sobre alguma opinião defendida. O youTuber se alimenta de suas visualizações. Os comentários interferem na escrita do *eu*.

- [n1a2t3y1](#) 1 mês atrás: hum....vc podia falar sobre malditas pessoas que escutam musica no ônibus geralmnete são musicas que vc não gosta...
- [HigorRinaldi](#) 1 semana atrás: SAUHAUSAUHAUHAUHAUSA...rachei u bico mano...Continua assim , daqui a pouco vc vai estar num programa de televisão de humor .
- [keizyma](#) 1 semana atrás: deixa esse povo falar, se falam mal é pq estão encomodados, e se estão encomodados é pq ta sendo bom!!!vc é 10
- [Patricialunardelli](#) 4 semanas atrás: Felipe, adoro a sua maneira de falar, interpretar, mas principalmente quando não está atuando, pois mostra o seu verdadeiro eu... sei lá tipo, te conheci meio que por acidente a mais ou menos 2 semanas, mas porra meu, você é do caralho! Nunca nada sobre politica me abriu tanto os olhos quanto o que vi no seu video, muito bom!!!! Parabéns, sou sua fã agora, faça mais videos escontraidos como esses , são muito bons

Mais do que interferir na escrita, o público faz parte da dinâmica do vlog. Eles interagem com o autor e entre si, e o autor também interage com eles e com outros autores, mantendo em sua página links permanentes que conduzem a outros vlogs ou, ainda, links inseridos no corpo de algum de seus *posts*, fazendo referência a textos de outros vlogs. Há conversação aí, algo que não existia nos diários íntimos.

- [Amanda50738](#) 2 semanas atrás: Belo vídeo. (y) Fiquei com inveja porque você tem um quarto só para você, com uma grande tv e pc e uma estante com bunecos irados,

box de séries maravilhosas. Não sei se minha opinião vale de algo aqui, mas sinceramente acho que você fica melhor fazendo vídeos quando não há nada pronto, do que quando há algo pronto, se é que me entende. Mas é claro que seus vídeos são sempre legais. - Nada de puxar saco aqui manolo u.ú - ...

-
- [TavicoMilliet](#) 2 semanas atrás: Bacana passar essa mensagem para os adolescentes brother... hoje em dia eles são muito manipulados mesmo... igreja, mídia, bandinhas comerciais...Ta precisando de pessoas que pensem assim mesmo. Cada um compeña e monte suas próprias verdades.
-
- [alioula](#) 2 semanas: atrás Hahaha!Bom justificar pras pessoas seus atos!Tipo, não mostrar que se acha o dono da verdade absoluta, e que quer mostrar seu ponto de vista (assim como todos gostam de mostrar seu ponto de vista)! Haha!Gostei também da parte que disse que disse que com o sucesso você carrega uma grande responsabilidade!E é bem por aí... Que nem a frase do "Homem aranha": "Grandes poderes vem acompanhados de grandes responsabilidades"!
-
- [kiarastar4627](#) 3 semanas atrás: pow até agora eu descobri alguém fala a verdade de coisas ke me encomodão ke eu acho desnecessario antes de vc começar a falar de crepusculo ke eu na verdade gosto mas depois ke eu comecei a te assistir eu comecei a ver o crepusculo de outro modo e tbm oke me irrita é o justin bieber oke bom entre outros e tudo ke vc fala é a pura verdade
-
- [naza871](#) 9 meses atrás : gente vagabunda e assim mesmo!!! as 3 da manhã, ficar acordado falando besteiras...isso e coisa de gente que não tem o que fazer no dia seguinte....se você trabalhasse como a maioria dos brasileiros, não ficaria ai falando baboseiras, coitados dos pais que bancam um vagabundo desses...eu teria vergonha vendo meu filho se expor assim...quer um conselho...você não vai fazer sucesso assim, mostre coisas boas, falar besteiras não vai te levar a lugar algum..e por favor chega desses comentários....
-
- [andrepqama](#) 1 mês atrás: Nerds Contemporâneos: São seres dotados de extrema capacidade de chamar a atenção independente dos assuntos abordados... se vestem com um estilo muito pessoal e incomparável. São capitalistas, e fazem de tudo para chamarem a atenção...

Exemplos:Tatuagens extremas e bem visíveis;Mutilação de Mamilos;Usam as Redes Sociais para divulgação das suas idéias,e com isso arrebatam uma legião de fãs carente de ídolos.principalmente jovens.como os sucessos temporários essas criaturas tendem a sumir

O espaço destinado aos comentários, guiado pelo assunto do vídeo, torna-se local de confissão (*"fiquei com inveja de você"*), de sugestão (*"vc podia falar sobre malditas pessoas que escutam musica no ônibus"*), de tietagem (*"você é tão inteligente"*), de afirmação (*"tudo ke vc fala é a pura verdade"*), de provocação (*"Olha o cabelo do Edward! kkkkkkkk ilário... fala mal do personagem, mas adora usar o cabelo dele né???"*), de críticas ácidas(*"Isso não faz sentido!"*) , de estímulo (*"daqui a pouco vc vai estar num programa de televisão de humor"*), de confissão , (*"converso sosinha e conto as coisas que aconteçam comigo pra mim mesma!"*) de reflexão (*"Que nem a frase do*

"Homem aranha": "Grandes poderes vem acompanhados de grandes responsabilidades"!) . É, enfim, um espaço aberto para aqueles dispostos a se expressar.

Entre os comentaristas, também se observa um diálogo:

- [erus221](#) 1 semana atrás : todos que criticam esse cara deveriam ver este video, refletir o que ele quer passar e PARAR DE ENCHER O SACO DELE! Todos os assuntos explicitados nos videos dele É SEGUNDO A ÓTICA DELE, porém EXISTE...E É NOSSO MUNDO. MUITA GENTE GENTE NÃO ADMITE QUE NOSSA SOCIEDADE ESTÁ INFLADA DE MERDAS ARTÍSTICAS, POLÍTICAS, MUSICAIS E ETC. QUE NÃO ACRESCENTAM NADA CONSTRUTIVO PARA A NOSSA EVOLUÇÃO COMO CIDADÃO QUE LLUTA POR UM PAÍS MELHOR...AHHHH CANSE!!!! VÃO TODOS OS HIPÓCRITAS À MERDA! Felipe é o cara!
- [miranda230384](#) 6 dias atrás [@erus221](#) : Show cara to com vc. Não acrescento mais nada em sua opinião vc foi claro e objetivo vc tbm é o cara!blz
- [Freeitaz](#) 4 meses atrás mas pq vc imita o pc siqueira??
- [mrchatinha](#) 4 meses atrás [Santosguitartube](#) 4 meses atrás [@Freeitaz](#):ele não imita bicho burro
- [FJJosiane](#) 2 semanas atrás: oq é essa porra de requeijão no seu quarto????
- [umagarandyorton619@mrchatinha](#), 3 meses atrás : ele tava fazendo um lanche ali, ele até mostrou:
- [tiominus](#) 5 meses atrás: Para de imitar o Pc siqueira, ele é muito melhor que voce.
- [nilsonsilva34](#) [@tiominus](#) 5 meses atrás: alguém te perguntou:se você gosta mais dos vídeos do pc siqueira então por que você tá assistindo o felipe ?
- [umagarandyorton](#) 3 meses atrás : eu não tenho nada contra o PC siqueira, acho muito bom os vídeos dele mas acho o Felipe Neto muito melhor. Um cara não pode mais expressar as idéias (q se dane a nova regra ortográfica, ainda não é lei e eu escrevo idéia com acento) na net que já falam que ele tá imitando o PC Siqueira? Ah, pelo amor de Deus.
- [vivilinda 123](#) 4 meses atrás: quantos anos o felipe neto tem ???
- [1995kazekage@vivilinda123](#) 4 meses atrás: ele tem 22 anos, fala aí no video se não me engano

Os comentários nos dão pistas que muitos deles admiram Felipe Neto por sua coragem de remar contra a maré, de falar mal de tudo e todos, de se indignar, de ter enfim, capacidade de dizer ao mundo aquilo que eles gostariam de falar. Esta imagem construída de coragem, de "dar a cara para bater" dá a Felipe Neto uma credibilidade incomum na internet. Estabelece-se aí um pacto de confiança com sua audiência.

Intimamente ligado à questão discutida acima – o surgimento de interlocutores – é o segundo viés apontado por estudiosos do gênero: tornar público o que é, por natureza, íntimo, muitas vezes a partir da criação de um personagem.

Mostrar um pouquinho da minha vida, eu sendo eu e não tentando agradar.



Fig.7: Bonecos e troféus de Felipe Neto.

Logo no prefácio de “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, Goffman (2009) apresenta seu modelo: o da representação teatral, que faz uso dos princípios dramaturgicos – ator, papel, cenário, platéia etc. – e de suas diferentes técnicas teatrais para compreender o mundo social. Nele, o agente é interpretado fundamentalmente como um ator que desempenha um papel social e que, ao desempenhá-lo, solicita implicitamente de seus observadores que o papel representado seja levado a sério, ou seja, que acreditem que, de fato, a atividade exercida por ele tem as consequências que habitualmente se acredita ter. Melhor dizendo, que as coisas são como aparentam ser e que, portanto, ele possui os atributos que faz crer possuir. No limite, solicita que seu fenômeno seja identificado com a totalidade de seu ser. As estratégias que os agentes sociais utilizam para regular, dirigir, bem como os limites da construção desses fenômenos, constituem justamente o objeto das análises de Goffman.

Analisar as produções do YouTube sob o prisma da construção das identidades culturais possibilita-nos discutir as representações do jovem contemporâneo. Na perspectiva de autores como Stuart Hall (2006) e Katrine Woodward (2006), entre outros, a identidade é sempre o resultado de práticas de significação realizadas no âmbito da cultura, de um lado,

bem como dos sistemas simbólicos que envolvem tais práticas, de outro. Assim, os jovens realizadores destas narrativas audiovisuais se distinguem pelo o *eu* que se faz múltiplo, ajustando-se às mudanças rápidas a que é submetido. Definem-se a si mesmos, então, à medida que revelam de quais juventudes se sentem parte, marcando explicitamente de onde falam. Nos seus vídeos, eles se mostram detentores de uma identidade que “se configuraria como um sistema dinâmico definido entre possibilidades e limites que gera um campo simbólico no qual o sujeito pode conquistar a capacidade de intervir sobre si e reestruturar-se” (CARRANO, 2007). Nessa mesma direção Sousa Santos ressalta que:

As identidades não são rígidas nem acabadas, pois mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem [...] escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em última instância, pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (SOUSA SANTOS 2000: 135).

Quer dizer, o YouTube, possibilita que “sejamos produtores de nós mesmos, reensaiando nossa identidade, editando nossas próprias histórias, brincando com a identidade”, segundo as palavras do professor Michael Wesch(2009), da Universidade do Estado do Kansas (EUA), que realiza um projeto de etnografia digital, tendo o You Tube como objeto de pesquisa.

Para esses jovens produtores, o YouTube é o espaço da visibilidade, da sua constituição como sujeito social, significando uma ampliação das redes de amizade, num exercício de convivência social que reforça a autoestima e os coloca na cena pública, exercendo uma identidade reconhecida e desejada no grupo e que põe em relevo potencialidades pessoais. Melucci (2001) fala das experiências dos jovens como enormes laboratórios de inovações, não por que as projetam, mas por que já as praticam. No mesmo sentido, Carrano (2002) diz que para os jovens o fundamental não é a construção de metas para um futuro, mas a experimentação do sentido de mudança presente.

“Não leve o que eu falo como verdade absoluta, não me coloquem em um pedestal”

Jogando para a plateia ou sendo ele mesmo? Nos primeiros quatro minutos de vídeo, Felipe Neto, mesmo “sem nada para falar” se surpreende (ou finge surpresa?) pelo tanto que falou. Depois disso, um novo esforço (teatro?) à cata de assunto. Um giro pelo quarto, falando o que gosta de quem gosta, do que gosta. De olho no tempo, sugerindo um

improviso cronometrado, ele faz caras e bocas até decidir desligar. Não para dormir, “não durmo nunca”, mas por chegar a uma conclusão que “não há nada de útil ali naquele vídeo:

Vocês estão aí também provavelmente sem nada pra fazer... Por que, porra, vamos combinar, você está me vendo aí há quantos minutos nesse vídeo?...E na verdade não tem nada de útil... Mas você taí, taí porque você gosta de mim, provavelmente... o que já te faz um pouco mais ...[entra um mosquito]. Tá bom vou desligar. Vou deixar vocês fazerem alguma coisa útil e vou tentar dormir...

Um jovem e algumas certezas. Tem audiência. Gostam dele. Alguns até o colocam em um pedestal. E pensar que tudo começou na virada do ano. Sozinho, sentado em uma cadeira, olhando para a parede. Pensando em como nada estava dando certo e como estava insatisfeito com o rumo da vida. E criticando Crepúsculo. Medo do escurecer, como sugere Dapieve?

Quiçá esse desconforto indefinível não seja nem tanto medo do escuro quanto do escurecer. Estará aí a chave para a angústia do crepúsculo? Com o escuro, a gente se conforma, até porque não há outro jeito. No escurecer, a gente se revolta, acha que cabe recurso, luz, injeção, coquetel de drogas. Entramos, claro, no terreno da metáfora para a morte e da metafísica em geral. Aliás, metafísica tal como desprezada por Wittgenstein: o terreno das coisas sobre as quais não podemos falar e, portanto, deveríamos calar. (DAPIEVE, 2009. Acesso em 19/11/10).

Embora a crítica de Felipe Neto à saga seja radical, é possível colocar um pouco de “lenha na fogueira” na relação do jovem com a saga odiada, Crepúsculo. Uma história repleta das angústias e incertezas da juventude. Lusco-fusco. Uma “irmã” do vampiro Edward, a graciosa Alice, chega a lhe dizer, em “Lua nova”, que nunca conheceu uma pessoa tão propensa a “fazer coisas estúpidas e irracionais”. Para Arthur Dapieve (O Globo, 2010), a perfeita definição para adolescente. E a saga, no fundo, fala sobre a hora do lusco-fusco do adultescer. Principalmente da importância do *outro*, que assegura inserção, entendimento e proteção. Sozinho, às cinco da manhã, sem nada para dizer, sem nada para fazer, nosso youTuber insone apela para a respeitável vitrine do YouTube. Investe de corpo e alma, segundo palavras do humorista Tutty Vasquez, na “evasão da privacidade”. Crepúsculo. Hora de mudança. Tornar-se sujeito. Ser visto. É o que vale nesses tempos de *broadcast yourself*.

4.2. Entre amigas

Pensar a subjetividade jovem contemporânea, pensar o que leva um jovem a transformar a vida em, literalmente, um livro aberto é um exercício extremamente complexo. A passagem da modernidade para a pós-modernidade, a introdução das novas tecnologias de comunicação substituíram as formas tradicionais de relacionamento, de subjetivização, trazendo mudanças na percepção e linguagem, seja no modo de viver, de olhar, de fazer, de agir, de aprender e sentir. Hoje, nos deparamos com o indivíduo fragmentado (BAUMAN, 2001) que utiliza os meios de comunicação e interação também em constante adaptação à velocidade determinada pela tecnologia.

Estamos todos imersos nessas transformações, e, com elas ainda em curso, a distância para análise ainda é curta. “Nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente” (HARVEY, 1999:301).

Novas metáforas para falar desse tempo presente e de sua cultura surgem a toda hora. Mas, mesmo no caso específico da subjetividade jovem permeada pela cibercultura, quando a linguagem se antecipa em dar conta do novo (“geração net”, “geração @”, “geração YouTube”) , mesmo enquanto procuramos respostas para algumas das perguntas que mobilizam os pesquisadores interessados no tempo presente, muitas vezes a velha lógica da compreensão continua nos guiando. Daí a importância de se buscar elos entre as novas tecnicidades e os novos modelos de ser e estar no mundo.

É certo que essas mudanças se apresentam indistintamente para adultos e jovens, posto que derivam de uma base social comum. Entretanto, o modo como cada grupo dá sentidos a essas experiências é singular. E talvez seja o jovem, como ator social ainda não tão enraizado em estruturas e convenções, que melhor possa, com seus potentes radares, captar outras possibilidades de construir e inventar subjetividades a partir dessas tecnologias. Até porque, o ser e estar jovem hoje talvez sinalize a emergência de novos padrões regulatórios e civilizatórios para este século, incluindo aí as novas formas de ser e falar de si. Como fizeram com os diários, por exemplo. Primeiro lhes deram um banho de ar fresco. Depois, sacudiram sua poeira e espanaram seu mofo. Finalmente, consideraram que estavam prontos para mostrar a cara. Também no YouTube.

Wesch (2009) reconhece que os novos meios de comunicação não só introduziram novas formas de expressão, mas também novas formas de autoconhecimento, novas maneiras de refletir sobre quem somos e como nos relacionamos com os outros.

No canal de Felipe Neto pudemos seguir algumas pistas dessa inédita cartografia juvenil contemporânea, esses novos meios e formas de se adaptar a esse mundo atravessado pela cibercultura. É fato que o privado se tornou público e que a busca por visibilidade se tornou viral. Assim como Felipe Neto, muitos outros jovens falam de si e de seu tempo. Para ninguém. Para todos. Entre amigas. Para mim. Para você. Para o mundo.

Do canal de Felipe Neto, fui direcionada a outros desabafos. No YouTube isso não é complicado. É só olhar para o lado. O *outro* está lá. Na página do site, a questão da alteridade é “colocada” de forma clara e direta. Ao lado do vídeo principal, estão relacionados os vídeos afins. Olho para a direita. Saindo da elevada autoestima de Felipe Neto, me chama atenção o “Dieta entre amigas do you tube... e desabafo, desculpa gente! de Dianaruivinha. Por que ela se pede desculpas publicamente? Me interessa, também, já no título, o “dieta entre amigas”, deixando claro o destaque, a importância do “entre” para Diana. Entre amigas. Mesmo no mundo virtual. Mesmo sem saber exatamente quem são essas amigas. Quantas. E se existem, de fato.

Esse segundo vídeo objeto de análise foi intitulado “Dieta entre amigas do you tube... e desabafo! Desculpa gente!” por sua autora – Dianaruivinha³⁹. De ruivinha, Diana não tem nada. Esse detalhe *fake* tornado público nos intriga. Assim, seu espaço nesta pesquisa se explica por apontar para outra característica da exposição na internet: a possibilidade da elaboração da subjetividade ancorada em múltiplos *eus*.

O vídeo foi produzido por uma câmara fixa enquadrando a jovem em primeiro plano. O cenário mostra Diana na intimidade de um (seu?) quarto simples: um pequeno armário branco ao fundo e uma cama de casal. Destacam-se, na cabeceira da cama, produtos de higiene de bebê. Diana Albuquerque, 25 anos, direciona seu desabafo, direto de Porto Velho, RO, a outras meninas que partilham com ela o caminho árduo de um programa de dieta para emagrecer.

O foco está em seu rosto, porém em alguns momentos se afasta para mostrar Vitória, sua filhinha de nove meses que permanece na cama enquanto a mãe grava o vídeo. Além da voz da jovem, também se ouvem às vezes os gritos e choro do bebê.

Diana “está” entre amigas. Não parece ter se produzido para o vídeo. Se apresenta sem maquiagem e com roupa simples. O cabelo está preso de maneira informal. Mas, de pé frente à câmera, não parece à vontade. Transpira, coça o rosto, ajeita o cabelo. E a todo tempo parece “colar” um texto ensaiado de um *tele-prompter* caseiro. Às vezes improvisa. Mas, mesmo com uma *performance* amadora, o vídeo é um sucesso.

³⁹ Título: Dieta entre amigas do you tube... e desabafo! desculpa gente! Postado por: Diana Albuquerque, 25 anos, postado em 5 de fevereiro de 2010 Categoria: pessoas e blogs. Tags: Palavras-chave: dieta;entre ;amigas ;do yt ;you ;tube ;emagrecer ;magra ;linda. Visualizações: 3038; duração: 9min08s. Assunto:Jovem desabafa sobre dificuldades enfrentadas em um regime para emagrecer. Avaliação: 26 gostaram, 0 não gostaram. Comentários: 83. Endereço eletrônico do filme: <http://www.youtube.com/watch?v=eM0fXgt0nqg> , capturado em 05.10.2010

Diana tem 31 vídeos postados em seu canal. A maior parte deles tem como tema beleza e maquiagem. Cuidados com o rosto e corpo, para uma audiência basicamente feminina. Como muitas outras meninas, Diana, no YouTube, já publicizou sua nécessaire, sua mala com “comprinhas na Bolívia”, já divulgou produtos de beleza de determinadas marcas mas, nesse vídeo, “abre o coração”.

O cotidiano de Diana, a suspeita de uma gravidez fora de hora, a briga com o corpo obeso, seus pensamentos sobre si, sobre os outros estariam, no passado, registrados em um diário ou direcionados exclusivamente para as pessoas mais próximas. Entretanto, a intimidade de Diana está agora exposta no YouTube . E não nos parece acaso o fato de que, com esse desabafo, a youTuber ter alcançado o maior número de visualizações de todo o seu canal.

Dianaruivinha, com esse vídeo, atinge a marca de 3188 exibições. E não só no Brasil:

É ISSO AI GAROTA ,TO ACOMPANHANDO VOCE AQUI NO JAPÃO.

[karla777able](#) 1 mês atrás

É fato que a rede encurtou as distâncias. Na internet, as fronteiras geográficas são apenas um detalhe. A velocidade com que a mídia eletrônica se transforma está fazendo com que pessoas e discursos estejam em muitos lugares ao mesmo tempo, distâncias sejam abreviadas, imagens e sons circulem livremente, pessoas se “conheçam” virtualmente⁴⁰. A isso Hall (1997) denomina de “deslocamentos”. Deslocamentos aqui relacionados com o fato de que o mesmo artefato, o mesmo discurso pode se deslocar de modos diferentes, ao mesmo tempo, e estar em vários lugares, como explica Castells(2003).

“(…) o que observamos em nossas sociedades é o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (para usar a terminologia de Wellman) para atuar como suporte material do individualismo em rede” (CASTELLS, 2003:108).

A internet representa assim, hoje , um avanço tecnológico capaz de modificar nosso comportamento, com um discurso que se materializa em novas possibilidades, em novos espaços e em novas formas que esse discurso se revela.

Novos comportamentos são relatados por todos aqueles que se dedicaram a estudar os impactos da internet. Os analistas da nova ordem digital abordam também

⁴⁰ Por vezes, essas relações virtuais evoluem para continuidades na vida real. Os variados encontros promovidos pelos internautas nos mostram isso, como o I encontro de blogueiros progressistas, realizado em SP em 2010, que reunia 300 blogueiros convocados pela rede.

novos problemas e tensões. Mas Turkle (1995) nos ensina como é possível viver nesse espaço e nessa realidade. Para a autora, o ciberespaço está para a revolução da internet aquilo que a metrópole foi para a revolução industrial. Em “*Life on the screen: identity in the age of the Internet*” (1995), a psicanalista norte-americana argumenta que está emergindo um novo modelo de organização psíquica em decorrência do uso da rede. Esse modelo é o dos “múltiplos eus” (*multiple selves*), ou seja, de sujeitos que, a exemplo do que acontece nos computadores, vivem como se estivessem em várias “janelas” abertas simultaneamente.

Novas formas e possibilidades. Customizar o *eu*, como ensaia Dianaruivinha. Isso reforça a ideia de que essas formas múltiplas de apresentação do *eu* ganha potência na contemporaneidade. O cineasta espanhol Pedro Almodóvar já sinalizava, nas telas, a existência desse sujeito “verdadeiro” e “mutante”. No filme Tudo Sobre Minha Mãe, (1999) um personagem diz: “Uma pessoa pode se dizer mais autêntica quanto mais se aproxima de como sonhou ser”. Entre as palavras chaves do perfil de Diana, constam as palavras magra e linda. E Diana se rotula ruivinha, talvez inspirada nas sexgirls dos anúncios eróticos. É como sonha ser? Chmiel (2000: 101) nos dá a chave para compreendermos o uso dessas máscaras: “Vivemos na hora dos feelings: já não existe nem verdade nem mentira, estereótipo nem invenção, beleza nem feiúra, senão uma paleta infinita de prazeres, diferentes e iguais”. Nesse emaranhado de redes em que vivemos, as identidades estão permanentemente em construção. Neste sentido, não existe identidade “real” ou “falsa”, no ciberespaço e na vida *off-line*. Identidades são também inventadas.

Se a personagem de Almodovar nos mostra que a ideia dos múltiplos *eus* é anterior à difusão das redes de comunicação e à ideia de ciberespaço, Santaella (2007), assim como Chmiel e Turke, reconhece, porém, que a *persona* que se faz visível no ciberespaço pode se apresentar mais fluida do que aquela que assumimos em nosso cotidiano, por conta de ser construída com base na simulação. Para ela, essas múltiplas janelas (windows) nos permitem brincar como nosso *eu*, favorecendo novos modos de interação com as outras “personas” do ciberespaço. Cabe aqui lembrar que a palavra latina *persona*, derivada do verbo *personare* (“soar por meio de”), designava as máscaras que os atores gregos usavam no teatro. Sua função era tanto dar ao ator a referência que o papel exigia quanto amplificar sua voz, permitindo que fosse ouvida pelos espectadores à distância

Possivelmente na tentativa de amplificar a voz e dar zoom na própria imagem, muitas vezes, no YouTube, o narrador cria uma *persona* ao narrar o próprio *eu*.

As subjetividades e identidades pós-modernas, na medida em que se afastam da tópica moderna que privilegiava a profundidade e a interioridade como dimensões autênticas e verdadeiras, parecem não mais obedecer à lógica que associa a aparência e a superficialidade aos domínios do engodo, do falso, da mentira, da manipulação. Ou melhor, o lugar onde o eu se realiza e se efetiva é na proximidade do olhar do outro, na sua potencialidade de ser visto, e não mais no recolhimento de uma interioridade sombreada e relativamente opaca. A sua face visível, exterior não é apenas o reino do outro, onde sempre é possível mascarar ou mentir, mas também e conjuntamente o reino do próprio eu, da *persona* que só existe na relação com o outro. (MAFFESOLI, 1998).

Nosso olhar, talvez mais próximo das subjetividades 'pré-modernas', cujas marcas de civilidade e sociabilidade residiam na aparência e no imediatamente visível, permanece ainda muitas vezes viciado na busca da imagem "real". Neste sentido, o culto contemporâneo da aparência indicaria não tanto a exacerbação do narcisismo e do individualismo, mas da sociabilidade. Conforme Maffesoli (2000),

“insister sur l'intime liaison existant entre voir, être vu, vivre, n'est pas anodin, en un moment, justement, où l'image longuement stigmatisée (re)devient un des pivots de la vie sociale ... l'apparence est rien moins qu'individualiste. Bien au contraire, elle se construit sous e pour le regard de l'autre” (MAFFESOLI 2000:34-146)⁴¹.

De toda maneira, o autor antevê o que salta aos olhos hoje. Os cuidados com a aparência e a conquista do olhar do *outro* estão cada vez mais atrelados à constituição do *eu* como imagem. É como se vivêssemos um momento de “sede do outro”. Apresentar-se em uma rede social é uma forma de seduzir o outro com a imagem que se quer impor. Significa também estabelecer um pacto de confiança, tecer vínculos, trocar ideias e sentimentos, seja *online*, seja *off-line*. O objetivo do perfil é o “vender o produto *eu* de uma forma, é claro, positiva. Como ressalta Sibilia (2008), a *web* fornece um espaço para a concretização das metáforas das cotações dos indivíduos e da volatilidade de suas reputações.

Para Bakhtin (1985), toda constituição, toda criação é, por natureza, coletiva, uma vez que a própria vida humana é uma construção que se dá na fronteira entre o *eu* e o *outro*. A afirmação das fronteiras do *eu* só é possibilitada a partir da entrada do indivíduo na linguagem. Essa criação ou essa compreensão é sempre fruto de um diálogo, sempre parte de uma relação alteritária, um contexto em que os *eus* são autores uns dos outros,

⁴¹ “insistir em uma relação íntima existente entre ver, ser visto, viver, não é anódimo, em um momento, justamente onde a imagem bastante estigmatizada (re) torna-se um dos pivôs da vida social... a aparência é nada menos que individualista. Bem ao contrário, ela se constroi sobre e pelos olhos do outro.” Tradução nossa.

coautores das suas produções. A autoria (mesmo de um desabafo) é também criação de si mesmo, posto que o *self* não existe fora do dialógico, é permanente presença do *outro*: o meu *eu* precisa daquilo que o *outro* vê. Assim, se é por meio do discurso que os sujeitos projetam quem são, e se a subjetividade é fragmentada, contraditória, deve-se assumir o caráter ficcional, temporário e volúvel das identidades

Turkle (1995) vê inúmeras vantagens na emergência do *eu* digital. Em sua opinião, os relacionamentos via internet facilitam a construção de valores subjetivos mais contemporâneos no lugar das amarras que imobilizaram o sujeito moderno.

“A virtualidade não precisa ser uma prisão. Ela pode ser a balsa, a escada, o espaço de transição, a moratória, que é descartada após se alcançar uma liberdade maior” (TURKLE, 1995:263).

A autora defende, inclusive, uma possibilidade de síntese entre a identidade analógica e a digital.

A cultura da simulação pode nos ajudar a adquirir a visão de uma múltipla mas integrada identidade cuja flexibilidade, resiliência, e capacidade para o prazer vem de termos acesso aos nossos muitos “eus”. Mas se tivermos perdido a realidade no processo, teremos feito um mau negócio. (TURKLE: 268)

Do ponto de vista bakhtiniano, no mundo da vida “calculamos”, a todo instante, com base na memória do futuro desejado, as possibilidades de ação no presente. (GERALDI, 2003). Se o ruivinha de Diana pode representar a projeção de uma memória do futuro, uma simulação na busca de uma autoimagem prazerosa, a sua juventude, a maternidade e a obesidade apresentam-se como presente e real. E, mesmo hoje, quando a obesidade é entendida como um fardo, principalmente para quem trabalha e se preocupa com beleza, o perfil completo de Diana no canal é bastante positivo:



Fig.8

Perfil

Nome: Diana Albuquerque

Exibições do canal: 9739

Total de exibições do material enviado: 34182

Idade: 25

Participante desde:29/06/2007

Data da última visita:2 semanas atrás

Inscritos: 449

Site: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?...>

AMO MAKE UP

Sobre mim:

Olá pessoal estou aki pq amo maquiagens e vivo assistindo videos sobre o assunto... já maqueio pessoas na minha cidade... e sempre to fazendo cursos relacionados beleza... pretendo ser umas das melhores maquiadoras, para isso to estudando e me dedicando bastante, sou Formada em administração, Mãe de uma princesinha Linda a Victória, casada com um maridão e uma pessoa ótima pra ser uma amizade... amo conhecer pessoas e tenho a necessidade de me comunicar... por isso fiquem a vontade no meu canal... bjos E nao esqueçam de se inscrever e comentar....

Cidade natal: Porto Velho RO

País: Brasil

Profissão: Consultora Independente Mary Kay

Interesses: Maquiagens

Há alguns anos, por conta desse perfil, Diana poderia ser considerada uma jovem adulta. A conclusão da etapa escolar, o casamento e a maternidade seriam fatores suficientes para considerar a transição de Diana para a vida adulta já completa. Mas dentro dos limites do vídeo, o que vemos, no entanto, é um “adulto emergente”, período, segundo Arnett(2006), marcado predominantemente pela exploração da identidade, pela instabilidade, pelo autofocus, pela vivência do sentimento “in-between” (de “estar entre”) e pela percepção de inúmeras possibilidades (ARNETT, 2004, 2006). A juventude e a adultez parecem, no caso de Diana, ainda estreitamente ligadas.

Fabrinni e Melucci (1992, apud CARRANO, 2003) enfatizam a necessidade de se compreender a adolescência como uma estação de vida que não se esgota totalmente em determinada idade biológica. A idade biológica da adolescência termina, mas alguns traços característicos persistem. A memória desse período se prolonga nas grandes etapas da existência com um eco vívido continuamente despertado. Para esses autores, a análise deve se dar a partir do ponto de vista de campo no qual não se fala apenas de adolescentes, mas dos *adolescentes-em-relação-com-os-adultos-e-vice-versa*. Essa etapa se caracteriza não como um conceito associado à idade biológica, mas, fundamentalmente, pela sua definição estar permanentemente em relação com o adulto.

Turkle (2007) observa que o mundo virtual pode ser usado enquanto laboratório de experiências da própria identidade, no qual nos inventamos à medida que progredimos. Este é então um elemento de atração dos mundos virtuais: a oportunidade que oferecem de experimentar, jogar, testar as identidades, como um espaço de adolescência prolongada. É esta possibilidade de desdobramento da personalidade que leva a autora a constatar que para muitos utilizadores a participação em mundos virtuais é uma terapia de natureza semelhante ao psicodrama e um período de moratória.

Estamos vivendo em um novo espaço comunicacional e construindo novas formas de estarmos juntos. É a reinvenção do antigo: o desabafo e a troca com um par que se encontra na mesma situação. O desejo em expressar e o interesse em conhecer experiências pessoais não é algo novo. Para as mulheres, entretanto, esse desejo nem sempre foi permitido e/ou compreendido.

Phillippe Lejeune (1996), em seu valioso estudo sobre diários de garotas francesas, nos dá importantes pistas sobre a questão do gênero em relação à escrita dos diários.

A Igreja Católica, que mais ou menos controlou a totalidade da educação das garotas até 1880, tinha uma posição ambígua no que diz respeito ao uso do diário como um método educativo. Era favorável ao uso como forma de exame de consciência, mas temia que ele pudesse dar origem à vaidade, à complacência e às tentações literárias. O diário era uma

faca de dois gumes. Nada poderia evitar que uma garota o transformasse em alavanca pra construir uma personalidade independente, de pensar por si mesma. Era preciso cautela. De fato, manter um diário era aconselhado apenas quando ele estava sob controle. Por isso, o diário só era usado como método pedagógico quando a garota era educada em casa. Em internatos, já que não podiam ser monitorados, eram geralmente proibidos.

Lejeunne se revelou surpreso ao descobrir que a escrita não era uma atividade solitária e espontânea. Seu sentimento foi quase de decepção ao ler, por exemplo, a primeira frase de um diário por ele examinado, o de Marie Lenéru, escrito na infância: "Mamãe me obrigou a escrever um diário, pois eu não queria." Duas semanas depois: "Quão cansativo é este diário! É certamente a coisa mais maçante!"

Em geral recomendava-se às garotas que começassem a escrever por volta dos dez anos, um ano antes de sua primeira comunhão. O diário cumpria duas funções: as meninas examinavam suas consciências e treinavam seu estilo literário. Comporte-se bem e escreva bem, essa era a regra.

A mãe ou a professora, "Mademoiselle", da escritora, acompanhavam o processo, controlando a regularidade dos registros, corrigindo erros estilísticos e de ortografia, e dando sugestões sobre o conteúdo. O clímax do diário era a primeira comunhão, que ocorria geralmente aos onze anos.

A segunda fase da escrita do diário girava em torno de um evento posterior e potencial: o casamento. Era um período de alto risco e, acima de tudo, um momento de fazer escolhas. Conseqüentemente, a função do diário modificava-se, a fim de expressar desenvolvimentos mais ricos.

A passagem da infância para a adolescência dificilmente seria notada se o diário não fosse interrompido. Se houvesse uma interrupção, a jovem escritora pegaria sua caneta com a sensação de que poderia manter um diário diferente e ser independente. Lejeunne dá o exemplo de Lucile Le Verrier, de 13 anos e meio, que anteriormente havia escrito um diário como tarefa e chegara a odiá-lo. Agora, ela vai escrever um para si mesma:

Se eu tiver um diário, será apenas para mim mesma; assim posso escrever exatamente o que penso: nem mamãe sabe que estou escrevendo um diário; senão ela quereria lê-lo, e então ele seria um exercício de estilo, não mais meu confidente. Não, ninguém vai ler meu diário; eu escrevo somente porque desejo relê-lo mais tarde, e não desejo intrusos entre nós.
(LEJEUNNE, 1996)

Vimos com Oliveira (2002) que, somente a partir do século XX, esta forma de escrita passa a estar associada à exploração da criatividade, do crescimento pessoal, da reparação ou da terapia. É isso que nos mostra o "Dieta entre amigas do you tube... e desabafo! Desculpa gente!?"

Continuamos “seguindo” Diana em sua construção identitária, aceitamos seu convite e ficamos à vontade. Pois não estamos “entre amigas”?

O perfil completo da youTuber no canal não faz referência à sua principal preocupação no momento: o excesso de peso. Cuidado com a imagem? Projeção para o futuro? Mas comprovando ser o vlog uma “escrita” muito próxima aos diários e, como em todo diário, a tônica é o cotidiano, seu desabafo “esquece” o perfil alto astral de ontem e traz hoje a necessidade de explicar o insucesso da dieta.

A primeira semana de janeiro, a primeira semana da dieta foi bastante complicado. Eu não fiz a dieta direito, eu confesso. Sempre aparecia alguém aqui para fazer eu quebrar minha dieta. (...) Naquela primeira semana, eu não consegui me conter. Então depois, a partir da segunda semana, eu... Toda mulher sabe, aquelas regrinhas que vêm todo mês. A minha não veio e eu achei que estava grávida. De novo. Imagina eu, com um nenê de 9 meses que eu já tenho. Então eu surtei, fiquei louca, achando que tava...

Diana é quase sempre reticente para se referir a questões relativas ao universo feminino: menstruação (*toda mulher sabe*, diz ela) ou gravidez. Mas é direta ao falar do preconceito com a imagem:

...E assim durante duas semanas eu não fiz a dieta, não tomei o remédio e assim foi complicado para mim. É complicado para mim estar vindo aqui falar tudo isso porque muitas pessoas vieram me criticar, vieram colocar recados, me chamar de gorda. Sabe, eu sei que eu sou gorda, por isso eu to fazendo isso, to fazendo o vídeo. E pra mim foi complicado.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, o preconceito contra a obesidade é, sem dúvida, muito forte. O culto à magreza está diretamente associado à imagem de poder, beleza e mobilidade social.

A origem desse processo começa no início do século XX, mas suas raízes estão fincadas no auge da Revolução Industrial, quando os meios de produção e poder se deslocaram das mãos da aristocracia rural para a classe burguesa, impondo, ao mesmo tempo, uma estrutura de comunicação massiva para a divulgação da informação. Apareceram as primeiras revistas femininas, associando a imagem da mulher ao espaço domiciliar.

Mas, a partir da década de 60, à medida que a mulher foi conquistando espaço no mercado de trabalho, legitimando a sua emancipação, ampliando a atuação na vida pública, estabeleceu-se um novo paradoxo: a imagem feminina confunde-se com o próprio corpo. Ganha força o mito da beleza.

A moralização do corpo feminino, como aponta Baudrillard em seu livro “*A sociedade de consumo*” (2007), nos leva a encarar a ditadura da beleza, da magreza e da saúde como se fosse algo da ordem de uma escolha pessoal. Deixam-se de lado todos os mecanismos de regulação social presentes em nossa sociedade, que transformam o corpo, cada vez mais, em uma prisão ou em um inimigo a ser constantemente domado.

De certa forma, aprendemos a ter uma visão distorcida da beleza, em virtude de a mulher ser maciçamente exposta aos padrões corporais atuais, incorporando essa imagem específica e aprendendo a gostar dela. Em outras palavras, estamos tão acostumados a ver como modelo mulheres extremamente magras que aprendemos ser esse o padrão de beleza (WOLF, 1992; SWIFT, 1997).

A regulação social dos padrões estéticos sofreu variações históricas em torno dos ideais de beleza de algumas décadas atrás, até à atualidade, no qual seu imperativo exige a perfeição das formas conseguida por meio de inúmeras intervenções corporais e cujo exemplo mais representativo são as modelos e atrizes. Todo esse percurso histórico deixa bastante clara a ênfase que vem sendo dada, cada vez mais, às práticas de culto ao corpo, bem como às técnicas de aperfeiçoamento da imagem corporal. As interferências, transformações e todos os métodos de disciplinização do corpo, acompanhados da moralização da beleza, buscam esse caráter de permanência do belo corporal.

Se a contemporaneidade pode ser definida exatamente pela sua liquidez, como aponta Zygmunt Baumann, ou pela sua evanescência – tudo o que é sólido se desmancha no ar – é curioso perceber que o culto ao corpo cobra do sujeito exatamente o inverso: permanência e imutabilidade.

Os ideais de inovação constante, esforço permanente, perfeição a qualquer custo e superação marcam este cenário, no qual correr riscos se torna um comportamento almejado e admirado. Assim, Sibilia (2008) e Bruno (2004) mostram como esta nova subjetividade se dá no ato de se fazer visível e de expor a intimidade na busca da aprovação alheia. Isso explica o alto grau de investimento sobre a aparência e a busca da autopromoção através do consumo e da gestão cuidadosa da reputação da própria marca. Não é à toa que, no que tange à temática das redes sociais, a exposição de si é freqüentemente relacionada à noção de capital social, que se refere aos recursos implícitos às relações sociais mantidas pelos indivíduos através de sua inserção em grupos (RECUERO, 2005). Neste sentido, o capital social depende de uma mobilização que pode ser caracterizada pelo custo do investimento necessário à construção e à manutenção das relações entre os indivíduos, o que os permitirá, no futuro, usufruir dos recursos associados à rede em que se inserem visando satisfazer seus interesses e atingir seus objetivos.

... mas no mês de fevereiro, mês do carnaval, eu queria estar um pouquinho mais enxuta, mas acho que não vai dar, (...) eu preciso emagrecer no mínimo 28 kg, sabe, eu pretendo fazer isso num período de seis meses...

O culto ao corpo ganha importância como valor pessoal, associando a conquista da felicidade através da aquisição da constituição física perfeita. “Assim, o corpo e todo o instrumental utilizado para projetá-lo como símbolo de poder passam a ser perseguidos como bens simbólicos,” (ANDRADE e BOSI, 2003).

Diana, segundo consta no perfil, é formada em administração, mas segue agora um atalho – uso do corpo como capital social – para uma possível inserção no mundo do trabalho. O desvio na carreira não sabemos precisar o porquê. A maternidade pode ter interferido. Mas é certo que, como chama atenção Leccardi (2005), ela tenta se “agarrar a oportunidades”. Entre os possíveis objetivos da exposição de Diana no YouTube, há ainda a possibilidade de uma correção de rota no campo profissional.

Apoiada nas idéias de Bauman (2000), Leccardi (2005) acredita que, quando a mudança, como ocorre em nossos dias, é extraordinariamente acelerada, e o dinamismo e a capacidade de *performance* são imperativos, quando o imediatismo é um parâmetro para avaliar a qualidade de uma ação, investir num futuro a longo prazo acaba parecendo tão pouco sensato quanto adiar a satisfação. Mais do que renunciar às recompensas que o presente pode oferecer, convém então estar treinado para “aproveitar o instante”, para não fechar a porta ao imprevisto, dispor-se mentalmente em termos positivos com relação a uma indeterminação carregada de potencialidade.

Maffesoli (2000) também já havia refletido sobre essa nova “dinâmica social”. Para ele, a diferença é clara. Se antes nós tínhamos uma relação de confiança contratual, um perfil delineado, uma profissão segura, um projeto de vida, hoje não. Agora, o perfil é mutante, a profissão (quase) não existe, o projeto é ocasional e o futuro incerto. O que vale é o presente.

Por isso, nesse cenário presente de incerteza, a solidariedade e cumplicidade são fundamentais também para proporcionar conforto e sensação de proteção.

Tô me expondo, to comentando pra vocês meus problemas pessoais, porque algumas (corrige para muitas) meninas me assistem , me acompanham, estão se inspirando em mim, eu me sinto na obrigação de fazer isso, não sei se foi porque eu fui a primeira a fazer o vídeo da dieta, tive a ideia de fazer isso, mas assim, eu pensei em desistir, não da dieta, mas de colocar isso no YouTube, sabe, de me expor, mas a cada dia que passa eu tô vendo cada uma, cada menina está fazendo um vídeo, contando sua intimidade também.

Pilha de vídeos. Mas será que o YouTube está simplesmente oferecendo um cultura pura e simples de fraude, piadinhas e riso do sofrimento alheio? "Isso é absolutamente verdadeiro e absolutamente falso", diz Michael Wesch (2009):

"Qualquer observador poderia concluir que há muita coisa superficial no YouTube, mas eu garanto que haverá também muita coisa capaz de surpreendê-lo. Há todo um clube *online* que discute filosofia simplesmente conversando com *webcams*. Há uma profundidade tremenda. Como o sistema funciona em rede, não se trata de uma pilha de vídeos estanques e desorganizados num canto." (WESCH,2009. Acesso em 6/05/11).

Mas, por ter centrado sua pesquisa nos vídeos confessionais do YouTube, é deles que o autor vai tratar com mais profundidade. Chama atenção de Wesh (2009) que, como uma garrafa à deriva no mar, a maior parte desse tipo de vlog não tem destinatário específico. Elas são endereçadas para qualquer um e todos, talvez apenas vagamente destinados "à comunidade do YouTube". Em termos mais específicos, é para todo mundo que tenha ou venha a ter acesso à internet de milhares de milhões de telespectadores potenciais. Alguns consideram, por isso, o YouTube como o maior e o menor palco do espaço mais público do mundo. Através dele, podemos chegar a um vizinho ou do outro lado do mundo para compartilhar algo profundo ou algo supérfluo, algo sério ou algo engraçado, tentar encontrar o caminho da fama ou simplesmente para se conectar.

Após 18 meses de observação participante no site, Wesh revela a pergunta crucial para os youtubers: "O que dizer ao mundo e ao futuro?"

Segundo ele, diante de tal assustadora questão, não é surpreendente encontrar muitos vloggers iniciantes perplexos, muitas vezes relatando que passaram várias horas paralisados em frente à *webcam*, tentando decidir o que dizer. E o problema maior, ainda segundo Wesh, não é falta de contexto. É saber que as imagens, ações e palavras, uma vez postadas, podem ser transportadas para qualquer lugar do planeta e permanecerem "arquivadas" no tempo. Por isso, o youTuber " terá muitos motivos para controlar a impressão que estes [a audiência] recebem da situação" (GOFFMAN,2009). Mesmo diante do risco de atingirem ninguém ou todo mundo.

Diante de tantas infinitas possibilidades, essa crise de autoapresentação lança o vlogger em um processo às vezes tortuoso, mas muitas vezes esclarecedor de autoanálise. É o processo de autoconsciência exacerbada (*Hyper Self-awareness*): "o próprio autor poderá se tornar plateia de seu vídeo, o que exagera o potencial para a autorreflexão"(WESCH,2008:31).

A tentativa de romper a confusão e ansiedade do confessor muitas vezes inspira uma análise introspectiva de si mesmo, o que não é somente uma simples exploração da própria vida interior própria, mas uma análise das relações *eu - outro*.

A crise é aprofundada pelo fato de que o candidato a *vlogger* não só deve apresentar a uma infinidade de desconhecidos outros infinitos, mas também é um momento de aposta no próprio futuro. O *vlogger* pode se sentir responsável caso o seu próprio futuro seja diferente. A saída pode então também se dar pela aposta nos múltiplos *eus*.

Ao antever o “lookism” no contexto dos anos 1980, Lasch (apud HAROUCHE, 2008:158) reconheceu o papel decisivo do olhar na emergência da personalidade narcísica contemporânea: “uma grande inquietude em relação à impressão que os indivíduos produzem uns sobre os outros, uma tendência a encarar os outros como um espelho do eu”. Por isso, atribui à “proliferação de solicitações visuais e auditivas” o desenvolvimento das preocupações concernentes ao *eu*, em que se distinguem “traços de personalidade narcisística” em graus diversos, em cada indivíduo. Um desses traços de personalidade consistiria “numa certa superficialidade protetora”.

Dianaruivinha parece, nesse vídeo, abrir mão dessa superficialidade protetora. Olhando para os outros vídeos postados pela youTuber, podemos observar que, em todos eles, Diana se apresenta produzida, maquiada, focada na “gestão da própria imagem”.



Fig.9

Mas o “Dieta entre amigas e desabafo, desculpe gente...!” parece carregado de autenticidade e verdade. A tônica do vídeo se desloca da dieta e acaba centrada no desabafo.

A possibilidade de uma possível segunda gravidez, que significaria um golpe fatal no projeto da dieta, fez com que a jovem quase desistisse “de se expor” e rompesse com a expectativa de tantas seguidoras, já são águas passadas. O problemas com a conexão a internet também já foi resolvido. Agora, é hora de Dianaruivinha voltar a vida e retomar os vídeos, por conta de “tanta gente se inspirando nela”.

Ao postar o vídeo, o principio da interatividade foi ativado. Através do conhecimento do cotidiano do outro, aquele que assiste toma contato com uma outra maneira de viver.

Dessa forma, os comentários são um ponto importante para quem produz e para quem assiste. Funcionam como um termômetro que mede o quanto as pessoas são interessantes.

Constata-se assim, que, quando o Google comprou o YouTube, não se tratava apenas do *website* do momento, mas de uma comunidade. Como outras mídias sociais que definem a era da internet 2.0, o YouTube é interativo. Os usuários não assistem a vídeos simplesmente, mas participam: imitando, compartilhando, parodiando, zombando e fazendo seus próprios filmes.

Se os diários íntimos, em sua concepção, enfatizavam a “busca de si” no processo da escrita, os vlogs confessinais procuram distinguir a busca do outro por meio de dispositivos que permitem a troca de mensagens. Quase todos os vlogs incluem nas suas páginas links para muitos outros, ou uma referência a um outro vídeo. Desta forma criam-se círculos que dão origem a uma rotina e a uma comunidade. Quando assiste um vídeo e acompanha os comentários, o espectador de um determinado vlog é levado a espreitar outros, ler o que dizem e se for também autor de um desses sites, talvez até comente determinadas situações que vê num vlog afim. Os vlogs funcionam então como espaços privilegiados de opinião, análise e discussão sobre várias áreas temáticas.

Na página da Dianaruivinha, por exemplo, estão postados 83 comentários:

- [belinha61532](#) 7 meses atrás: Oi Diana nossa tô até nervosa por ter conseguido assistir sua luta que cara é muito igual a minha nossa, cara pelo amor do pai maior não dexista e nem ligue pra esse pessoal que pra derrubar agente tem um monte mais pra dar uma força positiva é contado nos dedos, ai korega por favor não quero que saiba que o seus videos me dá a maior força viu, admiro vc desde já e tenho muito carinho pelo seu jeito, hei procurei vc no orkut mais não encontrei me add por favor, um forte abraço
- [Biaevictorr](#) 1 semana atrás : Oi Diana, meu nome é Bia ,adorei seus vídeos e queria participar da dieta também, vc é muito simpática e está de parabéns. Estou muito gordinha e não estou me sentindo bem com tantos quilos extras q ganhei , queria uma ajuda sua, pois tenho me sentido muito mal. Não ligue para o q as pessoas dizem , pois saiba vc q seus vídeos tem ajudado muitas meninas, não desista siga em frente, estou me espelhando em vc viu, te admiro muito,vc é muito fofa; se puder me ajude tah! beijossss.
- [Palipe2008](#) 1 mês atrás: Você tem me ajudado bastante... Muito obrigada pelo seu cuidado em incentivar outras pessoas que, assim como vc, lutam com a balança... Ainda tenho vergonha (muita vergonha) de postar vídeos tbm... Mas só em poder assistir vocês, já me sinto motivada e fazendo parte desta corrente rumo à melhor auto-estima e saúde... Mais uma vez, PARABÉNS por sua atitude. Você não sabe o quanto nos ajuda!!!
- [Mariaanasademj](#) 1 ano atrás: oláaaa diana! tenho te acompanhado desde o primeiro video. foi uma excelente e ideia e deu-me uma grande força! :) olha, nao lrigues ao que os

outros pensam ou falam! o q é q interessa?? é gente que nao tem mais nada pra fazer da vida, nao tem vida propria e divertem-se a criticar os outros. ouve tu consegues a força de vontade existe, e está dentro de ti. mesmo mesmo aí é so procurares e encarares todos os dias como uma vitória! :D a tua nene ajuda-te ;) um bjo grande de portugal ***

-
- Heloisatacconi 1 ano atrás: Emagreci 5 quilos desde que comecei a dieta inspirada no seu video...senti falta de vc no youtube postando videos, meu marido tbm me chama de gorda e me pressiona pra emagrecer, mas aos poucos estou conseguindo...e não liga pra essas recalçadas...beijos.

Na maior parte das vezes, o vídeomaker também interage através de respostas aos comentários. Dianaruivinha responde a praticamente todos os comentários postados, num esforço para estreitar a conexão:

- Dianaruivinha 1 ano atrás : spgisaaa claro q pode amore... pode fazer seu video... eu vou amar....linda e eu ja tomei esse remédio o medico me receitou ele uma vez to tentando ele de novo
- Dianaruivinha 1 ano atrás : q bom linda qnto vc ja eliminou...???e vamos q vamos mesmo... conseguir... bjos pra vc!
-
- Dianaruivinha 1 ano atrás : é linda eu nao ligo nao!!! mas é q da um odio... mas a felicidade de ter vcs como amigas ja compensa td... isso nao tem preço... saber q vcs gostam de mim... nossa... espero poder ajudar vcs... e vcs me ajudarem tbm,,, dieta nao facil.... mas nao eh impossivel... bjos no coração...
-
- Dianaruivinha 1 ano atrás : aiiiiii helô! vc nao sabe o tamanho da minha felicidade ouvir isso!! apesar de estar meio frustrada com a minha... ja fico mega satisfeita em ver meninas como vc conseguindo...nossa parece ser eu! kkkkkkkk continue linda eu tbm vou seguindo daki... to mto feliz por vc!!! Parabens
-
- Dianaruivinha 1 ano atrás: ja pensei nessa possibilidade de fazer um blog ! o unico problema é tempo... apesar de eu nao trabalhar e ficar so em casa... a victoria nao me dá folga... o tempinho q tenho fico aki no yt... mas vou pensar nessa possibilidade ... obg pela dica... vc é uma flor ta.... bjinhos linda

Para Wesh (2009),

tais conexões podem ser descritas como profundas e superficiais. Embora estes termos parecem logicamente contraditórios, eles, de fato, se sustentam na prática. Youtubers podem se sentir à vontade para criar ou experimentar uma relação profunda porque elas são superficiais e eles podem escolher se manterem precisamente superficiais porque elas são profundas (WESH,2009. Acesso em 6/05/11)

Esta experiência de conexão profundas e superficiais refletem, para Wesh, as tendências sociais da pós-modernidade. Embora se deseje a conexão, a partilha, o senso de individualismo, independência e privacidade impele os sujeitos a viver essas conexões com limitações. Dessa forma, o YouTube e outras comunidades *online* parecem oferecer uma solução tentadora: a possibilidade de conexão sem compromisso.

Sobre essa questão, Wellman (2001) afirma que o individualismo é a tendência dominante nas relações sociais em nossas sociedades e dele vemos surgir agora um novo sistema de relações sociais centrado no indivíduo, que vem sendo chamado de “comunidades personalizadas” ou “individualismo em rede”. Segundo o autor, as redes sociais *online* são especialmente eficazes na criação e manutenção de “laços fracos”, aqueles que seriam perdidos se dependessem de um esforço de comunicação maior como um telefonema periódico, por exemplo. Amigos de infância, parentes distantes, antigos colegas de trabalho são exemplos desse tipo de relacionamento. Redes que crescem em torno de interesses específicos criam novos laços fracos, relacionamentos que raramente chegarão a um único encontro pessoal, quanto menos a uma relação duradoura. Mas, se as conexões específicas não são duradouras, o fluxo de novas relações é permanente, e essa é uma das manifestações sociais do individualismo em rede.

“O individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados”. Como as pessoas podem pertencer facilmente a várias redes, indivíduos tendem a construir seus *portfólios de sociabilidade*, investindo diferentemente sua atenção a cada uma delas. (WELLMAN, 2001:228)

Bauman (2003) também se preocupa em entender o sentido das comunidades na atualidade. Segundo ele, o sentido que guiava a comunidade no passado anterior à sociedade individualista era de “circulo aconchegante”. Mas, em uma época em que ele define como difícil de estar em comunidade na vida real, busca-se estar em comunidade virtual significa não precisar reconhecer as diferenças, não precisar negociar, resolver atritos, ceder espaço ao outro. Mais ainda, não é preciso nem admitir que existe um *outro*, pois todos os que, ilusoriamente, estão vivendo em uma comunidade, são parte de um mesmo todo. Isto é, contra eles não é preciso haver nenhuma espécie de prevenção, pois não se trata de outros que sejam desconhecidos, já que da comunidade só participam indivíduos que não podem ameaçar: eles são partícipes, não inimigos; companheiros, não opositores: Comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá (BAUMAN, 2003:9).

Dessa “comunidade”, Diana ruivinha também recebe muitos conselhos:

- Priscillinhaveshua 1 ano atrás: amiga... diquinha: tenta comer mais frutas e legumes. Cola na salada!
- EspaçoRo 1 ano atrás : Querida, vc vai conseguir!! Não por ninguém, mas sim por vc mesma!! Vou dar ma dica. Procure alguma atividade que vc goste e te distraia. Faça um artesanato ou algo assim. Vai te fazer muito bem e diminuir sua ansiedade. E também procure Jesus, só Ele nos entende de verdade. Bjs
-
- Paulinhamoura, 1 ano atrás: Posso te dar uma dica !? Uma dica que a nutricionista me deu...na janta, corta o arroz e o feijão...e coma legumes e bastante salada com um pedaço de carne. Vc vai ver que vai acelerar o processo de emagrecimento...pq o arroz é carboidrato (que dá energia) e a noite a gente já tá mais devagar...indo dormir. Então o carboidrato se acumula como gordura. Espero ter ajudado. Bjinmm querida*
- Espgisaaa, 1 ano atrás : Diana, não fica tomando remédio assim não. é melhor vc ir num endocrinologista primeiro. Não liga para que os outro falam. O importante é vc não desistir.
- Bjus
- Chibi Moon Sailor 1 ano atrás :Oi querida sabe oq é legal de fazer? Um blog diário pra vc escrever só sobre a sua dieta, o seu dia-a-dia em relação a perda de peso, alimentação, as tentações, etc. Pq vc põe pra fora as suas ansiedades e depois vc lê e vê oq mudou e tal, vai te fazer bem e vc vai gostar. Vc é uma inspiração pra mim pq confesso q eu amo comer besteiras e as vzs n consigo parar com isso.. mas enfim, boa sorte para vc querida, bjos

Todos esses comentários, solidários com Diana (*“Não ligue para o q as pessoas dizem , pois saiba vc q seus vídeos tem ajudado muitas meninas, não desista siga em frente, estou me espelhando em vc,viu”*), preocupados com Diana (*“não fica tomando remédio assim não. é melhor vc ir num endocrinologista primeiro”*), respondidos por Diana (*“mas a felicidade de ter vcs como amigas ja compensa td... isso nao tem preço... saber q vcs gostam de mim... nossa... espero poder ajudar vcs... e vcs me ajudarem tbm,,.”*) confessionais, inspirados em Diana (*“meu marido tbm me chama de gorda e me pressiona pra emagrecer”*) vão na contramão do pensamento de alguns trabalhos recentes, consagrados, que centram-se na questão do *eu*. Atentos a diferentes dimensões , detiveram-se sobre os traços de comportamento e de caráter específico , como a *“indiferença, o desinteresse, o desengajamento, a falta de elã, a ausência de espontaneidade, o cálculo permanente, a instrumentalização de si e do outro, os comportamentos fugidios e o desvencilhar-se”*(HAROUCHE,2008:127).

Essa troca, esse pertencimento que transborda nos comentários postados para/por Dianaruivinha é um ponto a ser observado, uma vez que se contrapõe, num primeiro olhar, ao desengajamento tipo como característico da cibercultura. Refutar esses *“modos de ser”*, reconhecido por estudiosos consagrados seria precipitado nesta pesquisa. Mas posso já reconhecer aqui, nesses intercâmbios digitais, uma outra forma de *“ser e estar no mundo”* que vem se destacando na emergência de toda essa tecnicidade. Junto à indiferença, ao desinteresse, ao desengajamento, o narcisismo, o *cool*, a falta de elã, a ausência de espontaneidade, ao cálculo permanente, a instrumentalização de si e do outro, os

comportamentos fugidios e o desvencilhar-se, propomos aqui – e essa proposta também não é inédita – a busca de pertencimento que se instaura nessas relações virtuais, nessas comunidades.

Diana se expõe. Diana é gorda, ansiosa e sente-se pressionada por ter sido a primeira a fazer o vídeo trazendo a questão da dieta, “ só para se ajudar”. Pelo olhar do outro? Qual o peso desse olhar? “A palavra se dirige”, diz Bakhtin, e nesse gesto o outro já está posto.

Lange (2007) ressalta que muitas pessoas não conseguem entender por que seria importante ou interessante assistir o íntimo na vida dos vlogueiros. Segundo ela, pessoas que não estão familiarizados com a forma de diário de v/blogs são frequentemente críticos do gênero, rotulando os youTubers como egocêntricos e obcecados com a microfilmagem de eventos com nenhum ponto específico ou relevância para além da própria vida. No entanto, ainda segundo Lange, os vlogueiros argumentam que é precisamente por colocar esses momentos íntimos na Internet para que todos vejam que é criado um espaço para expor e discutir questões difíceis e, assim, alcançar uma maior compreensão de si mesmo e aos outros. O acesso do público aos momentos íntimos e do discurso em torno de artefatos de vídeo na Web permitem que as fronteiras sociais e suposições pré-existentes sejam questionadas e reformuladas.

Discutir questões difíceis. Tão difíceis, que, para Dianaruivinha, a fala sobre a experiência da dieta, que seria o foco da postagem, dura, no vídeo de 9 minutos, em torno de 1 minuto.

A minha alimentação ...de manhã normalmente eu acordo tarde, vou começar a acordar mais cedo porque dormir demais engorda. Eu pretendo de manhã tomar só uma vitamina. No almoço eu tô comendo bastante salada, arroz, tô cortando um pouco mais do feijão, pepino tô comendo muito, com um pedaço de frango ou de carne, alguma coisa assim, mas tô bastante firme na salada, porque eu amo salada e na merenda da tarde eu tô comendo um biscoito e um suco e na janta a mesma coisa do almoço, mas eu tô querendo cortar e colocar vitamina também(...)

No caso de Dianaruivinha, fica a sensação que a dieta foi apenas pretexto para puxar o fio de um querer compartilhar. Desabafar para tirar um peso. Desabafar para se sentir mais leve.

.. e eu quero que vocês continuem colocando os vídeos, me motiva muito, muito mesmo assistir os vídeos. Eu sinceramente amo quando vocês fazem esses vídeos, au assisto todos...as meninas que deixam recado para mim pra eu assistir, eu assisto. Eu tô adorando, tá? Eu espero que a gente consiga...

Entao é isso, espero que vocês continuem firmes e forte assim como eu, nao desisti, apenas deu uma pausa por causa desse probleminha que a mulher sabe e espero que vocês continuem comentando. Um beijo...e para os idiotas que estão deixando recado, tchau, passa lá em outro canal...Um beijo, até mais!

YouTube. Tornar-se sujeito. Ser visto. Desabafar. Compartilhar. É o que vale nesses tempos de *broadcast yourself*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois jovens. Dois jovens da geração digital. Dois jovens da geração digital usando o YouTube para falar de si e do seu tempo. Dois jovens simultaneamente singulares. Expressões de uma geração que faz das interações na internet um modo de viver o tempo de juventude.

Dois jovens que se expõem. É como se participassem de um *reality show* particular, sem inscrição, sem sorteio. Sem papéis predeterminados. No qual são eles próprios autores, narradores e personagens. Tudo impulsionado pela *web 2.0*. Para “entrar na casa” – quase sempre o quarto – basta somente uma *webcam*. E o desejo de ser visto e ouvido. Por, no máximo, 15 minutos. O tempo da visibilidade. O tempo YouTube. O tempo em que o privado se faz público. O prêmio? Quem sabe a fama? Quem sabe ser favoritado, adicionado, compartilhado? Quem sabe a garantia de um momento de autorreflexão? Ou quem sabe simplesmente o sentimento de leveza que o desabafo proporciona?

Os vídeos confessionais publicados no YouTube representam menos de 5% do total de vídeos postados diariamente (WELSH, 2009). Mas com o site trazendo mais de 200 mil vídeos por dia, seus números são não insignificantes: cerca de 10 mil por dia. Olhar atentamente para esses vídeos, ouvir atentamente vloggers falando do seu dia a dia, suas convicções, problemas, realizações, esperanças, angústias, sonhos e projetos, pode ser um caminho para se conhecer mais o mundo permeado pela cibercultura. Pode ser um outro caminho para educadores, pesquisadores, pensadores, sujeitos “adultos”, naturalmente intrigados com a dinâmica veloz do mundo virtual que atravessa principalmente as juventudes, aprofundarmos nossas reflexões.

As mudanças que se operam na vida em sociedade se refletem intensamente na vivência do tempo de juventude. Por se tratar de transformações em movimento, as pesquisas, em sua maioria, não indicam certezas, mas dão pistas. O que se procura, sobretudo, é compreender esse *remix* da forma de ser e estar no mundo que afeta principalmente as subjetividades juvenis atravessadas pela *web 2.0*. Nessa pesquisa, compreendemos os jovens como atores desse momento histórico, convulsionado nas esferas econômica, social e cultural. O que nos guia é a convicção de que esse tempo histórico *de aceleração temporal* estaria criando uma *nova juventude* (Leccardi, 2005). Que precisa ser compreendida em todos os espaços.

Principalmente por estarmos imersos nessas transformações – a exibição da intimidade na internet, a celebração do eu, o faça você mesmo, entre outras – devemos ser cuidadosos antes de atribuí-las aos meios de comunicação de massa baseados nas tecnologias digitais por si só. Tampouco ao YouTube, caso específico desta pesquisa. Ele não surgiu do nada. Ao contrário, o YouTube, como as diferentes redes sociais, apareceu num terreno que já estava muito bem preparado para que essas práticas pudessem florescer. Nos últimos anos, temos sido direcionados a estar conectados o tempo todo, a espetacularizar o eu. No momento em que finalizo este trabalho, a novidade nas redes sociais é o *Empire Avenue*.⁴², que segue os moldes de um mercado de ações. Lembra uma espécie de “banco imobiliário”: o diferencial é que o próprio perfil é o título à venda no mercado. Ou, mais especificamente, o valor das próprias atividades e do círculo de influências nas redes sociais. Mais um exemplo de mercantilização do eu.

Iniciei esse trabalho apostando no princípio de que os sujeitos e suas produções refletem um ser e estar no mundo. Meu objetivo foi compreender a elaboração de subjetividades juvenis tendo como base dois vídeos confessionais publicados na internet. Entendi esses vídeos como um *corpus* privilegiado para analisar a maneira como as identidades juvenis, na contemporaneidade, são elaboradas também a partir do uso de tecnologias digitais e dos discursos que circulam em torno dessa prática.

Para alcançar esse objetivo, não bastava somente “entrar” no YouTube. Precisava entender qual a razão do sucesso do site. A resposta apontou não só para a visibilidade, mas também para a interatividade que o site proporciona. Além da difusão e do compartilhamento, o site tem mecanismos de respostas que permitem comentários, inscrições, aviso de acréscimos de determinado usuário e de resposta aos vídeos já publicados. Essa comunicação incentiva a troca de informações e estimula a alteridade com o objetivo de desenvolver o sentimento de comunidade.

⁴² Ao se cadastrar no site, seu perfil se torna uma ação que pode ser comprada ou vendida por outros usuários – e você também pode comprar ações dos outros. Ao conectar seu perfil a outras redes sociais, como por exemplo *Twitter*, *Facebook*, *Youtube*, *Flickr* e até o *LinkedIn*, você vai ganhando “eaves”, que são a moeda virtual do jogo. Quanto mais atividades você realizar nessas redes, seja postando, comentando, ou interagindo com outros usuários, você recebe mais eaves, e o valor do seu perfil vai subindo. Além disso, quanto mais os usuários dos quais você é “dono” vão interagindo em outros sites, mais o valor deles aumenta, e isso é repassado pra você, na forma de mais moedas ainda. Disponível em: <http://www.tambotraining.com.br/internet/redes-sociais/guia-completo-do-jogo-empire-avenue>. Acesso em 22/01/11

Após atentar para o funcionamento do site, e enxergar que ali se inscrevia um jeito novo de se dar a conhecer, passei a garimpar os vídeos confessionais. Também eu queria “entrar” na intimidade dos jovens. Mas como definir um vídeo confessional? A revisão da literatura mostrou que são diários íntimos publicados na *web*, nos quais os usuários narram seu dia a dia em textos audiovisuais. Mostrou também que a aproximação desses “novíssimos diários” com os diários tradicionais não se dá sem tensões. Os v/blogs são diários? Não, mas se aproximam, já que tanto os diários tradicionais como os vídeos confessionais são tidos como uma tentativa de olhar para a própria vida com afastamento, como se vivida por *outro*. E são escritos por motivos variados: respondem a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. De lembrar-se, compreender-se, construir-se, narrar-se, descobrir-se. Assim, como nos diários tradicionais, a possibilidade de desabafar, pensar e escrever, mas, principalmente, a capacidade de autoconhecimento por meio da escrita permanece nos diários confessionais virtuais. É o que os aproxima.

Se podemos ver nas características ressaltadas alguma continuidade em relação aos diários tradicionais, também é possível apreender uma série de descontinuidades. Sempre atreladas à questão da subjetividade. A centralidade no reconhecimento e, conseqüentemente, a cada vez maior dependência dele figura agora, junto ao rebaixamento dos muros da privacidade, entre as alterações de comportamento mais significativas presentes nos diários confessionais publicados no YouTube. Visibilidade é a expressão-chave no contexto dessas novas formas de falar de si que a geração digital exhibe na internet. A presença constante do outro, explícita ou não, também é uma das marcas desse novo gênero. O outro, como afirma Freitas (2007), é o lugar da busca de sentido e da condição de existência. Como na crítica postada no vlog de Felipe Neto, que chama atenção para o corte do cabelo do vlogueiro, à moda do vampiro Edward, “herói” do filme *Crepúsculo*. Teria já se dado conta Felipe Neto de tantas afinidades com o “vampiro” que tanto critica? O gosto pela cor preta, o corte de cabelo, as noites insones... Aí vemos se configurar o YouTube – e seu espaço para comentários – como lugar de revelação. Para quem se mostra e para quem vê. Ressalta-se aí a alteridade também como lugar de estranhamento.

Pelo gosto pela exposição – mas não só por isso – muitos autores enxergam nesses vloggers uma grande dose de narcisismo e superficialidade. Descompromisso, desengajamento e frieza também são palavras exaustivamente citadas como marcas de parte dessa geração digital e usadas para definir o (atual) *espírito do tempo*.

Nesse tempo em que todos os tempos convivem, talvez seja também um tempo de refazermos a questão crucial para nós, educadores: que “modos de ser” se desenvolvem junto às novas práticas de expressão e comunicação via internet?

Para tentar responder a essa pergunta, privilegiamos os conceitos bakhtinianos que elegem a alteridade, e com ela a diferença, e o dialogismo, e com ele a importância da voz dos outros, tomando-os como suportes de primeira grandeza na construção da subjetividade. Isso porque Bakhtin nos diz que só o olhar e a palavra do outro e o diferente podem dar conta das nossas incompletudes.

Junto com a questão interativa e dialógica afirma-se no pensamento bakhtiniano o estudo da polifonia. A dimensão polifônica insere-se na lógica, segundo a qual a vida da linguagem se revela na pluralidade de vozes presentes mesmo nos diários íntimos confessionais publicados na internet, porque existe aí uma aposta na existência de um público, na existência do *outro*. E o olhar do outro nos revela.

E é sobre direcionar o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer desatino ou imprudência, que devemos pensar. Olhar para a tela do YouTube somente não responde às nossas questões, mas nos fornece pistas. Como tantos outros sujeitos, os *youTubers* navegam na internet. Mas, ao publicarem diários confessionais, navegam em águas profundas, trazendo à tona questões submersas, muitas vezes para eles próprios. O solitário ato de gravação leva o *youTuber* a um ato de reconhecimento. Para muitos usuários, a possibilidade de repetição é um fator significativo de autorreflexão. Produzir, gravar, editar uma confissão dá chances de ver/rever continuamente o *eu*. Dá chance também de reeditar a própria vida. Isso porque a *web 2.0* e sua ideia de compartilhamento acabam por se tornar um terreno propício de experimentação de uma nova subjetividade, uma subjetividade continuamente exteriorizada e visível, numa nova forma de autoconstrução.

Direcionando o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer irracional ou imaturo, um achado relevante desta pesquisa foi perceber os vídeos confessionais publicados no YouTube como espaços de subjetivação. Dar um “zoom” no *eu* é mais uma estratégia de suporte na elaboração do *eu* para a interação com *outros*.

Direcionando o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer irreal ou ilógico, um achado relevante dessa pesquisa foi, pensando a educação como um amplo processo social que não se resume aos cotidianos institucionais

de aprendizagem, perceber que o mundo virtual pode ser explorado coletivamente. E o que essas redes sociais podem nos dizer sobre as juventudes e os novos modos de ser e estar no mundo? De que forma o mundo virtual pode ajudar os educadores a compreender o jovem no mundo real? Em relação a esses novos tempos, o olhar do educador se encontra também ainda em construção. Por isso, o mundo virtual deve ser compreendido no estar - junto, como espaço de conexão e mediação, compreendendo o jovem em suas experiências juvenis não escolares. Ele quer ser visto. Do jeito que deseja se mostrar. Talvez o foco da escola deva ser direcionado mais no olhar. Também via YouTube. Porque alguns jovens se exibem. E têm muito a dizer.

Direcionando o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer insensato ou impulsivo, um achado relevante dessa pesquisa foi perceber que no mundo virtual podemos criar personagens que interpretamos e com as quais nos aproximamos ou idealizamos na vida *off-line*. Mantemos uma *performance* de acordo com essa personagem. A cibercultura nos permite vivenciar com maior facilidade nossa própria identidade como sendo fluida e múltipla.

Direcionando o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer descompromisso ou banalidade, um achado relevante desta pesquisa foi perceber que a propalada democratização da mídia produziu uma metamorfose no tocante às subjetividades. E que o YouTube é o cenário estratégico para a exposição dessa metamorfose. Mesmo que isso se traduza em espetáculos, medíocres, descartáveis e de mau gosto. Mas perceber também é isso que mais importa aqui, que os vídeos confessionais não são feitos somente por desejo de exibição. Partilha, interatividade, dar e receber também se impõem. Para esses jovens produtores, o YouTube é o espaço da visibilidade, da sua constituição como sujeito social, significando uma ampliação das redes de amizade, num exercício de convivência social que reforça a autoestima e os coloca na cena pública.

Direcionando o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer narcisismo ou modismo, um achado relevante dessa pesquisa foi perceber que os diários confessionais publicados no YouTube trazem como novidade as marcas da presença do outro. Embora, na maior parte das vezes, a importância desse outro resida mais como atestado do “eu-espetáculo”, há também o outro que subjetiva. De simples audiência, muitas vezes torna-se confidente e coautor da escrita do *eu*. Até preenche incompletudes. O que vai prevalecer? A palavra-imagem jogada no ciberespaço para todos e ninguém, significando apenas um valioso ranking de acessos, uma ilusão de intimidade,

um faz de conta de trocas? Ou a palavra- imagem jogada para todos e ninguém à espera do retorno e do acabamento do eu?

Direcionando o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer irrelevante ou absurdo, um achado relevante dessa pesquisa foi perceber que as pluralidades de experiências dos grupos jovens, mesmo que no mesmo espaço físico, apontam diferenças marcantes. E retornamos a Bakhtin: “Somente somos iguais no plano teórico e abstrato; no plano empírico, cada um de nós ocupa um lugar singular e único”, lembra Bakhtin (apud AMORIM, 2003). Dois jovens de uma mesma geração e diferentes espaços de possibilidades. E que se mostram nos vídeos – e é por aí que se dão a conhecer – vivenciando diferentemente o ser e estar no mundo, vivenciando diferentemente o YouTube.

Felipe Neto é ator. Faz uso de máscaras com maestria. E usa o YouTube como escalada para o sucesso. A palavra de autoridade está presente em sua fala. Quer espalhar seu modo de ser e estar também por meio do ciberespaço. Sabe bem “refinar a apresentação de si através da encenação” (GOFFMAN, 2009). Mas parece que nesse caso, tanto “Felipe Neto” foi tratado por “Felipe Neto” que sua “alma exterior” apoderou-se da “alma interior”. Não se pode mais talvez separar o virtual do real. O que se percebe no vídeo é um “cuidar de si ” para o outro. Faz sentido? Embora se apresente no vídeo como sujeito real, faz uso de estratégias para mostrar-se sempre como diante de uma tela. Mostra-se vivendo a própria vida como personagem. Em busca de mudança. Para o outro. Faz sentido? Vivendo focado em uma audiência, Felipe Neto parece viver para ser “acompanhado, compartilhado, comentado”. E, enquanto esse dia não chega, usa o YouTube como um grande laboratório de exposição.

Diana, jovem, mãe, negra e obesa, apresenta-se como ruivinha. Aparentemente fisgada pelo ideal de beleza contemporâneo, sonha ser magra. Deseja ser branca e ruiva? Não foi possível perceber pela análise dos vídeos, mas o “ruivinha” que adotou nos faz pensar. E aparece no vídeo sem maquiagem. Sem produção. Inacabada. Assim como Felipe Neto, a ideia da visibilidade como degrau para a inserção profissional está presente. Mas o que se percebe é um “cuidar de si”. Para si. Embora se apresente no vídeo com um quê ficcional, expõe, talvez num impulso, uma aparente dose de real. Sem estratégias fechadas, a máscara “ruivinha” desmonta. Não resiste ao desabafo. O real parece se sobrepor ao virtual. O que se percebe é uma Diana de carne e osso, em busca de mudança. Para si. Em primeiro plano, o desabafo. Apostando em um momento de partilha. Entre amigas. E usa o YouTube como um grande laboratório de confissão. Esta, pelo menos, é a imagem que se fez representar na cena pública que observamos.

Direcionando o olhar para estas imagens e sentidos, dando significado ao que poderia parecer superficialidade ou exibicionismo, um achado relevante dessa pesquisa foi perceber que o “como me torno quem sou”, pergunta de Melucci, em “*O Jogo do Eu*” (2004) poderia ser atualizado para “como me torno quem sou em tempos de *web 2.0*”. Práticas que misturam o real e o virtual, a elaboração e a apresentação de si, as novas configurações apresentadas aqui mostram que os vídeos confessionais postados no YouTube significam mais um meio de sociabilidade e, sem dúvida, meio de expressão de si. Representam também um modo de amplificar o presente, via webcams, para que se confirme no futuro uma sensação de “valeu a pena”. Mesmo que só por um momento no YouTube. Ver. Ser visto. Compartilhar. Refletir. Recriar-se. Eternizar-se. Fazer da vida uma tela aberta. Novos modos de tornar-se sujeito nesses tempos de *broadcast yourself*.

Referências bibliográficas:

ABREU, Rosane de Albuquerque dos S. “Cabeças digitais”: um motivo para revisões na prática docente. In: NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: Ed. PUC - Rio; São Paulo, Loyola, 2006.

AMORIM, Marília. O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo, Musa, 2009.

ARNETT, J. J. Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties. New York: Oxford University Press, 2004. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n.1, p. 129-137, jan./jul. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Estética da Criação Verbal (trad. Paulo Bezerra). 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1992].

_____. Problemas da poética de Dostoievski. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchio; Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005

_____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

_____. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica - primeira versão 1936. In Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre a Cultura. SP: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. (1935) O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1, 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1999.

BOSCO, Francisco. O Globo, 2011. 16/03/11

BUCKINGHAM, D. (2008). Introducing Identity. In: D. BUCKINGHAM, MacArthur Foundation Series on Digital Learning – Youth, Identity, and Digital. Cambridge, MA: The MIT Press.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YOUTUBE e a revolução digital**. São Paulo: Aleph, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. Consumidores e Cidadãos. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CHMIEL, Silvia. O milagre da eterna juventude. In: MARGULIS, Mario. A juventud es mas que uma palabra. Buenos Aires: Biblos, 2000, p. 85-101.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2007

DÖRING, N. "Personal home pages on the web: a review of research", in Journal of Computer-Mediated Communication, 2002

FEIXA, Carles. "Del reloj de arena al reloj digital. Sobre las temporalidades juveniles". En JOVENes. Revista de Estudios sobre Juventud. Año 7, No 19. Pp. 6-27. 2003

FREITAS, M. T. A. (Org.); **SOUZA**, S. J. E. (Org.); **KRAMER**, S. (Org.). Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. 1. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2004

GONZÁLEZ, Germán Muñoz . El consumo juvenil en la sociedad mediática. Mídia e Comunicação , Vol. 5 º, N º 12.ESPM, 2008

GREEN, Bill; **BIGUM**, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2009.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. A centralidade da cultura - notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. POA: Educação & Realidade, v. 22, n. 2, 1997.

_____. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

HAROCHE, Claudine. A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008..

HINE, Christine. Etnografia virtual. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

IBASE (coord.). Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas Públicas. Relatório de pesquisa global. Rio de Janeiro: Ibase, 2006. 1 CD-ROM.

ISTO É. Como o YouTube transformou sua vida. Edição 2109, 09 de abril de 2010.

JENKIS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

KEHL, M.R. *Juventude como sintoma da cultura.* In: NOAVES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.* São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

KOMESU, Fabiana Cristina. Entre o Público e o Privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da internet. Campinas, SP: 2005. Tese (Doutorado em Lingüística), Faculdade de Letras. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** Editora 34, 1998.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela:** modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. Trad. Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. In Para navegar no século XXI / Org. Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2000, 2 ed.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jovens: comunicação e identidade. Revista Pensar Iberoamérica, fev. 2002.

_____. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

_____. Os exercícios do ver. SP: Senac, 2001.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In MORAES, Denis de (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In MORAES, Denis de (org.). Sociedade mediatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.). Sociedade mediatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 51-80.

MELUCCI, A. O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.

MIRA, Maria Celeste. "Invasão de Privacidade? Reflexões sobre a exposição da intimidade na mídia." In: Lugar Comum. N.5-6, pp. 97-116.

MONTARDO, Sandra e PASSERINO, Liliana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. Novas Tecnologias na Educação, v.4, nº 2, dezembro, 2006.

MORAES, Dênis de (org). A sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro, Mauad, 2006

OLIVEIRA, R. M. C. de. (2002) Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Bahia: /s.n./, 2002.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PAIS, Jose Machado. "Buscas de si; expressividade e identidades juvenis". In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (orgs). Culturas Jovens. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Rousseau. As confissões*. Tradução por Wilson Louzada. Rio de Janeiro : Tecnoprint, 1965. (Clássicos de Bolso – Edições de Ouro – Águia de Ouro-AG 1219). Tradução de: Les confessions.

SANTAELLA, L. Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não-escolar no estudo sociológico da escola. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs.). Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 2007.

TAPSCOTT, D. Geração Digital: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999.

_____, D. A hora da geração digital. Rio de Janeiro: Agir: Negócios, 2010.

TEZZA, Cristovão. "Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin". In: FARACO et al. *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2006.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

SOUSA SANTOS, B. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2000.

TÜRCKE, Christoph. 'Sociedade excitada – a filosofia da sensação' (Unicamp, 2010),

TURKLE. Sherry. "A vida no ecrã. A identidade na era da internet", Lisboa: Relógio d'Água.1995.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias. In: ALAMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). Culturas juvenis. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA. Tomás Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 7-72.

LINKS:

ALEXA. Tráfego e visitantes por país do Mundo no YouTube. Disponível em:<http://www.alexa.com/siteinfo/youtube.com>. Acesso em 07 de maio de 2010.

ASSIS, Machado de. **O Espelho**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. Disponível em: <http://www.lumiarte.com/luardeoutono/machado-espelho1.html>. Acesso em: 15 de dezembro de 2010.

BRUNO, F. Máquinas de ver, modos de se: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. Disponível em:www.comunica.unisinos.br/tics/?page=textos2004. Acesso em 20/10/10

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. (Estudos Históricos nº 21, "Arquivos Pessoais", pp.43-58.) Disponível em irtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude, cultura e cidadania. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1023&cod_chave=1242&etra=c. Acesso em 13/08/10

_____. Juventudes: as identidades são múltiplas. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1086&cod_chave=1242&etra=c. Acesso em 13/08/10

_____(on-line).Identidade, mídia e globalização.

Disponível em:

http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/texto_link.asp?cod_link=1063&cod_chave=1242&etra=c. Acesso em 13/08/10

CARRANO, P. e DAYRELL, J. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de outro mundo. Disponível em:

http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=34&Itemid . Acesso em 13/08/10

_____. Comunicação apresentada no II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, realizado na cidade Porto Alegre, 2009. Disponível em

http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Comunica_Carrano_luso_brasileiro_sociologia_educacao.pdf. Acesso em

CHAUÌ, Marilena, 1998 . Janela da alma, espelho do mundo. Disponível em [http://www.unipam.edu.br/educacaoespecial/images/stories/Janela da alma](http://www.unipam.edu.br/educacaoespecial/images/stories/Janela_da_alma). Acesso em 20/01/11

COUTO, H. H. O. de Magalhães. Vídeos@Juventudes.br Um estudo sobre vídeos compartilhados por jovens na Internet. RJ: UNIRIO, 2008. 186 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2008.

BRASIL, A. MIGLIORIN, Cezar . A gestão da autoria: anotações sobre ética, política e estética das imagens amadoras. 2010. Disponível em:

<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/75>. Acesso em 14/01/11

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. Rev. Bras. Educ. Nº. 24 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2005. Disponível in: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000300004&script=sci_arttext

DAPIEVE, Arthur. – O **Globo** – Segundo Caderno, 31/07/09; 5/11/10

FREIRE Filho, João e LEMOS, João Francisco de. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. 2008

Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewArticle/126>. Acesso em 25/10/10.

GAY, Peter. "A discrição do melhor amigo". *O coração desvelado*, Companhia das Letras, 1999. Disponível em www.companhiadasletras.com.br/diarios/. Acesso em 13/08/10.

LANGE, Patricia G. (2007). Commenting on Comments: Investigating Responses to Antagonism on YouTube, disponível em: <http://web3.cas.usf.edu/main/depts/ANT/cma/Lange-SfAA-Paper-2007>. Acesso em 31.08.10.

LECCARDI, C. (2005). Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Sociedade*, 17 (2). Disponível: <http://www.scielo.br>> Acesso em: 04/08/2010

LEJEUNE, Philippe. Diários de garotas francesas no século XIX: Constituição e transgressão de um gênero Literário. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu08.04.pdf>. Acesso em nov/10.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Org. Jovita M. G. Noronha. Trad. Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008

LEMONS, André. A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet, 2002. Disponível in <http://www.andrelemons.info/artigos/arte%20da%20vida.htm>. Acesso em 20/10/10.

_____. Ciberultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre, Sulina, 2002

LOPES, 2010. Eu sou a minha cena musical. Disponível em: <http://ipsilon.publico.pt/musica/texto.aspx?id=248431>. Acesso em 19/11/10.

MACIEL. Sheila Dias. Diários: escrita e leitura do mundo. 2002. Disponível em <http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v3n1/artigo%205%20diarios.pdf>. Acesso em 25/10/10

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jóvenes: comunicación e identidad. Pensar Iberoamérica: Revista de cultura. Nº0, Fev. 2002. Disponível em: <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>. Acesso em 11/11/10

OROZCO GOMES, Guillermo. Los estudios de recepción: de un modo de investigar, a una moda, y de ahí a muchos modos. Revista InTexto, ed. 9. Disponível em <http://www.intexto/ppgcom/ufrgs> Acesso em 08 de setembro de 2010.

PAIS. Machado. Cotidiano e reflexividade.2007.Disponível em: <http://jmp.home.sapo.pt/artigos.html>. Acesso em 25/07/11

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera • 122 – 128. www.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf

RECUERO, Raquel da Cunha. Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. Sessões do imaginário, Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 19-27, jul. 2005. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/806/613>>. Acesso em: 20 agos. 2010.

ROUSSET, J. "Le journal intime. Texte sans destinataire?" *Poétique*, Paris, n. 56, nov. 1983, p. 435-443.

_____. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, dez / 2003 <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/22/a03v1n22.pdf> acesso 10.09.2010

SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997

SENAY, Michèle. L'Intimiste. Site dedicado aos diários íntimos. Disponível em: <www.colba.net/~micheles. Mantido por Michèle Senay>. Acesso em: 13 ago 2010

SERRANO, Paulo Henrique Souto Maior. Cognição e interacionalidade através do YouTube. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/serrano-paulocognicao-interacionalidade-youtube.pdf> >. Acesso em 26 de setembro de 2010.

SCHWERTNER, Suzana. Laços de amizade: modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital. 2010. Disponível em: <http://www.radarciencia.org/doc/lacos-de-amizade-modos-de-relacionamento-jovem-em-tempos-de-conectividade-digital/o2ScYKq3q15fqJ1yYalzpzmYzWIYGRjZGtmYmVkBQLj/> Acesso em 15/12/10

SIBILIA, Paula. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. In: Em Questão, Porto Alegre, v.11, n. 1, p. 35 a 51, jan./jun., 2005

_____. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>>. Acesso em agosto de 2010.

_____. O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams. In: CAIAFA, Janice; EIHAJJI, Mohammed. (Org.). Comunicação e Sociabilidade: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 181-199.

_____. "Sociedade do espetáculo: só é o que se vê". Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2497&sec=290. Acesso em: 08 set. 2010.

SODRÈ, Muniz. O Globo, 2009. Online. Acesso em 15/12/10

ROUSSEAU, Jean Jacques. As Confissões. Rio de Janeiro. José Olympio. 1948.

TAS, Marcelo. Cultura digital. br. Disponível em <http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-entrevista/os-tempos-modernos-de-marcelo-tas>. Acesso em 19/01/11.

TEZZA, C. Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin. IN: *ma introdução a Bakhtin*. Curitiba, Editora Hatier, 1988.

YOUTUBE. Termos de uso. Disponível em <<http://www.Youtube.com/t/terms>>. Acesso em 1 de ago. de 2010.

WELLMAN, Barry. "The network community ". Networks in the Global Village". Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/globalvillage/in.htm>. Acesso em 09/02/11

WESH, Michael. 2009. YouTube and You: Experiences of Self-Awareness in the Context Collapse of the Recording Webcam. Explorations in Media Ecology 8(2): 19-34. Disponível em <http://ksuanth.weebly.com/wesch.html>. Acesso em 06/05/11

VERSIGNASSI, A. (2001a, abril) Diário on-line tem atualização rápida. Disponível em: <http://www.uol.com.br/folha/informática/ult124u5588.shl>. Acesso em: 17/2/2002 (2002a).

_____. (2001b) Pelo buraco da fechadura eletrônica. Folha Informática. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28/11/2001, p.F1-F3.

_____. (2001c, janeiro) Weblogs reiventam o uso da Internet. Disponível em: <http://www.uol.com.br/folha/informática/ult124u3961.shl>. Acesso em: 17/2/2002 (2002b).

VIANA, Hermano. O Globo, 2011. 27/05/2011

Diários, filmes e contos mencionados:

FRANK, Anne e **FRANK**, Otto. O diário de Anne Frank. Rio de Janeiro : Record, 2004. 19ª edição

MALINOWSKI. MALINOWSKI, Um diário no sentido estrito do termo. Rio de Janeiro: Record, 1997: 12. O diário de Bronislaw Malinowski (1884-1942)

SONTAG, SUSAN. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2009/08/08/susan-sontag-renascida-diaros-1947-63-212212.asp>. Acesso em 11/11/2010

WARHOL. The Andy Warhol Diaries http://www.gostodeler.com.br/materia/1879/a_tradicao_dos_diaros_pessoais.html)

KAHLO, Frida. Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os 'quadros' de Clarice Lispector. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2003, vol.11, n.1, pp. 71-87. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104...script=sci... Acesso em 13/08/10

Filmes:

AS PONTES DE MADISON, de Clint Eastwood. EUA, 1995.

A REDE SOCIAL, de David Fincher. EUA, 2010.

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA, de Walter Salles. Brasil et. 2004.

TUDO SOBRE A MINHA MÃE, de Pedro Almodóvar. Espanha, 1999.

Conto:

O ESPELHO: esboço de uma nova teoria da alma humana. Machado de Assis.